

PRÊMIO SINDTIFES DE LITERATURA



POESIAS, CRÔNICAS E
HISTÓRIAS CONTADAS
PELOS SERVIDORES
PÚBLICOS

ORGANIZAÇÃO
DEVISON NASCIMENTO
TAIS RANIERI
WILLIAM JÚNIOR
VICTOR OLIVEIRA

46 CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS SOBRE O COTIDIANO E OUTROS QUE NEM IMAGINÁVAMOS EXISTIR



ANTOLOGIA PRÊMIO SINDTIFES DE LITERATURA

Devison Amorim do Nascimento
Tais Ribeiro Ranieri
William Pessoa da Motta Júnior
Victor Daniel de Oliveira e Silva
(Org)

**Histórias, crônicas e as poesias
contadas pelos servidores
públicos**

**Edufra
Belém
2019**

© 2019 Universidade Federal Rural da Amazônia.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Abraham Weintraub

MINISTRO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA

Marcel do Nascimento Botelho

Reitor

Janae Gonçalves

Vice-Reitora

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS

Saulo Wanzeler

Pró-Reitor

Victor Oliveira

Pró-Reitor Adjunto

DIVISÃO DE CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Mário Sérgio Santos Ribeiro

Luana Costa Viana

Élson Ribamar da Rocha

Ellen Sousa Gomes

Suely Nazaré Furtado França

Gerente da Edufra

Devison Amorim do Nascimento

Tais Ribeiro Ranieri

William Pessoa da Motta Júnior

Victor Daniel de Oliveira e Silva

Organização

canva.com

Capa

Érika de Sousa Peres

Revisão



ENDEREÇO

Av. Tancredo Neves, 2501

CEP: 66077-530 - Terra Firme

e-mail: editora@ufra.edu.br

Prêmio Sindtifes de Literatura 2018: Contos, Crônicas e Poesias

Realização

Sindicato dos Trabalhadores das Instituições Federais de Ensino Superior no Estado do Pará –
SINDTIFES



Apoio

Pró-reitoria de Gestão de Pessoas
Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA

Comissão Organizadora

Antônio Juraci Siqueira
Cleber Luiz Coelho da Silva
Devison Amorim do Nascimento
Érica de Sousa Peres
Jônatas Herrmann Dornelles
Otacílio Amaral Filho
Rane do Socorro Siqueira
Tais Ribeiro Ranieri
Victor Daniel de Oliveira
William Pessoa da Motta Júnior
Wanderlea Azevedo Medeiros Leitão

Comissão Avaliadora

Antônio Juraci Siqueira
Érica de Sousa Peres
Jônatas Herrmann Dornelles
Otacílio Amaral Filho

Designer de Troféu

Miguel Silva Guimarães

Poesias, crônicas e histórias contadas pelos servidores públicos [recurso eletrônico] / Devison Amorim do Nascimento (org.)... [et al.]. - Belém: Eufra, 2019.

131 p.: il.

ISBN: 978-85-7295-147-0

1. Literatura. 2. Literatura brasileira. 3. Universidade Federal Rural da Amazônia. I. Nascimento, Devison Amorim do (org.) II. Ranieri, Tais Ribeiro (org.) III. Motta Júnior, William Pessoa da (org.) IV. Silva, Victor Daniel de Oliveira e (org.) V. Título

CDD - 800

Catálogo na publicação: Cristiane do Espírito Santo Coelho CRB 2/ 1027

Designer de Logotipo

Devison Amorim do Nascimento

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO	11
SESSÃO I – CONTOS	13
CONTO 1 – Monstruosa Violência de Sombras (premiado)	14
<i>Anselmo de Sousa Gomes – UFPA / Campus Castanhal</i>	
CONTO 2 - No Acampamento era assim – Darindo e sua (?) Lalá (premiado)	19
<i>Rosiris Lopes Rodrigues Mendes – UFPA / PROGEP</i>	
CONTO 3 – O Anjo Hacker (premiado)	24
<i>João Leno Lima da Rocha – UFRA / ISARH</i>	
CONTO 4 – Uma Brincadeira Mal-entendida, um Adeus Iminente	27
<i>Norberto da Silva Marques – UFPA / IFCH</i>	
CONTO 5 – Princesa ou Gata Borracheira	32
<i>Cleuzeni Santiago da Silva – UNIFESSPA / PROEG</i>	
CONTO 6 - Pedro sob Pedras	36
<i>João Marcelino Pantoja Rodrigues – UFPA / Campus Breves</i>	
CONTO 7 – O Velho Pharolete	42
<i>Benjamim da Costa Araujo – UFPA / PROGEP</i>	
CONTO 8 - O Pretendente Desastrado	46
<i>Benedito José Brabo Pantoja – UFPA / PROAD</i>	
CONTO 9 - O Mundo	47
<i>Yuzo Nakamura – UFPA / Biblioteca Central</i>	
CONTO 10 - É só um Rato?	49
<i>Simone Lopes de Mattos – UFPA / HUIBB</i>	
CONTO 11 – Concurso	55
<i>João Marcelo – UFPA / IFCH</i>	
CONTO 12 - Anhangá	58
<i>Suelen Favacho Vilhena – UFRA / PROGEP</i>	
CONTO 13 - A Queda	63
<i>Raphael Carmesin Gomes – UFPA / PROEX</i>	
CONTO 14 - A hora do pesadelo	65
<i>Thaís Luciana Corrêa Braga – UFPA / ASCOM</i>	

SESSÃO II – CRÔNICAS	71
CRÔNICA 1 – A Penúltima Crônica (premiado)	72
<i>João Marcelino Pantoja Rodrigues – UFPA / Campus Breves</i>	
CRÔNICA 2 – Dose de veneno, dose de remédio (premiado)	75
<i>Thaís Luciana Corrêa Braga – UFPA / ASCOM</i>	
CRÔNICA 3 – O Coração Ainda Lembra (premiado)	78
<i>Gilson Pedroso dos Santos – UFOPA / IBEF</i>	
CRÔNICA 4 – Tudo o que não Pedimos Está de Volta	80
<i>Djane de Sousa Barros – UFOPA / Campus Itaituba</i>	
CRÔNICA 5 – Sobriedade Setembrina	82
<i>Benedito José Brabo Pantoja – UFPA / PROAD</i>	
CRÔNICA 6 – Filhos da Universidade	84
<i>Ronne Clayton de Castro Gonçalves - UFOPA/ Campus Itaituba</i>	
CRÔNICA 7 – Entre a cruz e a espada	86
<i>Vanusa Carneiro de Abreu – UNIFESSPA / IESB</i>	
CRÔNICA 8 – Devaneios	87
<i>Louise Bogéa Ribeiro – UFPA / Museu</i>	
CRÔNICA 9 - De novo, “Secretária traga um quilo de bombons”	89
<i>Rosiris Lopes Rodrigues Mendes – UFPA / PROGEP</i>	
CRÔNICA 10 - De Monet à Picasso	91
<i>Raphael Carmesin Gomes – UFPA / PROEX</i>	
CRÔNICA 11 – As Tardes no 306, em Belém do Pará	94
<i>Jose Carlos Vanzeler Pompeu – UFPA / Vice-Reitoria</i>	
CRÔNICA 12 - A urbe e seus cheirinhos	96
<i>Norberto da Silva Marques – UFPA / IFCH</i>	
CRÔNICA 13 - A Menina que fazia chover	99
<i>Benjamim da Costa Araujo – UFPA / PROGEP</i>	
CRÔNICA 14 - A Culpa Foi do Café	101
<i>Daniela Figueira Alano – UFOPA / Ouvidoria</i>	

SESSÃO III – POESIAS	103
POESIA 1 – Primavera (premiado)	104
<i>Glória Maria da Silva Martins – UFPA / PROINTER</i>	
POESIA 2 – Maria (premiado)	107
<i>Jheime Matos de Sousa – UFRA / PROAES</i>	
POESIA 3 - Ima(r)gem Reversa (premiado)	109
<i>João Marcelino Pantoja Rodrigues - UFPA/ Campus de Breves</i>	
POESIA 4 - O Que Falta é Consciência	111
<i>Cliciane Santos Melo Sarrazin – UFPA / ICS</i>	
POESIA 5 – O Campus da UFPA	113
<i>Sandra Maria Barroso de Almeida – UFPA/Reitoria</i>	
POESIA 6 - Na Bordado Assombro	114
<i>Anselmo de Sousa Gomes – UFPA / Campus de Castanhal</i>	
POESIA 7 - Migalhas no Tempo	116
<i>Reinaldo José Vidal de Lima – UFPA / Campus de Ananindeua</i>	
POESIA 8 - Manual do que não Fazer ao ser Professor	118
<i>Fabiano Hector Lira Muller - UFOPA/ Campus de Itaituba</i>	
POESIA 9 – Filho da Pátria Desalmada	119
<i>Jair Francisco Souza Magalhães – UFPA / IFCH</i>	
POESIA 10 - E o Poeta Chorou	121
<i>Rosiris Lopes Rodrigues Mendes – UFPA / PROGEP</i>	
POESIA 11 – Disfarce de tempo	122
<i>Raphael Carmesin Gomes – UFPA / PROEX</i>	
POESIA 12 – Descanso	123
<i>Líliam Cristina Barros Cohen – UFPA / ICA</i>	
POESIA 13 - De Repente Professor	124
<i>Ronne Clayton de Castro Gonçalves – UFOPA / Campus Itaituba</i>	
POESIA 14 - Da Impermanência do Caos Permanente	125
<i>Daniela Figueira Alano – UFOPA / Ouvidoria</i>	
POESIA 15 – Cidadão Alienado	126
<i>Kátia Tavares Campos – UFPA / IFCH</i>	
POESIA 16 - Bem-vindos ao Século XXI	127
<i>Gilson Pedroso dos Santos – UFOPA / IBEF</i>	
	129

POESIA 17 - Atendimento ao Público

Djane de Sousa Barros – UFOPA / Campus Itaituba

POESIA 18 – Alardeando o Amor

131

Eulália Soares Vieira - UFPA/ Escola de Aplicação

APRESENTAÇÃO

Para apresentar esse livro pensei que seria uma tarefa fácil em meio a tantas outras que desenvolvemos e ocupamos na gestão de pessoas. Além de escritor, gosto da literatura e como pai de um garotinho de 4 anos, ler para ele é um grande prazer. Pensei que tudo isso me daria tranquilidade ao iniciar. Porém, falar sobre contos, poesias e crônicas tão bem escritos por colegas de carreira me traria um grande desafio. Afinal, percebe-se nesse trabalho que os autores possuem um potencial imenso na escrita, pois transmitem impressões, sentimentos pessoais, identidade e criatividade de uma forma que mesmo na vida pública, percebemos características de grandes poetas e escritores.

É claro que quando consideramos a experiência da escrita, cada servidor que acatou as regras do Prêmio SINDTIFES se deparou com pelo menos com um desses desafios: a escrita, a publicação e o público. Ser avaliado não é fácil, mas de forma simples e prática, os organizadores do prêmio reconheceram não só os melhores, mas também alcançaram os que tiveram o trabalho árduo de apresentar uma parte de si. Todo esse processo foi um trabalho árduo, onde o sucesso e o fracasso fazem parte da proposta e que não desmerece nenhum dos autores.

Apesar de não conhecermos a particularidade de cada autor, é fato que parte dos textos apresentados se relacionam com o cotidiano da Universidade Pública. Muito além disso, é fácil se relacionar com os contos e crônicas do nosso imaginário, assim como se emocionar com poesias arregradas de luta, vitórias e superação. Em todo o conteúdo dessa antologia, encontra-se uma intimidade fascinante como pano de fundo.

As sessões divididas em Contos, Crônicas e Poesias apresentam os três primeiros trabalhos premiados. Quando atentamos para a qualidade do conteúdo, é fácil perceber que todos os autores premiados seguem um caminho de crescimento, mas cientes de que o percurso como autores exige muita dedicação. Inevitavelmente o social, o político e o imaginário invadem as linhas dos premiados e se misturam aos dramas pessoais de cada um, reforçando a importância da arte e da proposta do Prêmio SINDTIFES dentro do ambiente acadêmico, profissional e universitário.

Gostaria de encerrar esta apresentação dizendo para aqueles que não são escritores ou que queiram apenas ser leitores, não se acovardem em persistir nesse desejo. O conteúdo disposto aqui, além de todos os ganhos, serve também de inspiração. Leiam na ordem e no tempo que desejarem. Façam dessa antologia um presente de igual

para igual. Um presente que se delicia cada detalhe aos poucos, apreciando cada experiência. Quem sabe, ao final de um dos textos, você se depara com algo completamente novo e encantador para sua vida?

Victor Daniel de Oliveira e Silva *

* Administrador (IESAM); Mestre em Administração (UDELMAR-CHILE); Mestre Profissional em Ensino (UFPA); Pró-reitor Adjunto de Gestão de Pessoas (UFRA)>

PREFÁCIO

Depois que aceitei o convite para prefaciar essa obra, me dei conta da grande responsabilidade que me foi proposta: prefaciar um livro que reúne textos de funcionários de instituições públicas de ensino superior, variados autores, ou seja, uma obra feita “a várias mãos”. Sim, mãos de pessoas diferentes, na beleza e profundidade do que quer dizer diversidade- de pensamentos, estilos de vida, crenças- mas unidos pela linha do serviço público superior e pelo gosto por escrever histórias, em prosa e em verso.

Contadora de histórias que sou, vi-me diante de “um prato cheio”, logo de entrada, na primeira seção: uma riqueza de contos com temáticas variadas que nos fazem experimentar sentimentos e sensações diversas como medo, raiva, resiliência, sentimento de justiça, encantamento, desencantamento entre outros, afinal, diversos também serão os leitores desse livro.

Alguns contos são ambientados em lugares distantes, fictícios e que brincam com o imaginário trazendo lendas e superstições; outros parecem bem próximos, quase, (baseados em fatos reais?!), quem pode responder senão o cada leitor e suas vivências? Ao final da primeira seção constata-se que cada autor conduziu suas histórias de forma a conquistar os leitores pela inteireza de sua escrita.

Avançando no “banquete”, chega-se à segunda seção, tão gostosa e instigante quanto à primeira: as crônicas, esses textos que refletem o olhar do autor sobre o cotidiano e que, a partir do foco lançado pelo autor, já não será mais tão corriqueiro para quem lê. Tão diversa quanto a seção de contos, a seção de crônicas, traz humor ora leve, ora sarcástico, além de algumas reflexões políticas e um foco bastante especial para as memórias de infância, apresentando certo saudosismo por tradições e costumes que ficaram guardados na memória e remetem a pessoas, lugares, vivências que, de certa forma, também tocarão os leitores.

Quando se pode, por fim, supor que já se está satisfeito com o que fora apresentado nas seções anteriores... Na terceira seção, o leitor é conduzido por outra forma de contar histórias: a poesia, são apresentados poemas, que por meio de seu jogo lírico/sutil em alguns, falam de amores possíveis, ou nem tanto, de paisagens e sentimentos; outros são cortantes e falam de posicionamentos diante da sociedade e suas mazelas, de política e politicagem chamando à reflexão- ação- transformação; outros

tratam, inclusive, sobre o ofício de professor e de servidor público, afinal em poesia, tudo pode, porque poesia é vida sentida e trasposta para a escrita.

Contar histórias, nos gêneros apresentados nessa coletânea, corrobora para se comprovar, mais do que nunca, a possibilidade de convivência entre diferentes, e o quanto essa convivência na produção escrita, traz beleza e amplia os horizontes de autores/narradores e os leitores fazendo uma conexão subjetiva com a realidade permitindo identificações, aproximações, análises e reflexões.

Chega então o momento de partir o pão, partilhar as histórias contadas de forma tão instigante pelos autores dessa coletânea, em suas diferentes formas e estilos, afinal, “quem conta um conto, aumenta um ponto” e cada um dos narradores dessa coletânea, contribuirá, com seus olhares transpostos em seus textos, para que os seus leitores aumentem muitos pontos...

Que assim seja!

Ana Selma Barbosa Cunha *

*Contadora de histórias, integra a Rede Internacional de Contadores de Histórias (RIC); Pedagoga (UFPA); Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA).

SESSÃO I

CONTOS

MONSTRUOSA VIOLÊNCIA DE SOMBRAS

Anselmo de Sousa Gomes

UFPA/ Campus de Castanhal

Tácita se deu conta de que a tristeza não era algo concreto, como uma fruta escura que se come voluntariamente. Nem mesmo uma ideia que gerasse dor física, um espasmo que atravessasse os nervos e os músculos, rompendo a sanidade. Por esse motivo, talvez, olhava com espantosa imobilidade, ora para o homem, ora para o revólver caseiro cor de grafite que ele empunhava em direção ao seu rosto. Ao lado, a motocicleta, ainda quente, amarrotava o capim ressecado de setembro.

Antes desse momento, ela não tinha sequer refletido sobre essas coisas. Era feriado pátrio, a praça principal repleta de crianças uniformizadas, água mineral, brinquedos de miriti, isopor, cartolina, bosta de cavalo, polícia militar. Para os lados do coreto, um rojão estourava, ecoando contra o ar amarelo da manhã. Tácita estacionara a moto na fileira reservada aos mototaxistas, e aguardava, como todos ali, por passageiros. Vez ou outra olhava para determinado ponto da praça, para um pequeno aglomerado de estudantes, dentre os quais a sua filha. Rindo do que os outros falavam, segurava uma cartolina com a frase “Preserve nossos igarapés”, escrita em guache vermelha e verde, com uma grande flor de papel de seda cor de laranja grudada no canto superior esquerdo. Achava as pernas da menina muito compridas, e esperava que os outros não reparassem nisso como ela reparava.

Um dos mototaxistas, um quarentão gordo e sempre suado, perguntou a TÁCITA as horas, apontando com o dedo enluvado e felpudo para o pequeno relógio dourado que ela tinha nos pulsos. Seis e quarenta. O homem piscou, deu um sorriso penso e partiu em direção a um grupo de colegas de profissão que tagarelava junto a um poste, com o capacete equilibrado sobre o couro cabeludo, como um segundo crânio azul desbotado, uma protuberância que refletia os primeiros raios de sol.

TÁCITA olhou de novo na direção de onde a filha estava, mas a menina agora vinha em seu encontro, os passos largos, a cartolina pendurada debaixo do braço. Mãe, me arranja dois reais. Pra quê, Lara? Ainda não fiz nenhuma corrida hoje. A menina

coçou a cabeça, disse que queria comprar um chopp de coco com tapioca. Sem querer, TÁCITA se pegou olhando para as pernas muito compridas de Lara, os sapatos pretos sujos de areia na ponta. Toma, e não inventa de sujar o uniforme, pra não passar vergonha na hora do desfile. Lara deixou escapular um sorriso quadrado e voltou apressada para o aglomerado de alunos, onde agora uma professora baixinha conversava com todos, possivelmente dando orientações para o desfile.

O homem que apontava o revólver caseiro para o seu rosto vestia uma camisa de brim azul, muito curta, com um único bolso à altura do peito esquerdo, onde o topo de uma carteira de cigarros aparecia, prateada, com um pequeno rasgo por onde a ponta de um filtro branco despontava, como um dedo neutro. Usava, ainda, uma calça jeans cinza escura, e um par de mocassins vagabundos, com a imitação de couro rachada em vários pontos, a ponta quase bege, suja de piçarra. Lembrou involuntariamente dos sapatos empoeirados de Lara, mais cedo naquele dia. O homem tinha olhos muito redondos, como pequenas cacimbas vistas sob a luz do crepúsculo, ou como uma cobra dessas de igapó, que atravessam repentinamente o nosso caminho.

Eu quero que tu veja, ele disse, a voz uma navalha, esfolando o ar da manhã. Então desabotoou a calça e desceu o zíper, revelando um par de pernas pálidas, quase sem pelos aparentes. Foi só então que TÁCITA percebeu que o homem segurava, na outra mão, um pequeno estilete de cabo vermelho, a lâmina ainda oculta, como se, de dentro de uma caverna muito estreita, aguardasse o instante propício.

Eu quero que tu preste bastante atenção.

O desfile pátrio agora escorregava em direção à avenida principal, a melodia cíclica dos tambores ditando a marcha desajeitada das crianças, os pequenos peitos estufados com um orgulho decorado, os sapatos crepitando contra o asfalto, duros e infantis. O estalido dos pratos ecoava contra a copa das árvores, o sol reluzindo sobre o metal dourado. A manhã maquiava de azul aquele setembro, e logo estaria quente demais para se pensar em algo diferente do calor. TÁCITA já não via mais a filha, oculta entre a multidão de estudantes que se preparava para entrar no desfile, aguardando a sua vez na alternância de turmas que, pouco a pouco, entravam na avenida.

Uma mulher, com uma enorme sacola plástica cheia de bolas de isopor, se aproximou e perguntou quem era o mototaxista da vez. O quarentão gordo cutucou um negro de quase dois metros de altura, que conversava distraidamente, junto à sombra da

mangueira onde todos agora se encolhiam, uns dividindo um longo banco de madeira com a pintura verde muito descascada, outros em pé, como era o caso de Tácita. Enquanto o mototaxista zunia pela rua com a mulher, a sacola empinada pelo vento, com as bolas de isopor prestes a sair quicando pela cidade, Tácita, sem querer, pensava em uma foto que vira no facebook, em que um ciclista descia uma rua de periferia, arrastando atrás de si, amarrado à garupa da bicicleta, um grande “cacho” de balões coloridos, de onde alguns haviam desprendido, vagando espalhados pela piçarra laranja, pelas calçadas, sobre as valas escuras. E, por associação, pensou também no aniversário de onze anos de Lara, mês que vem, e em como vinha planejando encomendar um bolo, e convidar uns amigos da escola da filha.

O último aniversário que comemoraram havia sido nos cinco anos de Lara, quando Tácita ainda trabalhava como repositora em um atacadão e, por esse motivo, tinha conseguido o material decorativo e os ingredientes para os pratos da festa por um preço mais baixo. Agora, no entanto, pesava a prestação da moto, a alta do combustível, o dinheiro que devia para a irmã, o aluguel do ponto de mototáxi (o que lhe garantia uma disputa justa por clientela frente aos colegas de profissão, que ali eram todos homens, mas que, por regra, tinham que obedecer ao revezamento de corridas. Nas ruas, rodando por conta própria, tinha de enfrentar a preferência das pessoas em fazer corrida com um homem). E a filha crescendo, os gostos complicando. Os olhos, de um negro profundo, guardando cada vez mais mistério. Que presente daria para a filha? Um presente haveria de dar, pelo menos, se não fosse possível bancar a festa. Talvez um perfume, um batom. A menina andava vendo vídeos de maquiagem no celular, dando palpites nas roupas que a mãe vestia, cuidando melhor do cabelo. E aqueles olhos, escuros, escuros, balançando enigma.

Negros também eram os olhos do homem. Totalmente nu da cintura para baixo, ele empunhava o revólver em uma mão e o estilete na outra, ambos apontados para Tácita. Cano e lâmina. O pênis pendia, flácido, entre as pernas magras. Uma tristeza profunda invadia a alma de Tácita, surpreendentemente. Não havia medo. As lágrimas desciam pelo seu rosto, enquanto ela imaginava a filha desamparada, seu corpo dobrado sobre o da mãe, confuso e abandonado, sem batom, festa ou palpite sobre moda. Esse pensamento enchia Tácita de melancolia, e então ela se sentou sobre o capim amassado e amarelo, esperando o que viria, e que fosse rápido, pra que todos aqueles pensamentos fossem embora de uma vez por todas.

Contudo, o homem disse: Isso aqui é um ato de perdão. E tu deve assistir, pois só tem valia através dos olhos e da lembrança de uma mulher. Então, ele posicionou o estilete sobre a base do pênis. Esse é o meu pedido de desculpas, é violência, pois foi esse o idioma que eu aprendi, que todos nós homens aprendemos, e por meio dele amamos. O membro, repentinamente, ficou ereto, como se tivesse sido convocado por aquelas palavras. O braço, que ainda apontava a arma para Tácita, tremia quase convulsivamente, um feixe agônico e retesado de músculos. Fazia muito silêncio naquele momento. Quase não havia vento, e mesmo os pássaros pareciam ter emudecido. O que veio a seguir foi tão rápido quanto um espasmo. O homem largou o revólver caseiro e, com a mão livre, segurou o pênis enrijecido, enquanto a outra mão, a do estilete, num golpe rápido e explosivo, decepou o membro em meio a um jorro espesso de sangue.

Tácita, instintivamente, jogou o corpo para trás, comprimindo a mão contra a boca. O homem rolou para o outro lado, gritando e se contorcendo, e em meio aos seus berros guturais, a palavra perdão era repetida, num tom que parecia vir das entranhas, ou melhor, parecia vir diretamente da ferida aberta, nadando rubra e despejada sobre o capim.

A turma de Lara começava a desfilar. A manhã, escaldante, corria barulhenta e vagarosa. O movimento de passageiros havia diminuído bastante, e os mototaxistas, ociosos, comiam minicoxinhas de uma caixa de pizza e tomavam refrigerante debaixo da sombra da mangueira. Uma garota, usando uma saia plissada azul muito curta, passou e os homens a seguiram com os olhos, sussurrando e rindo. TÁCITA estava de pé, encostada no tronco da árvore, esperando que o movimento melhorasse. Mordia uma minicoxinha de frango, sem muita vontade, prestando atenção para a avenida tomada de alunos. Foi quando, do meio da multidão de espectadores, surgiu uma mulher jovem, com um menino de uns dois anos de idade no colo. A criança fungava e gemia, incomodada. Brusca, a mulher interpelou aos mototaxistas, dizendo que queria ir para o Bairro da Baixada, e que só tinha cinco reais, que o menino estava gripado, e o pai não atendia ao celular, sabe Deus onde tinha se metido. Assim, num jorro, falou tudo isso de uma vez, aprumou a criança sobre a cintura, e ficou parada, esperando o mototaxista da vez, muito séria e vermelha. O turno era de um baixinho de barba loira e cabelos espetados que, ágil, engoliu de uma vez o que restava de refrigerante em seu copo descartável e subiu na motocicleta. Partiram, o menino encolhido entre ambos, apenas as perninhas esticadas, brilhando contra o sol inclemente.

Tácita encheu um copo de refrigerante e bebericou, sentindo o impulso de tirar uma folga e ir dar uma olhada no desfile, ver se conseguiria distinguir a filha no mar de garotos e transeuntes. Mas era sua vez de fazer a corrida, e ainda não tinha feito nenhuma naquele dia. O aniversário de Lara estava chegando, e ela queria mesmo dar uma festa, com um bolo todo coberto de pasta americana, balões, as amigas da escola da filha, as músicas que elas gostavam. E comprar um batom, ou um perfume, ou um estojo de maquiagem, se de repente as coisas melhorassem, e ter a esperança de mergulhar no poço escuro dos olhos de Lara, e encontrar ali a palavra que procurava, a resposta que começava a ser exigida para a grande pergunta que a filha ia se tornando.

O sol avançava, branco e duro, e Tácita percebeu que uma lacuna na copa da mangueira a deixava exposta, alongando a sua sombra, fazendo com que a sua silhueta se chocasse contra as sombras do banco e dos mototaxistas, criando um grotesco aglomerado de formas negras, onde pernas, pés, metal e madeira se fundiam em uma batalha disforme e espasmódica, um combate silencioso que arremetia contra os tambores, a marcha infantil, o colorido da praça, os coturnos militares, Lara. Uma monstruosa violência de sombras.

NO ACAMPAMENTO ERA ASSIM – DARINDO E SUA (?) LALÁ

Rosiris Lopes Rodrigues Mendes

UFPA/PROGEP

Lalá estava ela, com uma tina¹ de roupa para ensaboar. Sua barriga se encostava nela. Passava a manhã toda com seu vestido molhado, ensopado pela água que dela escorria, mas precisava dar conta de toda aquela roupa, afinal, tinha cinco filhos e o marido, e todos precisavam estar sempre de roupa limpa, e ela se dedicava a cuidar de sua família como uma boa dona de casa, sempre preocupada em deixar a comida pronta na hora certa, a roupa no varal ou no quarador pra que o sol ajudasse a tirar toda a sujeira.

Lalá era assim, cuidadosa e preocupada com a família e há muito tempo havia perdido o fogo da paixão que a ligou a Darindo, seu marido, um simpático e brincalhão açougueiro do mercado da Pedreira, talvez por isso o cidadão não resistia aos encantos de um “rabo de saia”. Mas Lalá estava no estágio em que o verdadeiro amor aflorava, o verdadeiro porque é o que, superando a volúpia, cuida, desde as hemorroidas sofríveis do amado até as varizes, em virtude do esposo ficar muito tempo em pé por conta de seu trabalho. Lalá era assim: não beijava, mas cuidava. Não tinha tempo nem pra pentear os cabelos ou perder horas para olhar-se na frente do pequeno espelho do guarda-roupa, pois seu tempo era cuidando da casa na Travessa Estrela, da comida feita no fogão a lenha, das roupas, das crianças...

Darindo, o brincalhão, de vez em quando se envolvia com alguma bonitona que jogava seu charme pra cima dele e das peças mais caras de carne que viviam expostas no balcão dos açougues, mas ele sempre teve a preocupação de ser discreto, pois, como todo Don Juan, sempre usa como artifício de conquista os dizeres: “mulher é muito doente, e não pode deixá-la por morrer de pena dela...”, e com este argumento, vivia feliz da vida, curtindo as emoções que sua simpatia lhe permitia.

Darindo tinha o hábito de almoçar em casa e, para isso, Lalá sempre mantinha a mesa arrumada com as melhores toalhas, e como em um ritual, arrumava o prato, os

¹ Grande artefato com aspecto de bacia, só que muitas vezes confeccionada em madeira e que servia para lavar roupa ou guardar água.

talheres, a tigela para o açáí e os guardanapos mais bonitos para sempre enfeitarem a mesa para seu amado, que chegava cansado da lida da manhã: almoçava e como todo e bom paraense, tirava a sesta, enquanto que a sua Lalá limpava a mesa, lavava as louças, arrumava as crianças pra escola, varria a casa, retirava a roupa da corda e ainda ia preparar o carvão pra poder passar a roupa do amado no ferro, que deveria estar arrumada e bem branquinha para o próximo dia de labuta. À tardinha, Darindo ia pra casa dos vizinhos jogar dominó, e sua esposa continuava a labuta até que todas as crianças estivessem banhadas e preparadas para deitarem na rede para ela poder descansar para um novo dia de muita lida. Esta era a rotina do casal. Às vezes, antes de dormir, um beijo, ou nunca se permitiam um afago. Saber que o outro estava ali já importava, e deixavam-se ir para os braços de Morfeu².

Em uma manhã de chuva, Darindo saiu um pouco mais tarde para o mercado da Pedreira e, ao acelerar o passo, já que os pingos da chuva estavam ficando grossos, percebeu uma pessoa se aproximando. Quando levantou a vista, viu uma bela senhora a lhe oferecer abrigo na sombrinha e, durante a conversa, foram observando que tinham muitos pontos em comum. Ah, como tinham, tinham tanto que a partir daquele momento, uma grande paixão se apossou dos dois e a bonita Déspora já se sentia com o direito de ir buscá-lo no final do expediente, e Darindo sempre procurava se esquivar para não faltar ao horário do almoço com a “patroa”.

As insistências foram tantas que Darindo, como um bom conquistador, não resistiu aos caprichos de Déspora e, aos poucos, foi se afastando mais ainda da pequenina Lalá, que percebia o afastamento, mas não sabia o que fazer, a não ser se ajoelhar em frente a uma pequena imagem em madeira da virgem de Nazaré, padroeira dos paraenses, e pedir que Deus abençoasse sua família e não permitisse que o seu amado Darindo os abandonassem - Já pensou como seria a vida dela, com cinco filhos pra criar sozinha? Ruim com ele, pior sem ele, já pensava Lalá.

Todos os dias tremulava uma vela em frente à imagem da virgem santíssima e à noite, antes de dormir, grossas lágrimas rolavam pelo rosto de Lalá, que sentia a rejeição e a frieza como era tratada pelo amado Darindo. O que fazer, virgem santíssima? Parece que a santinha não ouvia mais os pedidos de Lalá nem percebia mais seu sofrimento....

² Deus do sono.

Como Déspora já se sentia dona da situação, começaram as exigências e as humilhações para a esposa que, na casa daquela, era chamada de “ vaca”, “gorda”, “doente” (mal sabia ela, ou sabia que era uma grande mentira de Darindo, porque mais energia que Lalá só poucas pessoas teriam); e como Darindo já almoçava na casa de Déspora, claro que levando as melhores peças de carne e deixando as mais ruins para sua casa, passava a tarde lá e só voltava para sua casa para dormir, sempre sem perceber o sofrimento de Lalá e seus cinco filhos, ignorando o que eles passavam ou deixavam de passar.

Déspora era envolvida em magia negra e teve uma brilhante ideia para se livrar da esposa e adversária. Pediu ao amado que lhe levasse um pouco de sobra de comida da esposa, o que lhe intrigou muito, mas como ele já estava ficando enjoado de tanta exigência, não deu muitos ouvidos à bonitona que, apesar de tudo, o encantava.

Só que Déspora nunca foi pessoa de ser contrariada e, talvez por acreditar em seus encantos, jogos de pernas e muitos trejeitos sexuais, decidiu partir para cima de Darindo, exigindo cada vez mais a separação da “vaca gorda”, o que não agradava muito aos ouvidos deste, até que ela fez um baita escândalo com ele no mercado, atrapalhando a venda no açougue e recebendo uma puxada de orelha de um dos colegas de profissão. Que é isso, Darindo? Nunca nem trouxestes tua mulher no teu local de trabalho e uma vagabunda dessas vem te fazer toda essa vergonha?

Vergonha? Sim, pra quem tem vergonha, aquela foi terrível. Darindo sentiu-se desorientado e começou a pensar que o colega tinha razão. Sua mulher, mal cuidada, lava roupa, cozinha, cuida das crianças e da casa, nunca tinha tempo, nem foi convidada a vir ao seu local de trabalho e sempre cumpria com suas obrigações, e agora, aquela, aquela que já nem era tão bonitona assim, apesar daquela bunda...

Mesmo com toda a vergonha, Darindo foi almoçar com Déspora, que se desculpou e novamente pediu a sobra de comida de Lalá. Darindo se esquivou e disse que à noitinha voltaria para atender ao pedido da amante. Foi para sua casa e voltou com um bolinho do resto de comida envolvido no papel, entregou para Déspora, e percebeu um brilho diabólico em seus olhos.

Darindo passou alguns dias sem procurar Déspora, pois estava preocupado com as suas reações tresloucadas e, em uma semana de ausência, tendo retornado para almoçar em casa, percebeu que Lalá estava mudada, com cabelo penteado e até um extrato de água de flores exalava do seu corpo, o que o deixou atraído por aquela

mulher que, para ele, antes, já era desexxabida³, e ao vê-la lavando a louça com um leve sorriso nos lábios, acompanhou seu olhar e viu que no outro quintal, bem próximo ao jirau de sua casa, estava um rapaz negro, alto e simpático, com os olhos de peixe morto, todo derretido pro lado da sua (sua?) Lalá...

O que estava acontecendo? Havia um turbilhão de pensamentos em sua cabeça. Darindo teve medo, medo de perder aquela mulher gorda e sem graça que há muitos anos o acompanhava, que o cuidava e ele não valorizava. Será, Meu Deus, quem será este vizinho novato? No outro dia, Darindo, ao sair, viu, como sempre, Lalá ajoelhada aos pés da imagem de Nossa Senhora de Nazaré e perguntou-lhe o que fazia ali. Lalá respondeu que o que fazia sempre era pedir que Deus abençoasse a si e a sua família, e que se esta não pudesse ser restaurada, que ele lhe desse outra. Isso deixou Darindo espantado, que saiu de casa quase correndo com aquela resposta.

Ao chegar no mercado, se deparou com uma figura que se assemelhava à Déspora. Déspora? Era uma lembrança do que fora aquela mulher voluptuosa, bunduda e cheia de charme. O que aconteceu com ela? Por que aquela mudança tão repentina? Os lábios carnudos estavam murchos e a mulher não tinha os mesmos encantos de quando ele a conheceu... Muitas olheiras, um inchaço no rosto e uma barriga disforme. Darindo perguntou se estava tudo bem e Déspora apenas perguntou: De quem era o resto de comida que tu me entregastes? Inquisidora, a mulher iniciou novamente um grande e escandaloso espetáculo com palavrões e ameaças, os quais Darindo nunca tinha recebido da sua (sua?) Lalá. Até que conseguiu que Déspora desistisse e, com promessas de visitá-la após o expediente, conseguiu que a trôpega o deixasse em paz.

Saiu do mercado, apressado, sempre com a lembrança do vizinho novato perturbando-lhe a mente, e correu para casa. Ao chegar, encontrou Lalá em altos papos com o vizinho charmoso e Darindo percebeu que estava com ciúmes. Como ciúmes daquela mulher sem graça, desexxabida e mal cuidada? Sim, ele tinha ciúmes e agora o medo de perdê-la.

Darindo chamou a esposa e olhou-a bem de perto (há quanto tempo não fazia isto) e percebeu que seu corpo gordinho era muito gracioso, que suas pernas eram torneadas (como ele não havia percebido isto???) e que sua bunda se acentuava naquele vestido roto, mas que delineava seu corpo redondinho, e que ela, daquele jeito, era charmosa (precisava reconquistá-la, mas para isso precisava resolver uma parada...).

³ Sem graça, desinteressante.

Decidiu não almoçar e saiu de casa na mesma pisada, não sem antes perceber a vela que permanecia acesa, tremulando em frente à imagem da virgem Santíssima.

Darindo chegou a casa de Déspora, e ela, aos gritos de quem estava sofrendo, já com os olhos esbugalhados e com o ventre mais dilatado, lhe impôs: responde de quem era o resto de comida que tu me destes? Ele respondeu: Era teu. E a mulher, em um ímpeto de ódio e dor, perguntou: Por que fizestes isto comigo? Agora, estás me matando! Vai, corre lá no banheiro e retira debaixo do aguidá⁴ um sapo que tá com a boca costurada. Descostura a boca dele, retira os restos de comida e me salva. Vai, imprestável! O homem, assustado, correu para o banheiro e, ao levantar o aguidá, se deparou com um sapo inchadão com a boca costurada, os olhos esbugalhados e espumando. Darindo, mais que depressa, se vira e vê no chão um pedaço de pernamanca, e sem pensar duas vezes, se agacha e dá uma paulada no sapo que o arrebenta todo, e depois ouviu o grito da mulher: Desgraçado, tu me mataste! O açougueiro saiu correndo em direção à sua casa, sem saber que a sua (?) Lalá, com um sopro, apagou a vela em frente à imagem de Nossa Senhora de Nazaré e, em uma piscadela para a Santa, guardou-a dentro da sacola e, de braços dados com o vizinho novato e os cinco filhos do lado, subiu em uma carroça e partiu para um local ignorado, onde uma nova vida de amor a esperava...

⁴ Vasilha de barro, que era utilizada para amassar açaí, mas também servia para acondicionar outras coisas.

O ANJO HACKER

João Leno Lima da Rocha

UFRA/ISARH

A conduta do anjo Francisco Braco era motivo de calorosas conversações pelos corredores celestiais. Alguns queriam sua cabeça, no entanto, era impossível. Rebaixar um anjo de sua patente era um processo um tanto burocrático, um trânsito em julgado trabalhoso e desestimulante. Seu estágio na Terra estava causando sérios prejuízos à imagem das instituições divinas. Era mais fácil aceitar que finalmente seria enviado aos confins da eternidade para ajudar na árdua tarefa de elaborar estrelas.

As notícias que vinham da Terra eram escandalosas e despertavam a fúria entre os arcanjos. Francisco estava tão viciado em tecnologia, que planejava emitir mensagens de um celular para o grande conselho celestial. Outros afirmavam, perplexos, de que Braco convocaria uma reunião extraordinária por um fórum virtual e que, com outros anjos adeptos das vanguardas tecnológicas, pretendia lançar o primeiro aplicativo da eternidade. Os debates questionavam sua lucidez e até as autoridades superiores, que o elevaram a condição de anjo. A liberação de um vídeo com imagens internas das arquitetônicas e opulentas esferas supremas foi um grande escarcéu. Braco afirmava que apenas queria modernizar a eternidade, que buscava a interação entre os conselheiros e mensageiros nos desígnios virtuais antes gloriosos. Claro, uma classe tão conservadora jamais iria permitir tal balbúrdia nos firmamentos.

Reconhecíamos que Braco era um dos anjos mais promissores de sua geração. Veloz em sua percepção, conselheiro condecorado e ouvinte paciente das mais frívolas histórias humanas. Não obstante, a convivência, mesmo oculta, com os homens em suas jornadas pela vida o fez esquecer valores tão caros no mundo celestial. Muitos suplicavam sua desgraça e comemoraram a chegada do grande dia em que seria pacientemente interrogado pelos serafins e outros ilustres da hierarquia imaculada.

Sons trovejantes, cânticos cerimoniais e conversas ocultas, rasteiras e risos flutuavam, roçando a expressão seríssima das harpistas. Todo o conselho estava reunido. Mal começou a falar - o líder da primeira tríada de Serafins – e o celular de Francisco

tocou, causando tumulto no hall iluminado. No teto, um colossal mosaico de grandes conquistadores divinos e a música de Bach, que provocava um prazeroso desconforto. Alguns revisitaram tempos remotos de pura imperfeição deliciosamente mundana, amores submersos nos quartos escuros do firmamento, a saudosa fragrância das estações e o piano no abraço sagrado de uma criança. Alguns bateram suas asas – algo que é inaceitável em certos recintos divinos. O som reverberou pelo espaço e quando foi cessado, abruptamente, causou a certeza tímida de um pequeno vazio, tilintando no até então invulnerável sentido da perfeição.

Braco desculpou-se e silenciou o aparelho.

Primeiro teria que ouvir todos os conselheiros e suas argumentações. Depois as provas seriam analisadas. Algumas orações e louvores se intercalariam. Foram incessantes protocolos, que deixaram Braco inquieto. Então, da parte falsa dos mantos brancos, tirou um aparelho celular e digitou imperceptivelmente a senha, a fim de desmarcar um importante compromisso. Perderá a condição de anjo senhor Francisco Arcanjo Braco! Furibundas a hierarquia? Não há razão além do elementar rebaixamento de sua condição. Largou o aparelho por algum instante e houve grande aglomeração no lugar. Anjos tropeçavam em palavras, palavras inclassificáveis. Na margem, a cólera de seus camaradas cândidos. Uma delinquente aflição, a ausência das astúcias dos advogados, não obstante, não entravam nos céus.

Perder a eternidade era a sentença máxima.

Então, o réu angelical envergonhou-se em toda a sua luminosidade e se aproximou da bancada do grande conselho, causando reclamações de detratores. A luz do celular deixou o sereno juiz embaraçado. O Serafim segurou o aparelho, tremendo como quem segura uma vela incendiária. Gesticulou para outros membros, e estes, constrangidos, sorriram desajeitados, e o salão silenciou. Gotas de luzes varavam de seus semblantes. Conheceram vídeos de musicais cinematograficamente plásticos, concertos de Bach, pianos de Chopin e agressivos trompetes Gillespianos. Piadas leves, absolutamente humanas, sites religiosos que julgaram ser de grande virtude. Leituras celestiais que podiam ser acessados pelo objeto. Anjos, que há muitas badaladas não conversavam entre si, agora poderiam trocar afetos familiares, crianças teriam uma distração a mais do que cantarolar por séculos as mesmas cantigas nos jardins coloridos, e finalmente as sublimes partituras poderiam ser enviadas à vários destinatários e tutoriais poderiam ser lançados para todos os anjos calouros.

O grande salão entrou em festa. Músicas e orações desordenadas, conselho em recesso e palavras de ordem sobrepuseram os murmúrios penitenciosos: “Francisco Braco é um herói!”. Brandearam os hinos. “Um anjo hacker adorável”. Confirmaram os Serafins mais conservadores. “Abominável!” Disse uma minoria de Querubins. “Modernizar o céu é necessário!” Acrescentaram os mais entusiastas.

Agora, Braco planeja uma transmissão em tempo real que revelará o dia a dia divino em toda a sua tediosa rotina.

UMA BRINCADEIRA MAL-ENTENDIDA, UM ADEUS IMINENTE.

Norberto da Silva Marques

UFPA/IFCH

Sinvalzinho era um sujeito boa praça, trabalhador, honesto e educado, mas que apresentava certo vício - mal situado entre qualidade e defeito - que lhe causava algum contratempo, principalmente nas relações interpessoais com parceiros de humor carregado. Não era defeito de caráter, pois Sinvalzinho podia ser tomado como exemplo para muitas classes, também não se tratava dos prazeres do jogo ou da bebida, embora vez por outra apreciasse uma cervejinha gelada. Diremos de forma simples e direta que Sinvalzinho era um brincalhão, um pândego de marca maior. Nas rodas onde ele se encontrava, não havia assunto cuja gravidade perdurasse por muito tempo, porque se um grupo estivesse debatendo algum tema, lá pelo meio da conversa soltava um gracejo, uma piadinha. Mas não o fazia por mal ou leviandade, pois não era maldoso, era apenas um grande gozador.

É preciso dizer que Sinvalzinho já cruzara os limites da meia idade há pelo menos duas décadas, encontrando-se àquela altura nas garras da solteirice voluntária, não que fosse adepto fervoroso da causa, mas apenas atravessava uma fase de aridez sentimental, igual àquela que todo indivíduo atravessa, pois mesmo os que carregam na mão o sinal de comprometimento, aqui e ali sentem o carinho da solidão e do abandono.

Mas nesses tempos de virtualidades, de redes sociais e comunidades ciberespaciais nas quais contamos amigos aos milhares, seguidores aos montes e relacionamentos meteóricos, Sinvalzinho encontrara uma pretendente ao posto de amor eterno. Atendia à interessada pelo nome de Margarida, a qual também já alcançara a etapa da vida em que o coração está mais frouxo quanto à escolha de seus pretendentes. Embora Sinvalzinho fosse merecedor de muitos salves por suas qualidades, era também afeiçoado de aparência física.

Se conheceram em um desses sites cujo amor e outras drogas são disponibilizados como o pó de pirlim pim pim dos contos de fadas, como se em alguns cliques pudéssemos estar apaixonados. Certamente que não, e em alguns casos, o sentimento inicial é o da insegurança, pelo menos quando não se é uma pessoa mal-intencionada. Obviamente que a motivação de cada um era diferente quanto ao ingresso em tal espaço. Possivelmente, Margarida buscava um relacionamento sério, alguém que

lhe preenchesse o vazio da alma. Já nosso dileto cavalheiro não possuía intenção tão nobre, romântica, ou seja, tanto quanto boa parte dos marmanjos que se encontram nesses espaços, o fazia por motivação fútil: encontrar alguém com quem pudesse “passar uma chuva”.

Todavia, estabeleceram contato. A princípio um oi, as perguntas iniciais – e as mentiras também – a fim de obter o máximo de conhecimento. Mas logo familiarizados, resolveram ampliar os meios de comunicação: trocaram telefone sem que se ligassem uma vez sequer, pois no mundo globalizado e conectado de hoje, usa-se mais largamente os aplicativos de mensagens. Diariamente, a troca era grande, entre bons dias, boas tardes e boas noites. Abordavam os mais variados temas sobre os quais concordavam plenamente, principalmente quanto à necessidade de se esclarecer e politizar as camadas mais humildes da sociedade. Também comentavam sobre suas famílias, dos filhos que tinham e do orgulho que sentiam deles. Assim, falavam de tudo, ou simplesmente enviavam arquivos com mensagens, músicas, vídeos ou fotos.

Entretanto, não nos esqueçamos do jeito de Sinvalzinho se portar e o quanto isso incomodava quem não estivesse de bom humor. Portanto, não seria de estranhar que tal fato se verificasse naquela relação, pois à medida que foram criando maior intimidade, Sinvalzinho foi deixando-se revelar. Assim, não demorou para que as primeiras pilhérias surgissem e, com elas, os primeiros desentendimentos.

É preciso dizer que Margarida gostava de futebol, sendo de família que muito amava o Clube do Remo, um dos principais times da cidade e que rivalizava em força, feitos e torcida com o Paysandu, clube que contava em sua história com fatos importantes, como participar de uma Taça Libertadores da América, principal torneio de futebol do nosso continente. Então, certa vez, estando o Remo às margens de um rebaixamento no campeonato nacional, o que o levaria da terceira à quarta divisão, algo por demais penoso à sua imensa torcida, estavam os nossos enamorados conversando, como sempre, pelo aplicativo de mensagens, quando Sinvalzinho resolveu fazer uma pergunta:

— E o “Cachorro de Peruca” cai ou não cai?

Convém esclarecer que entre os amantes do futebol, o time rival nunca é tratado pelo nome, pois isso seria heresia. Portanto, é muito comum ouvir-se expressões jocosas e desqualificantes quando se fala do adversário, por isso, os torcedores do Remo falam do rival, como Mucura, Banana de Pijama, “Mãessandu”, além de outros tantos

nomes. Por seu turno, os torcedores do Paysandu se referem ao contrário como Remocinha, Cachorro de Peruca, leoa mijona, apenas para citar alguns.

— Logo vi, tinha que ser Mucura. Retrucou a jovem senhora.

— Olha, pequena, eu não sou Mucura, não. Mas vou te contar: Esse teu timezinho aí, hum, parece que vai ladeira a baixo feito trem desgovernado. E mandou aquela gargalhada virtual, expressada por uma quantidade enorme de K.

Não deu outra, logo Margarida estava esbravejando contra seu interlocutor, afirmando que aquilo era uma vergonha, que não podia ser, que ele era um ogro. Logo a conversa se convertera num ato de xingamento, se encerrando de forma abrupta. Aliás, chamá-lo de ogro se tornaria bem comum desse momento em diante, bastasse um aceno mais engraçado e Sinvalzinho recebia a pecha de sujeito tosco, desajeitado, desqualificado.

Entretanto, passado algum tempo, estavam os dois trocando mensagens, até que houve um novo conflito, como aconteceu numa manhã, quando Margarida lhe mandou uma mensagem espiritualizada, dessas que as pessoas adoram mandar logo cedo, dizendo que a vida é bela e Deus está no comando. Como resposta, Sinvalzinho postou: “Diz isso pros meninos da África, que estão morrendo de fome”. Pra quê? Foi como se tivessem enfiado um punhal nas costas de Margarida, que de pronto respondeu:

— Égua! Tu és um ogro mesmo. Quanta falta de romantismo. Mas também, quem manda tentar ser gentil com uma criatura tão tosca.

— Por acaso eu estou errado, irmãzinha? Respondeu Sinvalzinho, tornando pior o que já não era bom.

— Irmãzinha? Indignara-se Margarida, recolhendo-se ao silêncio que os aplicativos de mensagens nos possibilitam quando nos sentimos agredidos por um interlocutor indesejado.

Apesar disso, algo unia aquelas almas, de modo que, por teimosia ou necessidade, logo estavam a trocar mensagens até que se sucedesse outro desentendimento iniciado sempre por ocasião de alguma observação de Sinvalzinho. Mas o derradeiro instante daquele romance estava definido, pois, certamente, não havia nos astros do firmamento algo que garantisse uma relação de longo tempo.

Assim, resolveram marcar um encontro definitivo. Chovesse canivete, o presidente ilegítimo fosse deposto ou quem sabe houvesse um terremoto de grande magnitude, nada poderia adiar, interromper ou cancelar aquele evento, pois já se falavam há bastante tempo sem que houvessem, de fato, conseguido estar frente a

frente. Todavia, nada não é exatamente um termo preciso quando se tratava de Sinvalzinho, pois ao longo do dia, numa dessas trocas de mensagens para confirmar o encontro, a coisa não processou muito bem. Haviam marcado na Estação das Docas, pois ali poderiam apreciar o movimento do início da noite, além de ser mais seguro.

— Vou adorar estar com você, tomar um *Chandon* e beijar muito. Disse Margarida, buscando ser a mais romântica possível.

— Querida, é fim de mês, no máximo teremos duas mentas e uma jujuba para adoçar a noite. Respondeu Sinvalzinho, no maior gracejo inconsequente.

— Água! Que diabos de homem pobre! Retrucou Margarida.

— Mas pequena, somos assalariados e proletário não guarda dinheiro. Dito isto, acrescentou a habitual gargalhada digital.

— Não sai nem uma água? Perguntou Margarida, sem entender a brincadeira.

— Nesse caso, teremos que deixar de lado a jujuba e uma menta. Respondeu Sinvalzinho, que em seu íntimo gargalhava frouxamente.

Então, como tomada de assalto por uma cólera desmedida, Margarida começou a desfilar um rosário de acusações ao seu interlocutor e iminente candidato a ex.

— Você é um ogro mesmo. Macho triste sem qualificação. Deve ser desespero mesmo eu estar dando trela a um sujeito que não quer tirar a mão do bolso para pagar sequer uma água. Vais bem querer transar em pé em algum canto escuro por aí. Eu é que não quero saber de homem mão-de-vaca, aproveitador.

Sinvalzinho, lendo aqueles tristes absurdos, se deu conta de que o encontro perdera sentido. Certamente, ele não era um sheik das arábias, ou um magnata do petróleo, mas se marcara o encontro na Estação – lugar agradável e bonito, porém de custo razoável – é porque levaria consigo dinheiro suficiente para pagar bem mais que uma água. Entretanto, ficara chateado com o destempero de Margarida que, naquele momento, mostrara-se soberbamente arrogante e insensível. Pela primeira vez, sentiu que sua brincadeira não funcionara como imaginado. Até pensou em dizer que estava brincando, que embora fosse pobre, sabia proporcionar bons momentos a uma companhia, mas depois de considerar por breve instante, percebeu que o que começa errado não vai melhorar nunca ao longo da caminhada. Então achou por bem colocar um ponto final naquela situação.

— Me perdoe se não sou o tipo de homem que você busca, me perdoe tomar seu tempo e te incomodar com minhas piadas, mas acho que não vai rolar esse ou qualquer outro encontro. Disse em tom de desaprovação e despedida.

— Ainda vai se fazer de vítima agora? Quem manda você ser um duro!
Retrucou Margarida.

— Pois é... Façamos assim: esqueça que nos conhecemos, apague meu número de seu telefone e seja feliz. Acrescentou Sinvalzinho, pondo fim àquele assunto.

— Acho melhor mesmo. Respondeu Margarida, acrescentando um seja feliz ao final da mensagem.

Assim, encerraram aquela conversa, ficando cada qual com um sentimento distinto. Sinvalzinho estava indignado, e porque não dizer, magoado com as atitudes de Margarida. Ela, por sua vez, estava aborrecida, chateada com toda aquela situação. Entretanto, o tempo é velho aliado das boas causas, principalmente as que possibilitam uma reflexão de nossos atos. Então, passado alguns dias, Sinvalzinho recebeu uma mensagem de Margarida: “Não sei o que acontece, pois não consigo te esquecer. Devo estar ficando louca”. Ele olhou, sorriu com o canto da boca, mas deixou ficar como estava, não se deu ao trabalho de responder. Dali a mais algum tempo, nova mensagem dando conta da saudade das conversas, e por que não, das brigas. Novamente, Sinvalzinho olhou sorriu e apagou a mensagem. Cada vez mais ficava com a certeza de que Margarida fazia parte do passado, que embora fosse uma mulher de classe, de posses e de posição, já não era mais parte de sua vida. Então, resolveu enviar-lhe uma última mensagem: “Perdoe-me, mas não faz sentido insistirmos numa coisa que não nasceu para dar certo; por favor, não me procure mais”.

Ao receber a mensagem de volta, Margarida ficou triste, por algum tempo ficou olhando a tela do celular procurando refletir sobre o texto que apresentava e percebeu que fora injusta com Sinvalzinho, pensou em retornar e tentar se explicar, dizer que tudo não passou de um mal-entendido. Todavia, pensou melhor e preferiu acatar o pedido, afinal era uma mulher de princípios que não se daria ao luxo de estar correndo atrás de homem; assim, pegou o celular, apagou o contato de Sinvalzinho e nunca mais voltaram a se falar... vida que segue.

PRINCESA OU GATA BORRALHEIRA

Cleuzeni Santiago da Silva

UNIFESSPA/PROEG

Era uma vez uma princesa que vivia em um reino não muito encantado e tinha complexo de gata borralheira. Na verdade, não sei ao certo se ela era princesa com complexo de borralheira ou borralheira com sonhos de princesa. Seguirei chamando-a princesa, pois estou fortemente inclinada a acreditar que ela seja, de fato, uma princesa.

Numa bela noite, quando caminhava pela rua escura, de repente, ouviu um som de buzina e uma forte luz ofuscou seus olhos. Sentiu que alguém se aproximou, pegou-a pela mão e lhe disse para tomar mais cuidado. Ela, naquele momento, sentira que um universo meio mágico os envolvera. Mas, neste primeiro contato, não conseguiu perceber que ele era um príncipe ou que viria a se tornar o seu príncipe, o príncipe dos seus sonhos. Ele não tinha trajes de príncipe, não montava em um cavalo branco. “Montava” em duas rodas e “cavalgava” pelas ruas como qualquer plebeu.

A princípio, não se interessou muito por ele. Tempos mais tarde, já em outro reino, a princesa reencontrou o príncipe e com ele teve um romance, mas seu complexo de borralheira lhe impediu de acreditar que haviam sido feitos um para o outro. O príncipe tinha fama de conquistador. Corriam boatos de que ele conquistara princesas e borralheiras em outros reinos. Isto também contribuía para que a princesa pensasse que ele realmente não era para ela.

Depois de certo tempo, num feio dia, ela descobriu que o príncipe tivera seu coração fisgado por uma princesa ou borralheira de um reino vizinho e ficara noivo. Façamos uma pausa para perguntar por onde andava o cupido da princesa que não fez nada e deixou que o cupido de outra flechasse o coração do príncipe. Talvez ele estivesse dormindo, ocupado com outros afazeres, ou talvez ela não tivesse cupido algum!

A princesa então pensou que certamente era uma gata borralheira e que não tinha uma fada madrinha para lhe socorrer e lhe ajudar a resolver ou a transpor aquele empecilho amoroso. Já pensaram se a princesa tivesse contado com a ajuda da fada madrinha, ganhado vestido de princesa, sapatinhos de cristal, carruagem real e, assim, tivesse ousado ir à festa de casamento do príncipe, não para ser a escolhida, uma vez

que ele já fizera sua escolha, mas para raptá-lo?! Talvez a esta altura já teríamos um desfecho para esta história que mal começou.

Sem fada madrinha na história, o príncipe então se casou e passou a ser o príncipe dos sonhos da princesa. Sim, porque ele continuou a povoar os sonhos dela. E era isto mesmo: a princesa agora sabia que ele seria apenas o príncipe dos seus sonhos, pois não poderia mais relacionar-se carnalmente com ele. Viveria um amor platônico.

Por tempos, a princesa sofreu, porque princesa também sofre! Ardeu, consumiu-se, alimentou ainda mais o dilacerante sentimento de borralheira! Até que o tempo afastou a princesa do príncipe. Bendito tempo que nos afasta daquilo e daquele que não podemos ter e acomoda nossos sentimentos!

Um dia, possivelmente um belo dia, a princesa conheceu um “plebeu”. Se não me falha a memória, ou se não me faltam leituras, não me recordo de algum conto de fadas em que princesa se envolva com plebeu. Sei que na vida real, príncipes têm se envolvido e até se casado com plebeias. Quem não se lembra do casamento do príncipe Charles com Diana no Reino Unido?! Mas, nos contos de fadas, não me recordo se isso acontece. Será que a princesa é mesmo uma princesa ou será uma gata borralheira?! Mas, voltando à narrativa e dando um salto no tempo, a princesa casou-se com o plebeu. Não foi morar num castelo em um reino encantado. Uma “cabana” num canto qualquer do reino não encantado foi o abrigo dos dois. Até o momento, não sei também se será feliz para sempre.

Os anos transcorreram e, certamente, o plebeu não lhe deu vida de princesa, mas, pelo menos nos primeiros tempos, deu-lhe tratamento de quase princesa. Ele, apesar da “rusticidade” de plebeu, parecia ter alma de príncipe. Seria ele um príncipe “vestido de sapo”?! Bom, ela o beijou várias vezes, mas nada aconteceu, a maldição não se desfez. Ou ele é nenhum príncipe sob algum encantamento ou ela não é princesa! Mas, adiantando-nos na história, fica registrado que, assim levando vida de borralheira, mas tendo tratamento e sonhos de princesa, ela foi feliz! Tão logo, teve um filho, um lindo e amado filho, com o plebeu. Outro elemento estranho. Não sei se nos contos de fadas as princesas têm filhos! Devem ter, mas essa parte deve ficar para depois do “final feliz”. E por falar em “final feliz”, aproveito para adiantar, aos amados leitores, que o final (Se é que já se pode falar em final!) da história de amor entre a princesa e o plebeu não foi feliz para sempre e a separação aconteceu.

Novamente a princesa enfrentou dias difíceis, de muito sofrimento. Mas, eis que, recém separada, em mais uma bela noite (Será ela tão bela assim?!), como que num

passa de mágica, a princesa reencontra o príncipe. Será obra de Deus?! Será do destino?! Do acaso?! Será da fada madrinha que ainda não conhece?! Será que neste ponto está surgindo o elemento fantástico, o que vai ajudar no desfecho do conto que se pretende de fadas?! Por enquanto, aguardemos.

A princesa reencontra o príncipe... descobre que ele também, nos anos em que não tiveram contato, se separara, não sei bem o porquê e também aqui não importam as razões, e depois voltara a viver com a princesa (ou bortalheira), sua mulher. A princesa da nossa história sabe, então, que ele tivera uma filha, uma princesinha, pois, pelo menos do lado do pai, tem sangue real!

Daqui em diante, o leitor verá que o mesmo tempo que nos afasta daquilo/daquele que não podemos ter, pode nos atrair e nos reaproximar, não só nossos corpos, mas também nossos sentimentos. Foi o que aconteceu com a princesa e o príncipe desta história. Mesmo a princesa sabendo que ele estava casado, não conseguiu fugir, como quando soube do seu casamento, e acabou sendo envolvida pelas circunstâncias, por ele, por algo que parecia mágico. Começara, assim, uma história que ela não sonhara e que acreditava, pelos ensinamentos que recebera de sua família e da igreja, ser totalmente errada.

Os encontros amorosos proibidos não foram muitos, mas foram bastante intensos, pelo menos para ela, e o suficiente para perceber que tudo que sentira por ele um dia parecia estar apenas adormecido e que tornara a acordar feito um leão faminto e sedento.

A princesa vivia em crise – estando com o príncipe nessa situação, ela não se sentia feliz, pois o que vivia com ele não fazia parte dos seus sonhos de princesa; ficando sem ele, ela se sentia quase que totalmente infeliz. Às vezes, ela pensava em considerar a possibilidade de viver com ele aquela história pelo resto da vida... infeliz, mas feliz por não estar sem ele. Mas, em tantos outros momentos, ela pensava, desejava se libertar do que sentia pelo príncipe e ser “independente, forte, autossuficiente” (A autora está lendo o livro “Comer, rezar, amar”, de Elizabeth Gilbert). Se libertando, a princesa poderia ser feliz com outro príncipe ou plebeu?! Essa é uma certeza que ela não tinha, mas quem sabe?! A autora deste conto acha que a princesa, assim como a personagem principal desse livro, ama desesperadamente, alucinadamente. Vivendo aquela história, aquele relacionamento com o príncipe, indo contra “tudo” que tinha de ensinamentos (valores morais, religiosos, sociais) e sabendo que poderia ter sérios

problemas, muitos sofrimentos e trazer sofrimentos e decepção a muitos entes queridos, era prova de que ela amava desesperadamente o príncipe.

Vivendo no céu e no inferno, a princesa adorava beijar o príncipe, embora “morresse” de medo de que um dia, num desses beijos, ele se transformasse em um sapo. E aí, ao invés de um conto de fadas, ela passaria a viver um pesadelo.

Aflita e um tanto (des)iludida, a princesa esteve a imaginar que se comesse a maçã envenenada e adormecesse, o príncipe viria ao seu encontro, a despertaria com um beijo de amor, os dois se casariam e viveriam felizes para sempre! Mas, se o seu conto não for de “fadas”, o que poderá lhe acontecer?! Ela continuaria adormecida para sempre?! Esse risco ela não pode correr, afinal, a princesa, desta história, tem um lindo e amado filhinho para criar.

Bem, leitores, como vocês já sabem, a autora está tentando escrever um conto de fadas, mas eis que se apresenta outro fato um tanto esquisito que lhe faz refletir. Ela não se recorda de que em contos de fadas haja princesas que desempenham papel de “amantes”. A História tem demonstrado que na vida real isso acontece e, aqui, posso usar como exemplo, novamente, a vida do casal real britânico, pois sei que vocês devem conhecer as histórias de romances que envolveram ou em que se envolveram esse casal.

O desfecho não chega... a autora decidiu que vai pedir a colaboração do príncipe para dar um final a esta história. Quem sabe, a depender da colaboração do príncipe, ela não consiga escrever o tão sonhado “conto de fadas”?!

Por enquanto, a narrativa está à espera. Vejamos se o príncipe topa ser coautor desta história. Até breve!

...

Depois de um período de espera e sem resposta, a autora acaba de se “tocar” de que escreve uma narrativa literária e que, portanto, o príncipe é apenas um personagem, uma criação sua. Assim sendo, possivelmente, não terá muito sucesso em continuar querendo ouvi-lo. Ela havia escrito ao príncipe que se a princesa comesse a maçã envenenada ou uma fruta regional mesmo (tomar um cupuaçu no leite da castanha-do-pará?! Envenenado, é claro!) e adormecesse, ele viria despertá-la com um beijo de amor e, assim, viveriam felizes para sempre. Também sugeriu que se a princesa deixasse ser raptada pelo dragão, ele iria libertá-la da prisão no castelo. Deu várias outras opções de final, mas ficou sem resposta. Então, resolveu que cabe a ela decidir sobre seu destino e, mais especialmente, sobre o destino da princesa.

Assim, a autora acha que o final poderia ser a princesa e o príncipe felizes para sempre (se ela inserisse um ente fantástico para operar “o milagre do final feliz”), mas, ao que tudo indica, o príncipe, há algum tempo, é personagem principal de outro conto (De fadas?!) que está sendo escrito por outras mãos.

Dessa forma, está a decidir que a princesa irá desistir. Ela está a pensar que, assim como existem pessoas que não vieram a este mundo para serem felizes, para viverem um grande amor, também existem princesas que não nasceram para viverem um lindo conto de fadas. Ou talvez ela deva admitir que sua personagem não é nenhuma princesa e sim gata borralheira. Com essa escolha, a princesa apenas continuará vivendo e sofrendo, certamente. Quem sabe o tempo... Não sabemos o que o futuro nos reserva... Quem sabe um dia esta aspirante à escritora possa escrever seu tão sonhado “Conto de fadas”.

Parece que a essa altura, fiéis leitores, resta-me lhes dizer da frustração que a autora encerra este que se pretendia ser Conto de fadas. Ela não conseguiu construir para a princesa um reino e um castelo encantados e muito menos o “final feliz”. Ou não conseguiu transformar a gata borralheira em princesa.

Até, amigos leitores... Antes, um momento, ouço que a princesa ouviu um barulho, como que de buzina, sirene, e eis que uma forte luz irrompe o escuro dos seus olhos. Lentamente, ainda inerte e sonolenta, vê aproximar-se do leito o seu príncipe, vestido todo de branco e lhe diz “Acordou, princesa?! Faz sete dias que dorme”...

PEDRO SOB PEDRAS

João Marcelino Pantoja Rodrigues

UFPA/Campus Breves

Pedro, onde 'cê vai eu também vou

Mas tudo acaba onde começou.

(Paulo Coelho/ Raul Seixas)

Um pedaço de lua minguava no céu desnudo. Era boca da noite e Pedro seguia ofegante nos pedais de sua bicicleta cargueira rumo ao casebre de beira de estrada, onde se amontoava com a esposa e duas filhas pequenas.

O percurso era o habitual: da Praça do Operário, na orla da cidade, à rústica moradia, em que se recolhia a cada despedida do sol. Metade do trajeto era feito em um surrado asfalto, no qual conduzir o veículo parecia tão confortável quanto manusear uma britadeira em superfície pedregosa. Após o asfalto, um comprido trecho de areia que, no auge do verão, fazia a bicicleta e o condutor sumirem às vistas por longos e empoeirados minutos.

Àquela altura, Pedro já pedalava no trecho de estrada. De um lado e outro, a vida escorria pelas fendas da noite entre os arremedos de moradias mal iluminadas, erguidas na urgência de viver. Atrás de si, os ruídos da cidade rareavam a cada movimento dos pedais, cedendo lugar ao coral afoito de grilos, ritmado pelos uivos sofridos da corrente da bicicleta. À sua frente, uma fila de insetos voadores vagalumeava o caminho, como se lhe mostrasse a direção. O rastro vacilante dos pneus desenhava o percurso na areia, enquanto Pedro, atônito e introspectivo, parecia não perceber nada a seu redor.

Sua terra natal era minúscula e pacata, se comparada a uma metrópole; grande e dinâmica, se comparada às outras daquele meio de florestas e rios. Era uma cidade-referência nas redondezas: as poucas agências bancárias da região se situavam lá, o maior hospital, a maior população, os maiores desmandos...

Bem localizada, fez-se passagem obrigatória dos inúmeros navios turísticos que rasgavam diariamente as águas do Rio Nheengáiba, em cujo dorso a cidade se estendia. As embarcações desfilavam por ali e rumavam à capital metropolitana mais próxima,

enquanto exibiam pelo caminho a imensidão verde aos quase sempre agitados e presepeiros turistas.

No rito de apresentar o “mundo exótico” a esses convidados, a parada dos navios no terminal hidroviário, localizado bem em frente à Praça do Operário, havia se tornado parte estratégica de qualquer tour fluvial naquelas bandas. Os visitantes desciam risonhos e alvoroçados no porto, com seus iPhones em punho para capturarem os melhores registros da *Haunted Square*, como pronunciava um guia para um grupo de gringos, ou *Plaza Asombrada*, como dizia outro, em bom portunhol, a outro grupo. Ou, claro, Praça Assombrada, como dizia um terceiro a um grupo de sulistas que ainda entendiam o português.

“Praça do Operário” não era o nome mais vendido no comércio turístico. Afinal, aquele perímetro havia se tornado o principal ponto de visitas da cidade e região por uma razão bem mais conveniente ao olhar das companhias turísticas: as supostas aparições noturnas de moradores conhecidos da cidade, há tempos falecidos, e que tinham, naquela praça, estátuas erguidas em sua homenagem.

A primeira estátua havia sido construída ao mesmo tempo em que ocorriam as primeiras visitas de Pedro ao local. Ele guardava as lembranças da primeira vez em que seu pai, Seu Agenor, o levara ali: ainda havia muitas árvores, muito lugar para criança correr e aquela estátua imponente, de um tal Frei Zé, no centro da praça. O monumento tinha o “tamanho de gente de verdade”, dizia o menino Pedro, admirado.

Em pé, de batina, com uma Bíblia Sagrada a tiracolo, barbas avantajadas, óculos e um chapéu estilo *pork pie*, a estátua de Frei Zé ficava prestando atenção nas crianças que faziam birra com os pais ou, pelo menos, era isso que os pais diziam a elas. Alguns pivetes mais espertos, e Pedro era um deles, faziam suas traquinagens na parte de trás da praça, pois diziam que o frei não iria ver, já que não sabia se virar.

A estátua se tornara o maior assunto de conversa na cidade, e foram necessários apenas alguns dias para que alguém soprasse ao vento que um outro alguém havia visto o frei vagando pela praça numa madrugada de lua minguante. E daí, para a lenda, foi apenas questão de tempo e malícia.

Enquanto Pedro crescia, a fama da praça se espalhava. Ele passara a visitá-la quase todos os dias. Inicialmente, ao lado do pai, que desde sempre mostrava uma afeição incomum pelo lugar. Depois, com os colegas de escola, nas fugidas que empreendiam nos horários de intervalo.

Para o pai de Pedro, as visitas passaram a ser diárias, após ser despedido da madeireira em que vendia barato o seu suor na área de serviços gerais. Desde então, passara a bater ponto na praça como vendedor de lanches. O retorno financeiro quase não era suficiente para o sustento da família – esposa, um filho e muitas dívidas –, mas o seu entusiasmo por estar ali era incomparável com o que tinha no trabalho antigo. O humor não mudava nem mesmo quando via Pedro aparecer no local em horário de aula. Dava uma bronquinha discreta no filho, seguida de um abraço e um “agora volta pra escola, moleque!”.

Quando, depois de alguns anos, o pai de Pedro foi assassinado, vítima de latrocínio ao retornar para sua casa em um fim de tarde, a comoção se espalhou pela cidade, e ele, que era um dos moradores mais assíduos da praça, recebeu também uma estátua em sua homenagem: um homem magro, de short, chinelo de dedo, montado em uma bicicleta cargueira, em que transportava a estufa com pastéis e o isopor com sucos.

A essa altura, era a quinta estátua erguida, e a fama da praça, agora, além de chegar às cidades vizinhas, chamava a atenção das empresas de turismo fluvial, que começavam a incluir em seus roteiros as paradas de quarenta a sessenta minutos naquele porto.

A ausência do pai levou Pedro a largar os estudos e montar na bicicleta para sustentar a mãe, já muito debilitada, e a si mesmo. Posicionado ao lado do monumento de Agenor, passou alguns anos vendendo o suficiente para sobreviver.

Chegou um momento, porém, em que a praça começou a parecer demasiado arcaica para o tamanho do imaginário que alimentava, dos interesses que movimentava e do público que a visitava. Os políticos da cidade resolveram que estava mais do que na hora de reformar o local. E assim o fizeram, cortando as árvores e erguendo quiosques estilizados com vendas de lanches e *souvenirs*.

O jovem Pedro, agora com dezenove anos, sem a mãe, mas com uma companheira e duas filhas para sustentar, sofreu mais um duro golpe, desta vez com a nova praça: não pôde mais vender lanches no lugar, pois uma nova lei determinara que apenas os vendedores dos quiosques, protegidos do prefeito e dos vereadores, teriam essa autorização.

Num ato de quase desespero, o rapaz tentou, por alguns breves dias, arranjar a sorte com um velho violão, que herdara do pai junto com a bicicleta. Posicionava-se em um banquinho ao lado da estátua do velho Agenor e tentava cantarolar alguma coisa de Pinduca e Raulzito. No entanto, a voz não colaborava, além do que a atenção dos

turistas mirava as estátuas assombradas daqueles que vagavam pela praça nas madrugadas de lua minguante. Agenor não havia tido a sorte de colher essa fama, era tão somente um vendedor de pastéis. Ninguém o vira andando por ali depois de morto, nem mesmo Pedro, que ia visitar a estátua do pai de noites em noites, mesmo após ter passado o dia inteiro naquele lugar.

Percebendo que a voz não melhoraria e o vazio do estômago e da existência só pioraria, o rapaz resolveu adquirir, com o pouco que ainda lhe restava, um kit de produtos para engraxar sapatos, e se tornou o primeiro engraxate da cidade. Ninguém mais havia tido aquela ideia. Ou ainda não havia tido coragem para colocá-la em prática.

No início até que funcionou. No mesmo lugar e mesmo banquinho, mas agora com a graxa em vez do violão, Pedro teve um sucesso bem além do que esperava nas primeiras semanas. Mas dentro em pouco, a atividade de engraxate foi iniciada em dois dos quiosques e Pedro foi encurralado mais uma vez.

Naquele início de noite, ao chegar do batente, Pedro viu sua mulher e as duas filhas já adormecidas no mesmo colchão, no qual os quatro se amontoavam e passavam as noites. Elas costumavam dormir mais tarde, pelo menos depois que ele chegasse, mas o peso daquele dia parecia as ter nocauteado mais cedo, sem misericórdia.

Pedro não quis acordá-las e dirigiu-se ao banheiro improvisado, onde mais chorou que tomou banho, enquanto tentava fabular uma nova ideia para reinventar sua sobrevivência no dia seguinte. Ao deitar-se cuidadosamente no colchão para não acordar as três, a ideia veio. Mas não houve tempo para um sorriso sequer de satisfação, pois o sono o tomou de súbito.

Na manhã seguinte, lá estava o rapaz: uma estátua viva. Com o corpo coberto por uma lama, sentou-se no banquinho ao lado do pai, imitando a posição da famosa estátua de Rodin, “O Pensador”, permanecendo estático e silencioso por alguns torturantes minutos sob o sol. Havia visto e se encantado com a imagem do monumento em alguma página perdida de algum livro de História na infância estudantil. As horas se passavam e a caixinha colocada ali próximo para receber o dinheiro de possíveis doações continuava vazia, embora um ou outro curioso se aproximasse de quando em quando.

De minutos em minutos, Pedro se levantava, se alongava, e logo voltava à posição de estátua. A cada retorno, permanecia mais tempo parado, com a mão sob o queixo, pensativo. Mas não era tão somente uma encenação. Pensava no que fazer;

pensava nas suas pequeninas, Alice e Clarice, quase sem roupas e sem esperanças; em Mariazinha, sua companheira, de quem havia roubado o primeiro beijo ali mesmo, ainda na adolescência. Pensava no pai e na mãe que já não tinha mais; pensava em si mesmo, menino descalço, correndo risonho em uma tarde de chuva em volta da estátua do Frei Zé; pensava no que pensar, no que fazer... Não almoçou.

Um curioso que passasse por ali, já no meio tarde, e se aproximasse suficientemente, talvez percebesse uma gota de suor ou lágrima atravessando lentamente o seu rosto. Mas fosse de suor ou lágrima, antes que houvesse tempo de a gota concluir seu percurso, petrificou-se. Virou uma pedrinha no meio do caminho. A lama se petrificara no corpo do rapaz em meio ao sol escaldante das três da tarde. Suas veias, suas ideias e sua vida seguiram solidárias no mesmo rumo da petrificação. O sol acima de si apagou-se junto com o mundo ao redor, e o pensador tombou ao chão, discretamente, como sempre o fizera.

Dentro em pouco, alguns curiosos se aproximaram, e atraíram outros curiosos, e uma ambulância chegou, e logo depois um navio no porto, e mais gente, e mais gente, e a cidade entrou em comoção...

Não houve nada a fazer. Não houve tempo de salvá-lo. Contudo, como homenagem da cidade a um de seus ilustres cidadãos, foi erguida uma estátua do pensador com as formas de Pedro, ao lado do monumento de seu pai, na exata posição em que o rapaz estivera ali no dia de sua partida. Agora, as estátuas estão entre as prediletas do público que, em dias de pico, faz filas para registrar suas fotos entre os dois sujeitos. Em dias mais tranquilos, há quem pare por ali para conversar com eles e pedir conselhos, fumar um cigarro, mandar um som do Raul ou qualquer outra coisa. E há também muitos que dizem que, em madrugadas de lua minguante, Pedro se levanta, alonga o corpo, caminha brevemente ao redor da praça e volta a se sentar no banquinho, pensando no que fazer, ao lado de seu pai, que permanece resoluta em sua bicicleta.

O VELHO PHAROLETE

Benjamim da Costa Araujo

UFPA/PROGEP

Afastada a menos de meio milha náutica da faixa de areia da enseada, na ponta da praia do Chapéu Virado, a instalação do farol ou farolete fora realizada pela própria guarnição de um vapor de guerra [Marcílio Dias], e dela faziam parte os carpinteiros e os calafates. O ano era 1872 e eu contava com 20 anos. Por meu ofício de ferreiro e a convite do comandante, pude acompanhar de perto a construção e instalação deste farolete. "Sim, pode-se dizer que ajudei a dar luz a ele!". Chamai-me Antônio, o ferreiro, ou como prefiro, de Lúcio, o primeiro faroleiro desta ilha.

Feito com aparelho de luz lenticular e lâmpadas de azeite, era um farolete bem simples - sem a imponência destes grandes faróis, como o de Alexandria, na ilha de Faros -, mas uma peça silenciosamente valiosa para mim [nós, habitantes da Vila]. Por muito tempo, sua luz esteve entre nós, invadindo mansamente nossas vidas com um olhar sentinela, contemplando e sendo contemplado, feito pai e filho.

Todos os dias, durante muitos anos, dirigia-me até o farolete ao entardecer, numa curta e contemplativa viagem de barco a remo, com vistas para o que muito à frente seria um mar. Lá, o acionava e fazia as devidas manutenções e registros de bordo. Era um trabalho para se conjugar a solidão em extensas e esplêndidas paisagens marinhas. Simples e incansáveis vezes, vi a luz deste farolete timidamente adentrar a noite, e nela iluminar um estranho e hipnótico balé de ondas, em atos contínuos e trôpegos. O farolete escrevia no tecido da noite, revelando sonhos, imaginações e poesia... E eu, que antes era um homem da rudeza e insensibilidade dos ferros, agora me sentia levemente encantado por esta luz que me guiava para tão longe no mar e, ainda assim, para tão perto de mim. Havia noites em que as ondas e o farolete tinham uma estranha relação de afeto. Elas avançavam com desejos e fúrias, com tanta intensidade sobre ele que, como resposta, as invadia com sua luz, dando-lhes um brilho ímpar e fazendo-as se encherem de uma luminosidade como se estivessem grávidas de estrelas. Com esta amorosa agitação das ondas, era possível observar as quase imperceptíveis partículas de água flutuando ao longo do turbilhão de luz do farolete na penumbra

noturna da praia. Era de fato uma incansável luz e de uma busca sem fim naquele horizonte em que minha vista pousava verticalmente.

Desde sua instalação, nunca houve naufrágios naquelas mediações da vila. Por todo esse tempo, guiou os navegadores. Ao contrário de antes, quando muitos foram os relatos dos naufrágios que se sucumbiram nessas águas, deixando em seu fundo um legado de culturas, carregamentos, preciosidades e pessoas. Dos sobreviventes, apenas a inundante e salgada lembrança de suas tragédias e traumas de narrativas que não cessariam tão cedo. Antes, se incorporariam ao nosso imaginário popular, como sempre ocorria.

À noite, esta vila lhe era mais visível. A luz do farolete, com um alcance de oito milhas náuticas, dava conta de revelar todos os detalhes que o sol conseguia ocultar em brilho: casas, igrejas, praças, pontes, morros e mar. Tudo apreciado quadro a quadro. “São meus olhos ou a sua luz, velho farolete?”, questionava-o. De dia, toda a paisagem confundia e escapava facilmente da vista. Como ponteiros de um relógio, suas lentes-espelhos giravam em sentido horário noite e madrugada, numa média de quatro mil voltas sob meu olhar sereno.

Do alto de sua modesta torre, alcançada em poucos lances de escadas, lançava meu olhar perdido [buscava o invisível, o infinito/a viagem continuada no pensamento] até onde também se dissipava a luz do farolete. Ambos navegavam paralelos, ora sobre a paisagem marinha, ora sobre o território da vila. A luz do farolete, quando passeava, parecia trazer uma áurea marítima para dentro da vila e retornava com a áurea desta para o mar – uma relação de recíproca habitação. Para mim, a madrugada tem seu estranho encanto de luz, uma linguagem só revelada se imersa na escuridão da noite. A noite, que tinha por sua eterna companheira a lua geométrica dos navegadores, nova ou cheia para a imprecisão do mar, ou a nossa lua, que nos sorri minguante ou nascente, cínica e sedutora como uma bela prostituta.

A escrita da luz do farolete era a própria passagem de minha vida. Eu próprio, um farolete. Observador atento de todos os movimentos sobre as águas; de pequenas e grandes embarcações próximas ou distantes da costa. Eu e este farolete éramos estruturas em riste e quase inertes, movidos pelo sutil, mas incendiioso olhar. De dentro de nós, revelava-se um misterioso olhar para um mundo. Diante do farolete olhava-o, olhando-me e pensava: “O sentido de nossas vidas era a luz, não era amigo!?”. Tornava-me, às vezes, apreensivo em antecipar o soluço da luz de pirilampos nas proximidades da mata, e lembravam-me do brilho faiscante do reflexo da lua no mar.

Acontecera uma única vez de o farolete ficar sem sua luz durante um período em que ficamos na ilha, sem o abastecimento de óleos vegetais, nosso principal agente inflamável. Nesta noite, para que as ondas e os navegantes não ficassem às cegas, fiz uma imensa fogueira na praia, e velei-a ao longo da madrugada...Ali estive para a ausência de luz do farolete e isto me fez sentir o quanto estamos ligados um ao outro. Ao longo de nossas existências, sinto que este velho farolete tem me feito uma estátua de mim mesmo; penso e contemplo que lhe dei um ar de humanidade com meu ser.

Durante o dia, normalmente descansava pela manhã, e saía, no turno vespertino, até a praia para um passeio, e sempre acompanhado pelo meu cão [Nero]. Este seguia à frente, guia farejador de uma trilha tantas vezes perseguida. Eu e Nero habituamo-nos a recolher as pequenas oferendas do mar: conchas que as ondas levemente empurraram para a areia, pedras semienterradas, restos de algas espalhas entres as pedras ou outros resíduos deixados pelos banhistas. Certa vez, encontramos uma estrela-do-mar e lembrei-me de uma história que me contavam na infância - quando uma estrela se move no céu, ela cai em alguma parte do mar. Eu a recolhi nas mãos com um tímido sorriso: “Então, pequenina, você caiu do céu!?”. Nero latia ante os gestos e balbucios do seu velho companheiro.

Raramente, íamos até a vila. Fazia isso duas ou três vezes ao ano, quando necessitava de alguns mantimentos para a casa e o farolete. Não era alguém de quem diriam, com o tempo, ser sociável. Para as pessoas da vila, este velho faroleiro era uma figura quase lendária. À minha pessoa, já eram atribuídas algumas histórias fantásticas – lendas marinhas que surgiam, desapareciam e depois ressurgiam como as insistentes ondas que vinham desaguar na praia –, e que envolviam mistérios em torno do farolete e do mar. Após a minha morte, talvez eu me transformasse em um fantasma do farolete naquela ilha.

Ao longo de nossas vidas, tudo aquilo que se moveu na leveza de meus olhos pude apreciar diante da beleza deste farolete, e sei que um dia teria, inexoravelmente, seu insuportável fim. Quando o farolete completou meio século de atividades, eu, que já contava com meus setenta anos, passei a tarde inteira deste dia observando-o à distância. Em meus olhos, uma luz pálida e uma amarga constatação: a consciência de que não tinha mais condições físicas para continuar como faroleiro (remar num pequeno barco, subir os degraus de uma escada íngreme e, essencialmente, ter uma vista apurada...), mas o próprio farol também já não era mais o mesmo... apresentava sinais de desgastes – parte de sua estrutura encontrava-se muito enferrujada pelos intensos

enlaces das águas e dos ventos; os espelhos tinham falhas na película; algumas de suas engrenagens precisavam ser substituídas... “É a luz da modernidade que nos alcança, velho amigo!”.

O PRETENDENTE DESASTRADO

Benedito José Brabo Pantoja

UFPA/PROAD

O cenário: nos anos setenta, no rio Maiauatá, interior de Igarapé-Miri, morava um próspero comerciante que era muito austero na criação de seus filhos. Sua “menina dos olhos” – perto de quem não deixava nenhum aventureiro se aproximar – era a filha caçula, que, desde criança, era educada em Belém. As férias de fim de ano e de julho ela passava em sua terra natal. Em uma dessas oportunidades, já com seus quinze ou dezesseis anos, conheceu um rapaz daquele local, nascendo, desse encontro, um namoro. Como era de se esperar, seu pai a proibiu de voltar a se encontrar com o jovem. Era inadmissível que sua princesa, ainda com tenra idade, começasse a namorar, e, ainda por cima, com um rapaz interiorano. Afinal de contas, sempre sonhara com um futuro dourado para a sua filha. Em vista disso, o casal passou a se encontrar às escondidas sempre que novas férias chegavam.

“E assim se passaram dez anos...”. Um dia, aconteceu de a esposa falecer. No dia do velório, o homem estava triste e acabrunhado. O “genro” achou que aquele seria o momento ideal de se aproximar do “sogro”. Pobre rapaz... Eis o breve (a bem da verdade, brevíssimo) diálogo que segue:

(Aproximando-se temeroso e nervoso)

G – Meus pêsames, seu Raimundo.

S – Obrigado, meu filho.

“Meu filho?!”. O rapaz se sente encorajado a uma nova saudação:

G – Tudo bem com o senhor?

O futuro sogro, com o olhar flamejante, chama dois de seus empregados e ordena:

S – Joguem esse vagabundo dentro d’água!

(como as casas eram às margens dos rios, era comum se fazer isso com pessoas indesejáveis).

“♪ E assim, se passaram [mais] dez anos ♪” para que o casamento acontecesse. Seu Raimundo, agora mais idoso, não ofereceu maiores resistências ao enlace.

O MUNDO

Yuzo Nakamura

UFPA/ Biblioteca Central

- Olá! Tudo bem?
- Tudo...
- É um dia bonito de se ver.
- Sim...
- Você está gostando da vida?
- Sim... Tenho o que comer e minha casa.
- Mas você não quer saber mais coisas do mundo? Dizem que fomos inoculados neste mundo através do cometa.
- Humm... É?!
- Também dizem que alguns dos nossos já conheceram o outro mundo.
- Como assim, outro mundo? Fora desse que estamos? É impossível!
- Não é impossível. Já que estamos aqui, existe esse mundo, poderia muito bem ter outras vidas em outros mundos.
- Será?!...
- Alguns lembram que teve outra vida em outro lugar diferente.
- É absurdo! Nascemos, crescemos e morremos e o resto é nada!
- Mas, se for assim, qual o objetivo da vida, do mundo e de tudo o mais?
- Sei lá. Pra mim basta ter comida. O resto é resto.
- Não sei não... A vida aqui é muito simples. Deve ter algo mais que ainda não entendemos bem...
- Pensar muito faz mal... Porque não vem comer conosco?
- É... Mas sinto algo vazio. Algo a preencher.
- Deve ser o seu estômago que está vazio.
- Não. Não é só isso. Algo de dentro que precisa acordar e sair.
- Um verme?
- ... Não. É uma sensação estranha. Prestes a acontecer algo muito estranho...
- Deixa disso! Não vai acontecer nada! Vem curtir a vida. Veja o nosso mundo. Sempre foi assim e sempre será assim.

— Humm ... Mas tenho as minhas dúvidas. Desde pequeno quis saber das coisas para entender melhor.

— Como assim?

— Por exemplo, como nascemos. — Pra que nascemos. — De onde viemos. — Pra onde vamos.

— Como pra onde? Depois de morrer?

— Sim! Alguns já viram o anjo no ar com suas asas transparentes. Pode ser o nosso futuro.

— É muita imaginação sua. Essas coisas não existem. Deixa de bobagens.

— Não são bobagens. Alguns estudiosos dizem que somos apenas uma fase da vida e após a morte renascemos alados para cumprir outra fase da vida.

— Não acredito nisso!

— Também dizem que um grande meteoro poderá colidir e destruir o nosso mundo ou lançar fora da rota como uma bola de gude desgovernada. Será o fim do mundo.

— Chega! Chega! Logo, logo você vai falar como aquele louco que diz que existe um gigante lá fora que engole o nosso mundo...

— ...

— Aiiii! O que é isso!? É um terremoto?

Foi uma grande sacudidela que todos se agarraram no que podiam.

— Cuidado! Logo em seguida um abalo mais forte!

— Aí todos escutaram um estrondo no ar! Mais forte de que um trovão berrando.

— DEIXA ESSA GOIABA!! É MINHA!! EU QUE DERRUBEI!!!

É SÓ UM RATO?

Simone Lopes de Mattos

UFPA/HUJBB

Mocinhas sonham com o futuro e Bete não era diferente. Enquanto se preparava para deixar sua família no Norte e prosseguir com os estudos no Sul do país, imaginava os cenários, os novos amigos e as aventuras que a esperavam. Ouviu os conselhos de sua família sobre coragem e confiança, libertou-se dos medos e seguiu seu destino. Chegou à cidade sulista por uma rodoviária confusa. Perguntando aqui e ali, encontrou uma pensão para estudantes. Mal deixou as malas no quarto, foi apressada para à universidade. Lá chegando, foi apresentada à classe por um jovem e simpático professor, Sr. Raul, que já havia iniciado a aula. Depois do dia de estudos, voltou a passos lentos para a pensão, identificando os pormenores do caminho. Estava encantada! Na pensão, foi abordada pela proprietária, que sem muita conversa apresentou os detalhes das despesas mensais da hospedagem. Decepcionada, reconheceu que não poderia pagar e desculpou-se. Quando seguia com suas malas, ainda sem direção, encontrou-se com o professor Raul.

— Aonde vai com essas malas? Já de volta pra casa?

Após ouvir a resposta sincera da jovem, o professor apresentou uma opção:

— Tenho tias-avós solteiras que moram juntas numa casa grande. Talvez possam hospedá-la por um custo menor.

Bete aceitou tentar. Ela gostava de conviver com pessoas idosas, pois fora criada pelos avós. Caminharam duas quadras até uma casa amarela de jardim descuidado. Três senhoras chegavam com compras e fizeram festa quando avistaram o sobrinho. Ele se apressou em explicar o motivo da visita incomum. Enquanto Raul falava, as tias examinavam Bete.

Foi a mais velha, Deusa, que iniciou o diálogo com a jovem:

— Sinto muito, não podemos ajudá-la, porque temos um pequeno problema na casa. Na verdade parece pequeno, mas é muito grande, é enorme, é gigantesco! Embora pareça diminuto...

A irmã do meio, Zélia, tomou a palavra:

— É um horror, é pavoroso, é arrepiante!

O professor e a aluna ouviam assustados, até que a irmã mais nova, Arlete, explicou:

— A verdade é que temos um camundongo na casa, é isso! É um rato. Mas não é um rato qualquer, é pra lá de esperto, astuto, perspicaz, satírico, irônico. Já tentamos de tudo para pegá-lo ou expulsá-lo: especialistas, curiosos, exterminadores, venenos, arapucas, gatos, preparados, rezas, rituais, defumação... Nada deu certo. Algumas vezes nos garantiram: de hoje não passa, é questão de horas para aparecer o corpo! Até festejamos, mas o danado deu um tempo e reapareceu num lugar inusitado: numa xícara, num chapéu, numa gaveta, num sapato... É de morrer de susto!

— Não tenho medo de ratos! — disse a moça com firmeza.

A afirmação de Bete extasiou as tias, que arregalaram os olhos e viram nela uma aliada de guerra. Resolveram, então, hospedá-la.

Logo a hóspede entendeu o abandono da casa. As irmãs refugiavam-se no quarto do andar de cima; fizeram dele uma fortaleza. Dormiam juntas e mal usavam os outros cômodos da casa. Morriam de medo dos sustos do bicho astuto, especialmente por Zélia, que costumava sonambular.

Nos dias que se seguiram, Bete ouviu muitas histórias sobre o rato. As irmãs acreditavam que o matreiro planejava e se divertia com os sustos que praticava, mas revelaram que ele nunca assustou Zélia durante as crises de sonambulismo. Essa constatação era para elas uma prova da inteligência do bicho.

— O ardiloso não quer matá-la — afirmavam.

Bete passou a organizar a casa no seu tempo livre. Cuidou do jardim e usou o fogão, que andava abandonado. Surpreendia as tias com receitas da sua cidade e elas adoravam os mimos. Ainda não havia visto o rato, mas sempre se lembrava dele, porque, vez ou outra, sentia-se observada.

Numa noite, enquanto lia na sala, ouviu um barulhinho compassado vindo da cozinha. Procurou seguir o som, devagarinho, passo a passo. Enquanto tentava se acalmar, pensava: chegou a minha vez, deve ser o tal rato. O travesso levou tempo para arquitetar o meu susto de boas-vindas. De onde aparecerá? Ai! Que medo!

Na cozinha, ela avistou o bichano asqueroso entre as panelas que ficavam sobre a mesa. Viu que era um rato de aparência bem comum: cauda comprida, pelagem escura, focinho afilado e orelhas arredondadas. Mesmo tomada pelo medo, imaginou que poderia virar uma panela sobre o bicho, mas, num relance, ele pulou e levantou as patas dianteiras. Fitaram-se. O animal remexia os longos bigodes em posição de ataque.

A jovem parecia congelada, calafrios percorriam-lhe as costas, mas procurou disfarçar o assombro, e balbuciou:

— Enfim nos conhecemos! Também sou hóspede aqui e não quero levar sustos.

Para seu alívio, o rato zarpou dali, e foi impossível definir a direção.

A moça não comentou o episódio com as tias, mas pensou nele noite e dia. Foi aí que teve uma ideia. Chamou as tias para um passeio e revelou seu plano:

— Considerando a provável inteligência do roedor que temos em casa, chamei-as aqui para uma conversa secreta.

Passou a contar que em sua cidade havia uma engenhoca artesanal, uma gaiola de arame para roedores, que prendia o animal sem machucar, mas aquele que entrava não saía, nem com força descomunal. A esperança brilhava nos olhos das senhoras, enquanto a jovem falava.

— Vou pedir a meu avô que me mande uma dessas e com as melhores iscas — e continuou: enquanto esperamos a encomenda, anunciarei pela casa em alto tom que receberei guloseimas, petiscos da vovó, que são deliciosos, irresistíveis, e embalados numa caixa especial. Nosso alvo vai cobiçar e salivar, ele vai esperar ansioso pelo banquete e vai cair na cilada, traído pelo paladar! Essa armadilha o rato não conhece! Garanto! — e riram animadas.

E assim fizeram as cúmplices da artimanha. No dia em que a encomenda chegou, exibiram-na saltitantes, deliciaram-se com os doces de cupuaçu e bacuri e, propositadamente, deixaram migalhas generosas dentro da tal “caixa especial”, que ficou sobre a mesa da cozinha.

Na manhã seguinte, Bete acordou com gritos. Saltou da cama e correu para a cozinha. Juntou-se às irmãs, que olhavam incrédulas para a gaiola, agora recheada com o rato. O detido girava enlouquecidamente, lutava, explorava a jaula, eriçava os pelos, soltava sons desesperados.

As mulheres abraçaram-se vitoriosas. O destino do rato intrometido estava nas mãos delas, finalmente! Porém, começou um dilema. Não conseguiam decidir qual seria o desfecho mais seguro para o caso. Só matar o prisioneiro não era cogitado.

As irmãs passaram o dia em êxtase. De vez em quando davam uma olhada na ratoeira bem-sucedida, certificando-se do triunfo. Quando a noite chegou, elas decidiram adiar o julgamento do encurralado. Arrumaram e ocuparam seus próprios quartos, e dormiram profundamente como não faziam havia muito tempo.

No início da manhã, Bete ouviu gritos ainda mais alarmantes que os do dia anterior. Quando chegou à cozinha, ouviu das três irmãs, em coro:

— O espertalhão sumiu! Sumiu com gaiola e tudo!

Era verdade: lugar mais limpo! Constatou. Nada sobre a mesa, nem sinal do encarcerado ou de sua armadilha derradeira. Confusa, ouvia das tias as muitas hipóteses sobre o desaparecimento:

— Foi abduzido! Foi roubado! Desintegrou-se!

— Nunca existiu, era imaginário, era alucinação, era assombração!

Chamaram o professor Raul. Os cinco cansaram de tanto pensar e não encontraram nenhuma pista ou solução. Os dias foram passando e todos se esforçaram para não falar do mistério. Procuravam dar o caso por encerrado, como nas lendas inexplicáveis da região natal de Bete.

Algumas semanas depois, numa noite, a jovem ouviu passos. Resolveu dar uma olhada pela casa. Viu Zélia saindo pela porta da cozinha. Percebeu que a senhora estava dormindo, estava sonâmbula, e tratou de acompanhá-la para protegê-la. Zélia agachou-se e olhou para o interior de uma casinhola que ficava no quintal. Curiosa, Bete acompanhou o gesto, e ali pôde ver o inimaginável: o paradeiro do rato e de sua inseparável gaiola. Quem diria? O bicho estava moribundo, vítima de cruel pena de morte num cárcere eterno. Certamente, Zélia, inconscientemente, fora seu algoz. A estudante estava perplexa. Depois de acompanhar a sonâmbula em silêncio até a cama, voltou com comida e água para o indigente. Mal abria os olhos, o coitado agonizante. A moça, com seu coração mole, levou a gaiola para o quarto e, na manhã seguinte, para a universidade. O professor Raul ajudaria a decidir o que fazer, pensava.

O professor ficou aliviado por terem encontrado uma explicação para o enigma e sugeriu que deixassem o desvalido no biotério da universidade, onde animais eram conservados para pesquisas científicas. Bete aceitou a solução, mas recomendou aos pesquisadores que cuidassem da nova cobaia. Raul recomendou, por sua vez, que ficassem atentos, pois, decerto, o convalescente planejava uma rota de fuga. Os dois preferiram não contar sobre a aparição para as tias, que já consideravam definitivo o sumiço da criatura.

O tempo passou, e a casa, de fato, já era outra, estava cheia de alegria. As irmãs se afeiçoaram à jovem e, mais intensamente ainda, se afeiçoou a ela o professor Raul. Visitava-as regularmente, e Bete agora sonhava com contos de fadas.

Numa noite, já bem tarde, ela arrumava as malas para visitar a família, quando ouviu um barulhinho ritmado vindo da cozinha. Ficou paralisada. Reviveu num filme mental a primeira aparição do rato e toda a história. O bicho desprezado voltara. Ele a odiava, a intrusa? Queria vingança? Reconhecia que ela salvara sua vida, embora tenha quase o levado à morte?

— É só um rato! — disse a si mesma, enquanto começava a procurá-lo.

Havia pouca luz, mas Bete avançava devagar e atenta. Logo pôde vê-lo. A criatura inconfundível estava entre as panelas, de costas para ela. A cauda agitada fazia um batuque, num compasso certo, musicado, como num filme de terror. Sentindo o coração acelerado e as pernas bambas, aproximou-se mais um pouco. Viu que o bicho estava robusto e sadio. Esperava uma investida repentina do animal, mas ele a ignorou. Pensou, como na primeira vez, em virar uma panela e prender o infeliz. Calculou os movimentos, mas seus músculos não obedeciam. Imaginava que morreria se o rato saltasse sobre ela com aqueles bigodes irrequietos. A mente da mocinha gritava por coragem, mas ela não vinha. Lembrou-se das tias, que dormiam em paz e mereciam continuar assim. Essa lembrança resolveu o conflito entre seu medo e sua coragem.

— Ah, não! Você não tem mais lugar aqui! — disse baixinho e, num rompante, virou uma panela e prendeu o bicho.

Segurou firme, desvirou e tampou a panela com agilidade de caçadora. Depois, reforçou a cela improvisada com fita gomada e levou para seu quarto. Passou o resto da noite vigiando o condenado. De manhã, não comentou o ocorrido; acomodou a panela na mala, despediu-se de todos e seguiu viagem. O caminho era longo. A viajante ora pensava em Raul, seu sonho dourado, ora pensava no prisioneiro da mala, seu pesadelo.

Quando o ônibus parou numa área de campo, ela decidiu agir. Afastou-se do grupo de passageiros, retirou a panela da mala e os tantos lacres da tampa, e afastou-se receosa. O rato saiu ligeiro, mas parecia tranquilo. Deu uma olhada nas redondezas e nos olhos da sua libertadora, e então debandou dali.

Por alguns instantes, Bete ficou imóvel, pensativa. Depois estalou os dedos como quem desvenda uma charada: o rato deixou-se prender, planejou este final. Devia estar espreitando pela casa havia algum tempo. Talvez ele tenha aprendido algumas lições e desejado sacudir as gaiolas da vida, aventurar-se em novos cenários e com novas companhias.

— É só um rato! — disse a si mesma, censurando as deduções bobas.

— Pode ser, mas não é um rato qualquer — repensou.

Certa ou não em seus achismos, deu o caso por encerrado, e considerou final feliz para todos os envolvidos. Voltou a sonhar com contos de fadas e tratou de esquecer o conto do rato.

Fora graças à sua disciplina, ao seu espírito metódico e, claro, à sua agradabilidade, que em poucos meses pôde conseguir um emprego de auxiliar de contabilidade.

Apesar da natureza chata da contabilidade, Mário gostava do seu trabalho. Entretanto, não estava satisfeito. Queria mudar. A velhice estava chegando, e considerou que necessitava de algo mais seguro. Um dia, decidiu que tentaria um concurso público. Para um banco, talvez.

Pouco tempo depois, soube que um grande banco abriria processo seletivo. Pôs-se a estudar.

— Calma. Vai dar tudo certo. Repetia para si.

Devidamente acomodado, aguardava o sinal para início da prova.

— Podem começar. Falou uma das moças que estavam aplicando o teste.

Concentrado, Mário começa sua prova. Agora o nervosismo já não existe. Somente o foco e, vez ou outra, uma leve euforia. Este último sentimento não era sem sentido. A cada questão lida, a satisfação lhe enchia o peito. Lembrava claramente do que havia estudado e resolvia facilmente as questões.

Cinquenta questões finalizadas. Cinquenta questões revisadas. Cinquenta certezas de aprovação.

Alcançaria sua meta. Teria a segurança desejada. Restava apenas marcar as respostas no local indicado. Mário dá uma pausa. Respira fundo. Controla os pensamentos. Agora não pode haver erro.

Calmamente inicia o processo de marcação na folha dedicada às respostas definitivas.

Uma a uma as opções são preenchidas por Mário. Sempre atento, conferindo rigorosamente cada opção, a fim de evitar erro ou rasura.

Trinta minutos depois, a passagem das respostas está finalizada.

Mário inspira o ar como quem acabou um trabalho árduo, cansativo, e que, ao ver o produto da sua empreitada, sente orgulho de si.

Pronto! Bastava agora entregar o material e aguardar o resultado que para ele era certo: aprovação.

Antes, porém, resolveu dar mais uma checada. Por segurança...

Se você, leitor, já presenciou uma pessoa apaixonada flagrar o alvo da sua paixão com outra pessoa, saberá muito bem qual foi a expressão de Mário neste momento. Basta acrescentar uma pitada de horror.

Mário percebeu que pulara uma questão. Dessa forma, todas as respostas seguintes seriam da questão anterior. E, como se isso não fosse suficiente, o erro aconteceu logo depois da quarta questão.

Mário ficou fora de si por um momento. E agora, pensava, o que pode ser feito? Relembrou rapidamente das regras do concurso. Não havia esperança. Chamou a moça responsável pela sala. Ouviu a resposta que ele não queria — mas que já sabia qual era.

Apelou para falar com alguém em um nível hierárquico maior. Puro exercício de frivolidade. Afinal, o erro foi causado por ele próprio. Sua responsabilidade. O edital era claro e rígido. Não havia nada o que fazer além de entregar a prova e ir. Foi o que ele fez.

Mário foi para a sua casa. Estava triste. Dormiu acabado. Não ter sido aprovado ao fim do processo seria menos doloroso que ser eliminado daquela forma. Como ele pode cometer um erro tão primário? Teria sido excesso de confiança?

Pelos dias seguintes, Mário evitou o assunto. Estava envergonhado por conta do tolo erro. Que realidade dissemelhante da qual ele havia imaginado...

Passaram-se semanas e o tempo, do qual se diz que tudo cura, fez seu trabalho. Mário esqueceu totalmente do certame. E, mesmo que ainda lembrasse, não teria sentido continuar acompanhando o processo. Conformou-se.

No dia seguinte, Carla, colega de trabalho de Mário, adentrou ruidosamente na sala deste. Com ela, um pequeno grupo de rostos felizes.

De repente, a esperança da aprovação no concurso viera ao coração de Mário. Poderia ser que a sorte lhe teria sorrido de forma tão grandiosa? Imediatamente, esperançoso, ele pergunta o que houve. Carla responde:

— Você se lembra do bolão que fizemos na loteria? Ganhamos!

ANHANGÁ

Suelen Favacho Vilhena

UFRA/PROGEP

Sobre o telhado da casa de palha, estendidos lado a lado com a morte, figuravam como troféus, restos de animais.

Zeca pôs o tatu no fogareiro ao meio-dia. Enquanto queimavam as carnes sobre as brasas, regozijava-se. Era o mais velho e havia ensinado, aos seus dois irmãos, o ofício da caçada. Resguardava para si o ato de transformar o animal em comida –. A fome – pensava ele – engole a vergonha do sangue derramado. Justo na hora em que a carne se tornou rubra, chegou dona Nair.

– Zeca, estava prenha a bichinha. Está bom de parar com a caçada por uns tempos, estão dando filhotes agora, sabe que é hora da mãe do mato – disse dona Nair.

– Esse mato é muito grande, dona Nair, tem bicho que não acaba mais. A gente tem fome, vai lá porque precisa comer.

– Tem outras coisas pra comer meu filho, não precisa matar caça todo dia. Encerrou-se aí a conversa antes do mal estar.

A defumação banhava o terreiro com o cheiro de ervas e cascos de animais. Era ritual dos irmãos passarem por cima do fogo sem deixar nada de si fora da fumaça. Estavam a aprontar-se para uma espera.

– Vamos logo, não vamos perder a hora! – dizia Doca, apressando os irmãos.

Era sempre o apressado, tinha ânsia de sair à caçada, não por se derramar em amores por esgueirar-se na mata, mas pelo ritual *post mortem* do que quer que tenha sido a vítima; as honrarias viriam dos pratos de onde se comia a carne, acompanhadas de cachaça e risadas. Era esta a visão que tinha: eles todos à beira do fogo empanturrando-se.

Tudo pronto: roupas grossas lhes cobrindo os corpos, bolsas de munição, espingardas pendendo nas costas feito asas. Estas últimas lhes fazendo parecer anjos da morte. Rumaram vigorosamente entre as árvores em direção ao rio que precisariam atravessar. Era uma tarde especial, pois rastreariam um veado, animal que ainda não tinham matado naquele ano e que lhes renderia boa carne, boas conversas, bons minutos de gabo aos vizinhos e um item inédito para o telhado de palha.

Especial atenção dava Mano, o mais novo ao prelúdio do periclitamento – Tudo é importante! – dizia. Dentre eles, era o mais habilidoso. Ria-se sempre ao ouvir seus atos narrados pelos outros, amava a riqueza dos detalhes: a maneira como se escondera feito um fantasma, como se esquivara feito uma cobra, como encurralara o alvo. Já iam muito dentro da mata, quando os passos quase inaudíveis foram interrompidos por um estalo ao longe. Zeca parou repentinamente e voltou-se para os irmãos que pararam com ele – O que há? – perguntou o Mano.

– Ouvi um estalo de madeira – falou Zeca, olhando ao redor como que pudesse apurar a audição com os olhos. Um morcego voou raso entre eles, ao mesmo tempo em que os três ouviram um novo estalido. Todos pararam!

– Ouvi o estalo também! – sussurrou Doca –. Os três entreolharam-se procurando apoio. Seguiram a direção do barulho. Mano pressentiu que talvez a caçada iniciasse antes do previsto.

Sentiram cheiro de sangue novo. Encontraram-se dentro de um clarão de onde puderam ver do que se tratava: um grande moquéim com as forquilhas subindo da terra molhada, a madeira ainda verde, sobre ela muitas partes de animais.

– Não sabia que morava gente por essas bandas – observou Doca. – Foi uma grande caçada, muita carne. Parece que não tem dono, não tem ninguém aqui por perto. Doca aproximou-se do moquéim com a face salivante.

– Não mexe em nada, Doca – bradou Mano – não dá pra saber de quem é. – Olha só, estão percebendo? – apontava para o alto.

– Não, o que é? – indagou Doca.

– Não tem fumaça. – os três entreolharam-se. – É coisa da mãe do mato, não é pra mexer, vamos seguir – ordenou Mano, retirando-se na direção inicialmente proposta sendo seguido imediatamente por Zeca. Por fim, Doca os acompanhou e os três trilharam tapera adentro.

Aquele estado de anestesia, em que o corpo faz o que lhe convém e a mente faz o que lhe aprouver, interrompeu-se num repente de susto quando ouviram um grito longínquo. O grito era rouco, extremamente perturbador, ao que puderam compreender a palavra de clamor – Membiraaaa... – que se estendia até um choro de mortal pesar que lhes invadia o peito pelos ouvidos. Pararam assustados.

– Alguém está passando mal aqui! – Doca balançou a cabeça em negação, cerrando os lábios. – Vamos esperar parar e voltar, esse veado não é nosso hoje – Zeca murmurou,

no que foi interrompido por um novo grito asfíxiado que repetia o choro anterior – Membiraaaa...!

Não havia tempo a perder, no fundo já sabiam que não poderiam lidar com espingardas com o que quer que fosse aquilo. O choro longe gritou mais alto ainda – Membiraaaa...!

Nisto, Doca parou pousando a mão na boca do estômago. Os dois se voltaram para ele com ânsia de que nada os atrapalhasse a dali saírem apressadamente.

– O que houve? – Zeca apressado segurou o irmão.

– Não sei, tive uma dor forte no estômago! – estava dobrado com a cabeça baixa. – Agora não, Doca, precisamos ir embora daqui agora!

Doca ergueu-se com dificuldade e os três continuaram caminhando mais alguns metros, quando Doca, novamente, parou, dobrou-se e pôs-se a vomitar.

– Doca, comestes alguma coisa do moqué? – interrogou Mano. O vômito lhes parecia caldo grosso de sangue batido, curado, podre.

– Não, não comi! – nisto a barriga de Doca grunhiu.

– Tu comestes do moqué? – indagou Zeca irritado desta vez.

– Confesso, irmão, eu comi, comi um pedaço de fígado, mas foi muito, muito pequeno!

– Membiraaaa... – lhes interrompeu num urro tão perto, que os três se atrapalharam para reaver o caminho. Era nesta árvore? Talvez noutra? À direita? Viram isto antes? E se deram por perdidos!

Zeca bradou irritado – Estamos mundiados! – Entreolharam-se, era possível ver na passividade dos rostos o medo tomando conta, primeiro dos olhos, seguido das sobrancelhas, depois se apossou das bocas até conquistar todas as linhas dos rostos.

– Temos que atravessar o rio – disse Mano, mas Doca não havia se recomposto, estava fraco, sua feição mudou tão rapidamente que parecia doente há dias!

– Cadê Membira!! – à sua frente e muito próximo gritou a voz! Mano virou-se para os irmãos e viu Doca de joelhos no chão entregue aos movimentos que antecedem o vômito, mas nada lhe vinha das entranhas. Aproximou-se para ajudá-lo a erguer-se, quando Doca levantou a face de onde o sangue lhe escorria dos olhos, apavorando o irmão. Mano estremeceu, suas carnes bambeavam, o ar não lhe chegava aos pulmões. Doca, ainda de joelhos ao chão, resmungava baixo:

– Estou com fome, meu estômago dói! – de suas entranhas podia-se ouvir um grunhido, e Zeca segurou seus ombros:

– Doca, temos que seguir, no caminho lhe vemos algo para comer – no que ele consentiu e levantou-se trôpego, Mano lhe ajudava com os passos, enquanto Zeca, em frente deles, abria caminho. Doca chorava – Tenho fome, irmãos, dói demais!

Ao chegarem próximo de uma Tatajubeira, algumas frutas jaziam caídas sobre as grandes raízes. Um forte cheiro doce emanava, lhes adentrando as narinas de maneira a senti-lo como um gosto na boca – Aqui em frente, Doca, tem uma Tatajubeira, a gente pega tatajubas pra ti! – acalentou Mano.

Doca lançou-se sobre as frutas, devorando-as com grande ânsia, o que lhe escorria pela boca não era o sulco destas, mas espumas, sangravam os olhos e seu estômago grunhia, movendo-se como se um animal vivo ali estivesse a retorcer-se.

- Membiraaa – o grito que os afugentava estava cada vez mais próximo, e os três já choravam enquanto Doca arrancava galhos e folhas e lhes ia devorando, a barriga grunhindo e dilatando-se, já era a esta altura irreconhecível.

Zeca, que à frente deles já não conseguia abrir caminho, olhou para trás em busca dos irmãos, e Doca, num salto, jogou-se à Mano; e com a força de uma serpente, entrelaçou-se ao pescoço do irmão, cravando-lhe os dentes à face, sem chance de defesa.

Aturdido, Zeca se via num pesadelo. Incrédulo ao que diante dos seus olhos se passava, estapeou a face na tentativa de acordar-se. – Membiraaaa...! O grito não estava apenas próximo deles, a voz, agora entendia, vinha de dentro da sua cabeça! – gritou em desespero.

– O que está fazendo?

– Tenho fome irmão, chorava Doca. Mano, aterrorizado, deixava-se esvaír do corpo. Não podendo defender-se, desmaiara, enquanto sua cabeça se ia acabando aos pedaços.

Zeca, trêmulo, passou a apanhar as frutas do chão e dá-las à Doca, mantendo-o ocupado, devorando-as junto aos pedaços de carne molhado em sangue morno do irmão. Ao ver que se acabavam as tatajubas caídas, acudiu Zeca – Não se preocupe, vou subir e te jogar as tatajubas! – e apressou-se a subir com dificuldade, pois lhe tremiam as mãos e os pés não lhe respondiam com presteza.

Alcançou o topo da tatajubeira, de onde lançava as frutas à Doca, que comia com gula desmesurada, chorando, cuja barriga agigantada se movia. Zeca avistou de cima da árvore o rio. Ocorreu-lhe então de chegar à outra margem pelas copas das árvores. Pulando de um galho para o outro, de uma árvore para a outra, não esquecendo nunca de lançar abaixo as frutas para Doca, chegou à beira do rio de onde vislumbrou uma saída. Voltou-se

para o que restara de Doca, que já comia pedaços de si mesmo e chorava de dor. Não conseguia compreender, o que se passara? Amedrontados, acuados, perdidos, perseguidos e finalmente tornados pedaços espalhados de carne feito aquelas que viram sobre o moqué, para quê?

Zeca pulou no rio e o atravessou a braçadas desesperadas sem olhar para trás. Saindo da água, virou-se, avistou o que sobrara de Doca e, imponente ao lado dele, manso e alvo à outra margem, um grande veado de olhos avermelhados. Ele então abriu mais ainda os olhos e disse amedrontado – Anhangá...

A QUEDA

Raphael Carmesin Gomes

UFPA/PROEX

Quando César Ritz tornou-se rei dos hoteleiros (e hoteleiro de reis) não imaginou que a sua afamada hospedaria seria a atração de tantos quantos quisessem dar um fim na sua vida de forma sublime.

O suicídio é uma obra de arte, dizia Camus. Mas em tempos de indústria cultural e reprodutibilidade técnica, de perda da “aura” e culto da obra de arte, a ideia de autenticidade de uma obra exige tão somente um número assombroso de curtidas nas redes sociais.

Nisto foi pensando o homem de óculos fino ao se atirar da sacada do último apartamento do Ritz-Carlton, sob o Sol a pino de meio-dia, para encerrar a sua vida comezinha sob as dezenas de câmeras portáteis levadas pelos transeuntes que atabalhoavam a avenida central, principal artéria de Hong Kong.

O homem de óculos fino, no entanto, não esperava concorrência, e em meio à queda de 484 metros, encontrou um intrumetido que também despencava – trajado em terno e elegância, com uma bengala a tiracolo – berrando aos borbotões que saía da vida para entrar na história.

– O que está fazendo, meu caro? Perguntou, com dificuldade, o homem de óculos fino, também elegantemente vestido, com o rosto disforme pela força do vento.

– Estou me matando, ué! E você? Como ousa me atrapalhar neste momento que é só meu? O homem, pego no susto, engasgou-se com o próprio cuspe.

– Como todo seu? Você podia se matar a qualquer hora, lugar e circunstância, mas tinha que ser aqui? Será possível que até no momento mais atroz de um homem ele não pode ter o direito à solidão! Ó grande desgraça de não se estar só!

– O que você está resmungando? Vou ignorá-lo! Preparei este momento com todo desvelo, juntei todo o resto de renda que ainda me restava para a hospedagem, todas as fotos da família que não tenho mais. Logo, me cabe o direito de morrer como um dândi, ser velado como um mártir e virar *meme*, se Deus assim o permitir! Vamos, saia, saia! O chão já está chegando e quem espera nunca alcança!

– Eu não acredito no que você está fazendo! Disse o homem de óculos fino, o rosto rubro de ira.

– O que foi dessa vez?

– Você está fazendo uma *Live* da sua queda! Seu boçal, o tal momento que é só seu está sendo assistido por quantas pessoas nesse momento?

– Ah, não sei, deixe-me ver. Olha, quase 10.000 visualizações. Sou um sucesso!

O cavalheiro vibrava sua bengala fazendo medidas e salamaleques.

– Não pode ser, você não pode fazer isso. Tudo o que fiz foi um *post* com algumas fotos dos meus sofrimentos, e nem tive tantas curtidas. Ah, mas não irei perder a audiência para você meu caro, veja.

Sob protestos, o homem de óculos fino começou a se despir apressadamente. Começou por atirar o seu óculos lá embaixo, ao mesmo tempo em que arrebatava o abotoado de seu paletó para, em seguida, atacar o que restava da camisa de punho de cambraia.

– O que estás fazendo? – Perguntou seu concorrente – estás louco?

– Louco por vitória, meu caro! Não serei eu a passar despercebido neste ofício tão complicado que é o de se matar! Pelado vim ao mundo, pelado cruzarei as fronteiras do Além! Veremos quem vencerá, se um borra botas aburguesado xereta como você, ou um legítimo ser humano peladão!

Como que ferroadado de indignação, o homem de bengala começou a realizar piruetas no ar, volteando com cambalhotas e cabriolas, como para chamar a atenção.

O homem de óculos finos (que já não o possuía mais) não ficou atrás, vingou-se com um pinote e uma viravolta que acertou – sem o querer, é verdade – a mão de seu concorrente, que neste momento perdera o celular e toda a sua plateia.

– Não! Meus fãs! Veja o que você fez, eles nunca mais irão acessar o meu canal!

Em um ato de fúria, o cavalheiro lhe fustigou com a bengala. O outro, semicego, tascou um soco no rosto de seu opositor, em represália.

Assim, foram se pegando e se esbofeteando sobre a impassível população que desenhava o seu trajeto lá embaixo, conectados na *web*, desconectados da vida.

O baque foi seco, surdo e mudo.

No mesmo dia, as imagens desfiguradas de dois homens curtidos, abraçados, irmanados, como amantes, saíram em todos os lugares: um amontoado de carne irreconhecível, mais pela surra que se deram do que pela queda que escolheram. Indistinguíveis, viraram *memes*, viraram notícia, viraram obra de arte.

A HORA DO PESADELO

Thaís Luciana Corrêa Braga

UFPA/ASCOM

Sente a cabeça comprimir ao ler a mensagem de texto. Vertigem. Náusea. Aperto nas amídalas. Dor no peito. Falta de ar. Imediatamente, telefona-lhe. Caixa postal. Precisa sair do carro. O intervalo de uma hora, tempo necessário para se deslocar de um trabalho ao outro e ainda almoçar, expirar-se-ia em alguns minutos. Com o assunto entalado na garganta, segue para a jornada de mais cinco horas – com sorte. Oxalá ninguém morresse quando as páginas do caderno, pelo qual era a editora responsável, já estivessem fechadas, devidamente diagramadas com notícias sobre celebridades, o resumo das novelas, o horóscopo do João Bidu e a mulher nua na capa. Assim era feito o jornalismo de variedades na metrópole da Amazônia.

Deixa o trabalho depois das 19h e ruma para os 68m² recém-financiados. Dirigir sempre lhe acalmou. Naquela noite de fevereiro, no entanto, se equilibrava no balé de embreagem e aceleração como artista circense em vias de cair do picadeiro sem proteção. Chega ao apartamento e encontra-o às escuras. Ninguém em casa – provavelmente, desde a tarde. *Típico*. Quando algum problema ocorria, permanentemente era deixada para trás. Fora assim quando o avô falecera. Quando houve o acidente na estrada entre Oiapoque e Macapá. E agora. Entra e decide permanecer no escuro. Conhece cada canto do apartamento de cor. Pendura as chaves atrás da porta e tranca-a. Vai para o quarto e joga-se na cama, de roupa e sapatos. A bolsa cai e ela se lembra do conselho da mãe: não deixar a bolsa no chão para que o dinheiro e a felicidade não fossem embora. *Too little, too late*.

Conversar com a mãe seria o mais sábio a fazer naquele momento. Certamente, ela teria um sábio conselho à pronta entrega. Contudo, era uma mulher adulta de 26 anos. Como tal, julgava que mais do que havia passado da hora de resolver os próprios problemas sozinha. Isso ou a primeira manifestação da vergonha que a perseguirá pelos próximos meses. Vergonha que desencadeará isolamento, depressão e uma tentativa de suicídio. Estava casada há pouco menos de dois meses. Conheciam-se desde os tempos da faculdade. Namoraram, noivaram, moraram juntos até. Para ela, a única explicação era a imaturidade do marido e a sua peculiar característica de dizer palavras sem pensar

na força que têm. “Quero o divórcio” – ninguém fala isso por mensagem de texto, ainda mais quando se deveria estar com ressaca da lua de mel.

O casamento, por sinal, havia sido dos sonhos. Vestido, véu e grinalda. Foto e filmagem. Decoração e bufê. “Podemos participar do casamento comunitário. Todo ano, a universidade promove, a defensoria pública também”, ela havia sugerido. “Não! Quero pagar com gosto e me arrepender com gosto”, ele “brincava”. Os dois divergiam, amiúde, sobre o humor dele. Quis a biologia ou as condições sociais que ela valorizasse as palavras pelo caráter literal. Quiçá, por isso, tenha escolhido o jornalismo como profissão. Ao contrário, para ele, tudo era brincadeira. Chamar alguém bonito de feio. Dizer que a comida mais saborosa estava horrível. Deveria ela ter percebido que o diabo mora nos detalhes.

Ironia das ironias, era justamente o senso de humor dele que a havia encantado nos tempos da universidade. Dificilmente o via taciturno ou preocupado. Ela costumava dizer que ele era o sol, pois iluminava de alegria qualquer lugar onde estivesse. Com o passar dos anos, entretanto, as paralelas distanciaram-se. Profissionalmente, ela estava cada vez mais certa de onde queria chegar – alguns anos de experiência do mercado, mestrado, doutorado, investigação científica. Ele havia ingressado no mestrado, muito por insistência dela, e levava como daga. Tão logo foi recrutado por uma empresa de construção civil, no Amapá, trancou os estudos. A relação seguia entre visitas mensais e promessas de que, após a conclusão da obra pela qual ele se tornou responsável, seguiriam juntos. Como? – era a pergunta que ambos evitavam responder.

Sabe que não há somente uma razão para o desentendimento entre os dois, entretanto, reconhece que as coisas desandaram desde que ela lhe disse não ao primeiro pedido de casamento. Ou pelo menos assim pensa. Moravam em outro apartamento, alugado, igualmente minúsculo. Era noite, havia faltado luz. Com calor, deitaram-se no chão da sala. Ela não mais se lembra sobre o que conversaram. Lembra-se, apenas, da voz embargada de emoção a perguntar-lhe: “Terias coragem de assumir um compromisso comigo no final do ano?”. Ela chorava e as lágrimas eram pesadas. “Eu tenho que me formar, primeiro. Não sei para onde a vida vai me levar depois daqui...”. A verdade é que, a cada vez que ele falava em se casar e ter filhos, todos os nervos dela se enrijeciam. Gostava de parte da família dele e ele se dava relativamente bem com os familiares dela. A questão, no entanto, era muito particular. Como Vicky, a personagem de Woody Allen, ela estava certa do que não queria.

A formatura veio. O emprego e o apartamento financiado também. A obra no Amapá acabou e ele seguiu para outros estados brasileiros. A distância física tornara-se rotina para ambos. Ainda assim, decidiram se casar, como quem decide se janta pizza ou macarrão à *carbonara*. “Nunca pensei que ela fosse se casar algum dia”, confidenciou o pai à mãe no dia da cerimônia, que ocorreu no final de dezembro do ano anterior, quiçá ciente das mágoas que a separação entre a mãe e ele causaram à filha. Verdade seja dita: toda a família dela foi pega de surpresa com o anúncio do casamento. Ninguém desconfiava que uma voz invadia a mente dela, como um convidado indesejado, a todo instante, durante a celebração: *Essa é a tua vida a partir de agora. Acostuma-te!*

A festa durou até amanhecer. Alegre, ele circulava entre os familiares. Com as amigas, ela dançou até os pés doerem. Deixaram o salão de festa com o carro lotado de sobras do bufê e alguns presentes de última hora. Assim que chegaram ao apartamento, ele a carregou no colo: “Deixa eu te levar para a nossa casa, para a nossa cama...”, dissera. “Não precisa. Eu sei que sou pesada”, ela respondeu. “Não importa. És oficialmente minha senhora”. Tão logo se jogaram na cama, adormeceram. As energias totalmente esgotadas, tal como quando se desliga um eletrodoméstico. Sequer tiraram as roupas ou se refrescaram. Acordaram no outro dia e, entre dar atenção aos familiares que ainda estavam por perto e acostumar-se ao peso da aliança de quase 10 gramas de ouro no dedo esquerdo, ele partiu. Havia sido liberado do trabalho por apenas cinco dias. Ou pelo menos foi o que dissera quando adiaram a lua de mel. “Vamos em fevereiro. Teremos tempo para aproveitar melhor, vou estar de férias. Agora tá um pouco complicado eu me ausentar por tanto tempo...”. Fevereiro chegou e não estavam, exatamente, em clima de comemoração.

Não sabe por quanto tempo esteve adormecida. Acorda de supetão com um barulho na cozinha. Ele prepara torrada com manteiga e ovos mexidos, o lanche preferido dos dois. “Desculpa, não quis te acordar...”, diz ao vê-la com a cara assustada, parada, na encruzilhada entre o quarto, a cozinha e a sala. “Que horas são?”, pergunta. “Hora de comer”, põe a comida sobre a mesa dobrável. Pega dois bancos e indica um deles para ela se sentar.

“Nossa, tá uma delícia”, diz entre uma abocanhada e outra. Quando o alimento chega ao estômago é que ela percebe há quanto tempo estava em jejum. “A gente só comia isso, antes. Lembra? Acho que aperfeiçoamos a maneira de fazer, com o tempo”. A lembrança doe-lhe a cabeça. O peso dos anos em que passaram juntos paira no ar.

Comem em silêncio por mais um tempo, quebrado com a pergunta inevitável: “Então... e a aquela mensagem que me mandaste?”. Ele respira fundo, antes de responder: “Desculpa! Desculpa, tá? Eu não deveria ter dito aquilo... Aliás, pensando em coisas que não deveriam ter sido feitas, a bem verdade é que sequer deveríamos ter dado esse passo”. Ela nada responde. Ele alcança a mão dela sobre a mesa. “E acho que tu sabes disso, né? Nós dois sabemos que isso foi um erro, que nossas vidas não têm mais condições de estar entrelaçadas. Já nos perdemos há muito...”. Os olhos dela começam a se encher de sal e de amargura. “Calma! Vai ficar tudo bem! Teu primo é quem vai ficar feliz...”. Ela empurra o prato e diz, com a voz alterada: “Ainda isso?”

Quando adolescente, bem antes de conhecê-lo, ela viveu um amor de verão com um primo de segundo grau. Há muito a história havia ficado no passado. Pelo menos, para ela. Em algum momento do tempo em que estiveram juntos, ele soube do ocorrido. “Desculpa, eu tava brincando...”. “Não, não estava”, ela diz, quase irritada. “Eu já te disse mil vezes que odeio esse tipo de ‘brincadeira’. Será que é tão difícil pra ti entender e tentar fazer diferente?”. Ele respira fundo. “Tá vendo? Isso nunca ia dar certo”. Ela nada responde e ele continua. “Não sei se sempre fomos diferentes ou se nos tornamos diferentes, mas, é óbvio, queremos coisas diferentes. Eu sei o quanto te esforçaste neste último ano, desde que oficializamos o noivado. O quanto abraçaste a causa do casamento e fez de tudo para que a festa fosse perfeita. E obrigada... obrigada por tudo!! Mas isso aqui...”, ele gesticula com a mão, apontando para ambos, “nós dois já não somos uma dupla há muito tempo. Tu claramente queres mais e acho que tens que ir pra cima, sabe? Tens que conquistar o mundo, pequena! As grandes causas te esperam!! Não é que eu queira menos... talvez eu só não esteja disposto abrir mão de tanta coisa, da família, do futebol na televisão, do carro importado, das férias em Salinas, essas coisas.”.

“Tens outra pessoa?”, pergunta. “Sim e não”, ele responde. Ao sentir a fúria nos olhos arregalados dela, apressa-se em dizer. “Quero dizer que não tenho alguém específico, agora. Mas é questão de tempo, pra mim e pra ti. És uma mulher linda!! Sabes disso”. “Não, não sei...”, retruca. “Desculpa por não ter dito isso mais vezes. Não imaginava o quanto precisavas ouvir. Vai ver homem é um gênero meio burro, mesmo... Qualquer um deve se sentir orgulhoso do teu lado. Não és só linda, és inteligente e divertida. A tua risada é o que há de mais contagiante. E ainda és uma excelente companheira. Dedicar-te tanto àqueles de quem gostas que até te esqueces de ti. Sabe? Acho que precisas trabalhar isso. Colocar-te mais em primeiro lugar”. “Falas

como se fosse a coisa mais fácil do mundo...”, responde, enxugando as lágrimas. “Não, não deve ser. Nada do que vai acontecer, a partir de agora, vai ser fácil ou simples. Mas precisas estar preparada.”.

“Sabes que não vou ter sequer a certidão de nascimento de volta, não sabes?”, ela pergunta, com a mente nos protocolos que seguirão. “Que eu não vou ter cara para enfrentar a família da minha mãe, o pessoal do trabalho...”. “Deves nada a eles. Exceto a tua mãe. Aliás, eu também vou precisar me desculpar formalmente com ela”. Ela se levanta e abre a geladeira. De lá, saem duas fadas. Pega duas cervejas e oferece uma a ele. “Eu não lamento o que tá acontecendo. Quer dizer, lamento. Mas lamento mais o tempo que passou, a minha juventude, os planos que precisei refazer para que isso desse certo. Para homem é mais fácil. Para mulher, o peso é dois...”. “Podes ter certeza que vais ficar muito mais forte, quando tudo passar. Que tudo o que aconteceu tinha que acontecer para que nós dois nos fortalecêssemos. Não é tarde para se reinventar. Melhor que a gente se separe agora, quando estamos jovens e sem filhos, do que daqui a mais tempo, quando mais tempo tiver passado”. As fadas continuam a voar pela cozinha. “Então, é isso mesmo? Separação? Divórcio?”. Ele dá um gole profundo na cerveja, antes de responder. “Sim. A partir de agora, é cada um por si”.

Eles se olham por uma eternidade. “Um brinde à conversa que não tivemos”, ela diz. “Não tivemos porque não tínhamos condições de ter. Mas, sim. Um brinde!”. Tim-tim. “*Come back and make up a goodbye at least. Let's pretend we had one*”. “Ã?”. “Frase da Clementine, a personagem da Kate Winslet, naquele filme ‘Brilho eterno de uma mente sem lembranças’”. “Hum... aquele em que ela faz par com o Voldemort?”. “Não! Esse é ‘O Leitor’, que eu adoro, por sinal”. “Então, qual?”. “Aquele em que ela faz par com o Jim Carey. Assistimos uma vez na casa da mamãe, mas acho que não te lembrás...”. Ele responde com sinceridade: “Há muito eu desisti de assistir filmes que não entendo só pra te agradar. Sabes que meu estilo é mais tiro, perseguição de carros, luta, essas coisas”.

O micro-ondas começa a tremer, porém não cai no chão. Ela sente a vibração e o coração dispara. “O que é isso, o que tá acontecendo?”, pergunta assustada. Um palhaço entra na cozinha e tenta fazer piruetas, no minúsculo cômodo. Ela grita, pois não gosta de palhaço. Sente medo. Ele bagunça o cabelo dela, que derruba a cerveja no chão. “Para, para, para!!!”, ela tenta dizer, mas a voz não sai da boca, está presa na garganta. As luzes começam a piscar. A visão do então marido sai de foco. Com a voz deveras

grave para uma fada, uma delas diz: “Acorda! Sobre a mensagem que eu te mandei, é o seguinte...”

SESSÃO II

CRÔNICAS

A PENÚLTIMA CRÔNICA

João Marcelino Pantoja Rodrigues

UFPA/Campus Breves

A sensação de perder algo único é uma das mais desoladoras e cruéis emoções que alguém pode experimentar, talvez só não maior do que a de perder para a Alemanha. Aconteceu com minha penúltima crônica, aquela imediatamente anterior a esta, ruminada em alguma madrugada recente. Digo isso ciente de minha tosca pretensão em categorizar como crônicas ambos os lampejos.

Antes, porém, de chegar ao ponto em que pretendo, devo fazer uma volta para dizer que a tecnologia nos dá diariamente doses maliciosas da dor e da delícia de ser o que é. E, se por um lado nos facilita a vida com as ferramentas do Word a nosso dispor, enquanto desvirtuamos a pureza da página em branco, de outro, uma tela azul repentina e ordinária, aquela que traduz um erro grave do sistema, pode levar sem piedade todo o resultado, bom ou ruim, de um imenso esforço produtivo.

Azul era a madrugada estrelada, azul o Papão da Curuzú, o Leão, o pássaro de Bukowski, o galo e o cavalo do Poema Sujo, azul a tela do Windows, risonhamente triunfante em meu monitor... E eu, sem backup, essa palavra ainda estranha e hermética, mas de tamanha serventia, pela tela azul fui abruptamente separado daquele que, até então, parecia-me ser o texto mais redondo que eu jamais havia escrito.

Enquanto encaminhei às pressas o computador a um técnico de confiança, com o desespero de quem levasse um atropelado à emergência de um hospital, fiquei imaginando se teria memória suficiente para reescrever aquilo, exatamente da mesma forma, com as mesmas pausas e avanços, a mesma (de)cadência e loucura de quem escreve cochilando e rindo ao mesmo tempo. Logo concluí que seria inútil, e que mais valeria a pena lamentar dignamente a perda ouvindo Chico e Caetano e mandando ver nas pencas de cervejas long neck que se abraçavam na geladeira.

Não enfeitarei estas mal traçadas linhas dizendo que chorei. Claro que não chorei! Modéstia à parte, sou bastante controlado emocionalmente. E também não era para tanto, embora o texto fosse belo... Ah, como era belo. Eu jamais faria outro como aquele. Por que fui tão descuidado? Custava salvar em um pendrive? Etc, etc. Mais uma long neck. E mais etceteras.

“A sua lembrança me dói tanto. Eu canto pra ver se espanto esse mal”, lamentava Chico na caixa de som enquanto eu tentava compreender o que havia de tão diferente naquela crônica, cuja ausência se agigantava em mim a cada gole e em cada verso daquelas canções. Mas eu me agarrava às garrafas como se fossem esperanças enquanto lembrava que ainda havia um técnico de informática confiável que poderia me trazer de volta o que a tela azul havia levado.

Horas mais tarde, acordo com uma ressaca de quebrar os ossos e uma mensagem brilhando na tela do aparelho celular: “Recuperei!”. Uma palavra mágica suficiente para me fazer acordar de verdade, tomar um dos banhos mais rápidos da história e voar para a assistência técnica. O herói me recebeu com um largo sorriso e os olhos cheios de cifrões. Mas o pagamento, ainda que alto, seria justo pelo trabalho.

Voei de volta para casa, liguei a máquina e ah! Lá estava ela. Lida uma única vez após a conclusão apressada que eu havia feito na madrugada em que a produzi. Mas como são admiráveis as crônicas que nós não conhecemos bem... Ou seriam as pessoas, mestre Millôr? Seja como for, aquele encadeamento confuso de códigos alfabéticos estava anos-luz distante de ser o meu texto mais redondo, a crônica que eu jamais faria novamente. Ao contrário, era bem pior do que esses rabiscos que faço agora mesmo, para se ter uma ideia da tragédia!

Era um emaranhado desencontrado de palavras e sentidos, excessivamente cheio de pleonasmos mais que viciosos, neologismos forçados, adverbializações, adjetivos supérfluos e desnecessários (trechos entre parênteses), etceteras.

Seria necessário rever toda a lógica cartesiana, toda a teoria da relatividade e, antes de tudo, reabastecer a geladeira com um novo cardume de long necks. À noite, uma mesa redonda com Chico, Caetano, Tom Jobim, Pinduca e Joelma me traria novas respostas sobre como pude me enganar tão ingenuamente, acreditar que de fato havia escrito algo sabinesco ou nelsoniano, etc, etc.

O episódio me fizera lembrar de uma moça que vi uma única vez, mas jamais conheci, cujos traços me lembro até hoje. Trocamos olhares durante uma viagem de ferryboat, mas nada além disso. Nem sua voz eu escutei, embora imagine. Não soube seu nome, nem de onde era. Nem mesmo se existia de verdade, ou se teria se perdido entre portas secretas de outras dimensões e aparecido neste plano acidentalmente, por alguns instantes, bastante fugazes, mas suficientes para que eu a notasse e não a perdesse mais de meu ser desenganado. Talvez se houvéssemos nos conhecido, a

realidade inexorável me fizesse esquecê-la e perceber que a completude, às vezes, pode ser dispensável.

Assim eu queria a minha penúltima crônica: fugaz como aquela morena do ferryboat. Que não se permitisse ler novamente. Uma ausência não como falta, nos lembraria Drummond. Mas uma ausência assimilada, que ninguém roubasse de mim. Ah, como eu queria!

DOSE DE VENENO, DOSE DE REMÉDIO

Thaís Luciana Corrêa Braga

UFPA/ASCOM

Em alguma cidade do norte português, na noite anterior à consulta ginecológica, o preservativo rompe-se. “Bora à farmácia agora”, diz ao ser amado, tão logo consegue articular palavras. Ao longo de toda sua vida sexual ativa, para utilizar uma expressão da mãe dela, jamais deslize semelhante havia lhe ocorrido. Não, nunca usara anticoncepcional. Era radicalmente contra a indústria farmacêutica que, na visão dela, em parceria com os médicos e os planos de saúde, visava entupir as mulheres de hormônios para que, no fim das contas, somente os homens se dessem melhor. Sempre acreditou que, numa eventualidade, a responsabilidade seria dividida por dois. Um plano perfeito, na teoria. Ainda assim...

Não para de ouvir a voz de um amigo, quase uma premonição do infortúnio que então lhe ocorre. “Olha, eu não gosto muito desses ultrafinos. Sei lá, né? Melhor perder sensibilidade do que eu engravidar alguém ou pegar alguma doença”, comentara dias antes numa mesa de bar quando, julgando-se deveras *open mind*, ela falou que iria experimentar um preservativo diferente, a fim de que o namorado e ela tivessem mais prazer. Ademais, não havia pior dia para o infortúnio: segundo as marcações regularmente feitas no aplicativo, tratava-se do 14º dia após o início da última menstruação, ou seja, era dia de ovulação. “Calma, deixa para amanhã! Não há de ter farmácia alguma aberta a essa hora”, diz o ser amado. “Eu vou contigo, depois do café.”

Na manhã seguinte, em meio a torradas com geleia de tomate e café moído e coado na hora, foram realizadas diversas buscas no Google. Pílula do dia seguinte: como funciona, para que serve, como tomar, quais os efeitos colaterais... Quanto mais se informam sobre o procedimento, mais dúvidas têm. Pediriam ajuda à farmacêutica do estabelecimento onde comprariam a droga. “Só estará disponível a partir das 10h”, responde a atendente, quando perguntam pela profissional. Escolhem ao acaso entre as opções apresentadas. Pagam e seguem para os respectivos afazeres.

“O que a menina deveria ter feito, já o fez”, explica a ginecologista, no melhor estilo “pt-pt”, quando, após uma longa manhã, ela comparece à consulta médica. As aulas de Biologia, há muito tempo esquecidas, são lembradas. A droga ingerida iria inibir ou adiar a ovulação. Se na pior das hipóteses o espermatozoide houvesse

fecundado o óvulo fértil, a droga iria impedir a fixação do óvulo fecundado no endométrio, isto é, na parede do útero. “O que a menina deve fazer é aguardar pela próxima menstruação, que virá alguns dias antes ou alguns dias depois do previsto. No entanto, caso a droga não impeça a fecundação e a menina desejar interromper a gravidez, durante as primeiras dez semanas, pode se dirigir ao serviço de emergência do hospital público. O processo é anônimo e feito em casa, mediante a ingestão de um comprimido.”.

Desde 2007, a legislação portuguesa prevê interrupções de gravidez a pedido das mulheres. Não é crime como no Brasil; é saúde pública. Ainda assim, a informação pega-a de surpresa... Tinha sim uma veia religiosa. Nossa Senhora de Nazaré, rogai por nós! Da mesma forma, tinha plena consciência de que a interrupção de uma gravidez num estado laico deveria ser tratada como uma questão social; que os julgamentos – sempre eles... – fossem evitados, afinal, só quem precisa recorrer a um procedimento tão doloroso como o aborto sabe as razões que o motivam. Mas não era por esse viés que a surpresa se manifestava.

Para ela, ter filhos nunca fora plano de vida; nunca fora objetivo a ser alcançado. Verdade seja dita, antes dos 30 anos, sequer cogitava cuidar de mais alguém que não a si própria: seus estudos, sua profissão, sua carreira, sua moradia, seu transporte, seu lazer. Os primos há muito haviam se multiplicado. As tias, amiúde, perguntavam: “E tu, mana, quando vais dar um neto à tua mãe?”, no melhor estilo “pt-br” amazônico. Não importa que fossem as tias a criar os filhos dos primos. Não importa que os sonhos, quaisquer que fossem, tenham se diluído em meio a fraldas, à creche, à escola, etecetera. Seria o preservativo rompido a maneira, no mínimo engraçada do universo, de fazê-la encaixar-se no ciclo social de reprodução humana? Ou a boa e velha praga de família que pegou por todas as vezes em que ela dissera: “Filho? Deus me livre!”.

“A menina pretende fazer uso de algum método contraceptivo?”, a pergunta da ginecologista tanto a tira do transe, como também lhe informa sobre o dispositivo intrauterino, o método contraceptivo feito de plástico flexível moldado na forma de T e introduzido diretamente no útero. A mente viaja de novo e ela se lembra de que quando ainda residia em Terras Tropicais gostaria que lhe fosse implantado um DIU. Contudo, a opinião dos ginecologistas era unânime: a Amazônia era um lugar muito quente, portanto o dispositivo poderia causar mais inflamações no colo do útero do que benefícios. Coincidentemente, os ginecologistas esqueciam-se de mencionar que o plano de saúde lhes pagava menos de R\$ 50 por DIU implantado – o que diminuiria,

sensivelmente, a venda dos anticoncepcionais orais recomendados pelos laboratórios que lhes visitavam de vez em quando.

Ao sair da consulta médica, ela se sente em paz. O alívio vem das alternativas que vê para quaisquer cenários – gravidez ou não gravidez. Também da certeza: preservativos ultrafinos nunca mais!! A desconfiança com a indústria farmacêutica seguirá ao infinito e além, entretanto ela reconhece que o bom uso das drogas depende mais das pessoas no seu cotidiano. A boa e velha retórica da diferença entre o remédio e o veneno, na dose. O alívio transforma-se em êxtase quando ela chega em casa e encontra o ser amado à espera, com rosas na mão e um pedido: “Vamos assistir Harry Potter hoje à noite depois do jantar?”.

O CORAÇÃO AINDA LEMBRA

Gilson Pedroso dos Santos

UFOPA/IBEF

Era o segundo natal que as memórias já não eram as mesmas. No anterior, já não se lembrava de todos, mas ainda lembrava-se de mim e isso me deixava, por alguns instantes, aliviado. Essa angústia me acompanhou durante todo o caminho até a casa da vovó. Fui eu, mamãe e mais dois irmãos. Ela estava sob o cuidado da minha tia-avó que fora morar com ela, após problemas familiares. Era a minha tia preferida, apesar de não ter papas na língua e ter um jeito exótico de se vestir. Minha família nunca foi convencional e acho que por isso éramos tão felizes. Era comovente ver as duas irmãs ali, uma fazendo companhia pra outra, uma cuidando da outra, principalmente depois da morte das outras três irmãs.

Estávamos numa barraca, onde tinha umas cadeiras, uma caixa d'água feita de cimento e um fogão de barro feito pela vovó. Seu quintal, embora meu tio já tivesse vendido uma parte, continuava extenso. Havia muitas flores. As amarelas sempre me fascinaram e sempre me fizeram lembrar dela. Abacateiro, cupuaçuzeiro, jambeiro e muitas frutíferas, além das medicinais, enfeitavam o seu terreno.

Quando eu era criança, sempre às tardes, ia ajudar a vovó a limpá-lo. Era muito cansativo, mas gostava de ajudar a Dona Izaura. Gostava mais ainda de ouvir suas histórias. E eram tantas, divertidas, encantadoras e misteriosas. As lendas se misturavam aos fatos do cotidiano. O boto, o curupira, a mãe d'água flutuavam na minha imaginação. Como era bom ouvir aquelas histórias comendo bolinhos de trigo com café preto. Sempre suspeitei que todo esse universo de aventuras ocorridas no meio da Amazônia, e relatadas por ela, influenciaram na minha imaginação fértil e no desejo de escrever e contar histórias. Que sorte de ter uma mulher assim na minha vida, como dizia o poeta “a pequena índia morena da cor do açai”.

Titia, assim como a vovó e a mamãe, era Maria, mas só a titia era chamada de “Tia Maria”. Era uma família de mulheres guerreiras que desde muito cedo tiveram que trabalhar pra sobreviver.

Dona Izaura, auxiliada pela Tia Maria, veio se juntar a nós numa roda de conversa, como as que sempre fazíamos pra socializarmos as novidades e que sempre

terminava no “E tu, quando vais me dá um bisneto?”. Eu respondia com um sorriso acanhado “Ainda sou muito novo”.

Pedi benção à vovó como sempre fazia, e ela me abençoou. Todos (netos, filhos, sobrinhos) fomos educados a pedir de uma forma peculiar. Estendíamos a mão e falávamos “À benção, vovó?!”. Ela respondia “Deus te abençoe!” e beijava a nossa mão. Cada um beijava ambos os lados dos rostos um do outro. Um abraço selava todo o ritual. Confesso que uma ou duas vezes sentia vergonha de fazer isso em público, mas me sentia tão protegido ao receber a benção.

Vovó tomava suco com bolacha, seus olhos ficavam dançando ao olhar para nós. Talvez tentasse lembrar quem éramos. Mamãe penteou o cabelo dela. Sempre teve fortes traços indígenas. Seus fios eram negros e lisos e mesmo já com uns setenta e poucos anos, ainda eram muitos, mas que se misturavam com os brancos.

Eu fiquei a todo instante do seu lado, segurando sua mão, ora triste por aquela doença estar a atormentando, ora feliz por saber que ela estava recebendo o amor de todos. E todo esse amor só foi possível porque ela fez um bom trabalho durante toda sua vida, seja como vó, mãe, irmã, tia, esposa ou como comunitária atuante.

Não tinha como não me lembrar dos natais anteriores, sobretudo de quando eu era criança. Íamos todos pra casa dela pra confraternizarmos. Lembro-me bem de quando eu tinha sete anos. Naquele 25 de dezembro, fazia alguns meses que o vovô tinha partido. Ela sempre foi forte, mas a partir da viuvez apresentou uma força maior ainda.

Enfim, havia chegado a hora de voltarmos pra casa. Então, cada um tomou benção. Chegou a minha vez e eu recebi mais um “Deus te abençoe”. Eu a abracei fortemente. Roguei que Deus a protegesse também. Embora a memória não fosse a mesma, há algo muito maior que nenhuma doença, nem o tempo, nem nada, seria capaz de destruir. Os laços de sangue, os laços de amor sempre falam mais alto. As memórias já não são as mesmas, mas o coração ainda lembra...

TUDO O QUE NÃO PEDIMOS ESTÁ DE VOLTA

Djane de Sousa Barros
UFOPA/Campus Itaituba

O caos se aproxima, afinal, já está por perto. Momentos de angústias, dores incessantes e perguntas sem respostas. O porquê dos acontecimentos, quais as causas disso tudo, será que estou retrocedendo? Tantos são os questionamentos, tantos são os sofrimentos, mas há a lei da procura?

O sarampo, doença que acomete várias regiões do Brasil, que supostamente estava sob controle, voltou. Mas o que ocorreu? Será que temos culpados diante do caos que se formou? Famílias são afetadas, crianças estão à beira do abismo, pais sem saber o que fazer, governo à procura de soluções e campanhas florescem como as flores de um jardim. Mas já existiu ou existe realmente solução para tal problema?

No Brasil, tal doença era considerada eliminada, mas que extinção é essa que reaparece após vários anos de controle!?. A sociedade fica à mercê de diferentes vertentes, ora por ela mesma, que deve se conscientizar e levar seus filhos, netos, sobrinhos, enfim, seus menores de idade para vacinar contra tal doença. Porém, surgem as mazelas da sociedade, jovens ainda no processo de crescimento, mas já grávidas; praticamente uma criança tendo outra criança; ora pelo próprio governo que implementa ações remediáveis, pois a reintrodução já se integralizou e a ambientação de doenças virais já se disseminou, sem controle junto aos órgãos competentes.

Reportagens em jornais com entrevistas de ambos personagens desse fato. Mães que não levam seus filhos por falta de tempo, que não faltam a escola, enfim, são inúmeras desculpas. Mas há os que buscam o tempo hábil para prevenir tais doenças. Por outro lado, o governo que amplia, prorroga e até “corre” atrás de pais para que seus filhos sejam vacinados, seja por preocupação com o não aumento do número de doentes, ou simplesmente para alcance de metas nacionais. Logo, é preciso observar que o país age em controvérsias de risco à saúde, o ser humano das regiões, em sua maioria menos desenvolvidas, Norte e Nordeste equipara-se, nesse contexto, a grandes metrópoles do país, Rio de Janeiro e São Paulo. A doença não diferencia naturalidade, cor, sexo ou religião, a tendência é a conscientização de todos. Afinal, a doença é contagiosa e sua transmissão pode ocorrer em pequenos gestos, como falar e até

respirar. Então, basta refletirmos que há vacina o ano todo e a mesma é a melhor maneira de evitar tal doença.

Questiono sobre os riscos, mas o risco maior já se dispersou pelo país, não há um pai de família que deixe seu filho longe de si para evitar contato com o mesmo, caso esteja doente. O processo de vigilância deve ocorrer antes da doença, a dispersão é um risco iminente.

Relacionar saúde ao serviço público é indagar a si mesmo sobre o grau de importância que você dá à vacinação, seja cidadão ou governo. O ambiente propício, visitas a creches, escolas infantis, casas de pais com filhos ainda crianças, a implementação de vigilância epidemiológica, laboratorial, imunizações e educação em saúde, a orientação sobre a importância da vacinação são algumas das inúmeras maneiras de não deixar as doenças voltarem a circular no país.

As doses de vacinas “doem” hoje, mas evitam os possíveis “surtos” de amanhã. Vidas são salvas, seja com uma gotinha, agulhada ou até mesmo comprimidos. Equipes de saúde reúnem-se para realizar o levantamento do grau de risco que nos encontramos, campanhas são propagadas por todos os canais de comunicação, a cobertura vacinal é a solução para o não aumento de casos, por isso, não deixe que venha novamente o que nem ao menos queríamos, a doença, mas que reaparece em cada gesto mal dado por todos nós seres humanos.

Por isso, **“Tudo o que não pedimos está de volta”**, mas devemos agir hoje para não remediarmos o amanhã e, assim, obtermos menores filas de espera em emergências de hospitais, menos riscos da perda de um ente querido, melhoria da saúde, socialização sem medo de acometimentos doentios, enfim, melhoria de vida, sem riscos e sem receios.

SOBRIEDADE SETEMBRINA

Benedito José Brabo Pantoja

UFPA/PROAD

O primeiro dia de setembro, ducentésimo quadragésimo quarto dia de 1993, jamais será esquecido por aquele ser. É que, pouco a pouco, ele começava a divisar os primeiros raios de um sol que até então se lhe mostrara distante e indiferente, como a “estrela alta e fria” avistada por Manuel Bandeira.

Certa vez, antes de nascer, ainda na aurora das letras, ele tentou ser poeta; conseguiu apenas posar como rimador: “haverá tsunamis, verei vendavais, viverei em zonas ciclônicas”... Se a poesia foi fraca, a profecia tornou-se poderosa: de fato, a *tempestade* veio. Ainda bem que os versos de Beto Guedes, no violão dedilhados, também foram proféticos: “quando entrar setembro e a boa nova andar nos campos...”. Porque, decididamente, a primavera brasileira de setembro, mesmo sendo tênue em terras paraoaras, acabaria por lhe trazer esperança. Do Vadião da UFPA, os acordes de seu pinho fiel ecoaram pelo rio Guamá.

Ao longo daqueles *tornados* e *furacões* andou escrevendo, à maneira d’*Os Lusíadas*, versos cristãos embebidos em sentimento pagão. Isto porque, embora se nutrisse da esperança e da fé, a poesia se apoiava, panteisticamente, no perfume dos jasmims e das rosas que pairava no ar, à medida que o homem se aproximava dos jardins de setembro.

Ei-lo aqui, no balcão do bar do luxuoso hotel; agosto agoniza. Ouvem-se vozes ao redor... Figuras excêntrica e alvas, de aspecto eslavo ou escandinavo; frios europeus, como o uísque *on the rocks* à sua frente. O anterior possuía um certo glamour, era charmoso e encantador. Tratava-se do Grande Hotel, o *Copacabana Palace* da Cidade das Mangueiras, que ele conhecera apenas pela narrativa dos “terríveis” irmãos Farahzinhos em suas memórias. O sucessor daquela joia da *Belle Époque*, ainda que tentasse, de forma demagógica seduzir nosso homem, com temas amazônicos, tendo um bar em forma de maloca à beira da piscina, coberta com palhas de ubuçu, cadeiras de vime, peneiras de passar o açaí confeccionadas em talas de guarumã, assim como enfeites de tururi, adornando as paredes, não era tão acolhedor e romântico como fora seu antecessor. Ouvindo aquelas vozes alienígenas à sua volta, sob a armadura de um

pesado sotaque, não era preciso ter viajado às terras logo além do Guajará para experimentar uma sensação de distância, de abandono. Felizmente, setembro está às portas. Inversamente proporcional ao dia praguejado por Jó, por não ter fechado o ventre de sua mãe, permitindo-lhe, assim, dar à luz, este anteato de setembro é vivido com uma ansiosa e doce espera. Ah! essa canção nostálgica, “Too young”, celebrizada por Nat King Cole e bem executada pelo pianista ao lado, mistura-se com a dor do parto no último dia de agosto.

Nascendo no dia 1º de setembro de 1993, será quatro anos mais jovem que sua primeira filha e dois a mais que a segunda. As vozes continuam perturbadoras, mas setembro o acolherá, libertando-o de suas aflições. Nosso homem mostra-se contraditório: *kafkamente*, cultiva o absurdo, vive tresloucado, alterna entre Dr. Jekyll e Mr Hyde. É Baco que o aflige. Por isso, mais do que nunca, precisa se unir a setembro. Será livre já no seu primeiro dia; não se trata de indiferença à Pátria, mas não irá esperar o dia sete para ser independente.

A dor pungente está passando. Nasce; saiu da maternidade. A caminho de casa, o novo bebê de apenas um dia de idade pensa na alegria com que será recebido pelos seus.

Perdoem o último cheiro de álcool; suportem-no só mais um pouquinho. Percebam que ele está se desvanecendo, sendo envolvido pelo aroma protetor das flores de setembro.

FILHOS DA UNIVERSIDADE

Ronne Clayton de Castro Gonçalves
UFOPA/ Campus Itaituba

O fim do ensino médio, reta final da educação básica, momento de incertezas, expectativas e dúvidas. Dúvidas sobre qual profissão seguir. A única certeza que surge na vida do estudante é lutar para transpor as barreiras do vestibular. A busca por formação superior pública é trabalhosa e exige compromisso consigo mesmo. Etapa preliminar é o curso pré-vestibular que aumenta as possibilidades de aprovação.

Rotina de trabalho intensa e no, fim do dia, o momento também compensa, turmas lotadas e muitos conteúdos. O ingresso na universidade não seleciona idade e a ansiedade toma conta de todos. São dias em que uma dose de café ajuda e tudo muda. Motivados pela pergunta, que profissional serei?

A etapa seletiva chega, ônibus lotado, dividindo espaço com os pares que também procuram outros ares. Problemas corriqueiros acontecem. – Esqueci meu documento de identidade! – Perdi minha caneta! – Motorista, peguei o ônibus errado, para, por favor! – A caneta deve ser preta ou azul? – Corre que o portão vai fechar! Minutos depois fechou... Fase decisiva diante de um paradoxo, adentrar no local de prova e seguir ao alcance da aprovação, ou ter isso bloqueado por um portão e um cadeado. Nesse momento, o que resta, caso aconteça, é não perder a esperança, pois quem persiste e insiste a vitória existe.

A prova passa, gabarito preenchido, elevação das expectativas, longos dias até a divulgação do listão. Reunidos no pátio, se liga o rádio, hora de se concentrar, pensar e, muitas vezes, chorar, recordar a trajetória que não foi fácil, agora com toda atenção voltada para a ordem alfabética pronunciada por um locutor de rádio. A emoção aumenta a cada nome... Enfim chegou o grande momento, é hora de comemorar, você passou no vestibular! Ovo, trigo e tudo que possa sujar são usados e fazem parte da culminância do listão dos aprovados.

Então, o desafio está lançado para ser um universitário de uma instituição pública. Inúmeras experiências, eventos, diálogos, fila no restaurante universitário, amizades, aquela paradinha no ver-o-pesinho para fazer um lanche.

A estadia na academia, a priori, parece ser longa, mas não é. O tempo passa e, de repente, surge um trabalho final para concluir o curso, composto por três letras que representam três palavras. Às vezes gera inquietação nos “filhos da universidade”, o momento é decisivo, pois é mais um ciclo que se conclui e, com essa última aprovação, se abre a porta de saída da academia.

Outorga de grau, com a beca e o diploma, o caminho profissional se retoma. Com as oportunidades profissionais fora da sua cidade natal, muitos “filhos da universidade” abrem mão de seu convívio social e seguem em busca de valorização profissional. Há aqueles com espírito empreendedor, há aqueles que atuam em área antagônica a sua formação e há os “filhos” concurseiros que, sem medo dos atropelos, se espalham por diferentes caminhos, até mesmo para lugares longínquos desse Brasil varonil.

A “mãe universidade”, certamente, se orgulha de todos os seus filhos por onde quer que eles estejam. O elo que os une e renova é o cordão umbilical existente entre o ser profissional e o pertencer a uma universidade que, de maneira majestosa, acolhe, ensina e forma cidadãos capazes de fazer a diferença pelos quatro cantos do país.

ENTRE A CRUZ E A ESPADA

Vanusa Carneiro de Abreu

UNIFESSPA/IESB

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido. Diante de palavras cheias de vida e esperança, quem imaginaria um futuro tão obscuro e decadente para ti, meu Brasil? O povo heroico agora esconde-se atrás das gélidas telas de seus computadores e celulares, disseminando palavras mal ditas e malditas, perdoem-me o trocadilho.

Teu povo heroico de brado retumbante agora acovarda-se nas tecnologias, sem querer aqui minimizar os seus poderes de propagar informações, mas também propaga-se, e muito, a intolerância. A nação, que outrora lutou com braço forte, reduz-se a pessoas ávidas e incansavelmente determinadas a reproduzir discursos de total ignorância, ou pior, de total consciência, escancarando a total falta de amor pela pátria, e evidenciando o fanatismo por um partido ou uma personalidade, escolhendo entre um prisioneiro, ou a representação dele, e o “Salvador da Pátria”, rotulado racista e homofóbico, literalmente, entre a cruz e a espada.

Assisto perplexa as discussões infundadas que nada tem a ver com teu futuro, mas que dizem muito sobre as pessoas atrás das telas, com seus egos inflados, defendendo seus próprios interesses e suas verdades absolutas, e me pergunto: Será que teremos paz no futuro e glória no passado? Com um povo que aceita migalhas, fecha os olhos para a corrupção e não respeita seu próprio irmão, só me resta o sonho intenso do teu hino, o sonho de uma pátria mãe, com filhos que não fogem à luta, ou sobra-me a total desesperança.

Ó minha pátria amada, dos filhos ingratos deste solo, és mãe gentil, perdoe-os, seja gigante pela própria natureza, mesmo presos em seus discursos medíocres e hipócritas de falsas ideologias políticas, tu ainda és nossa terra adorada, entre outras mil ainda és tu, meu Brasil. De amor eterno seja símbolo!

DEVANEIOS

Louise Bogéa Ribeiro

UFPA/Museu

Os anos passam tão rapidamente. Mais uma manhã e um dia a menos. Perguntei-me: o que fiz até agora? O pior não é desconhecer ao certo a resposta, mas sim não saber exatamente qual sentimento é provocado ao relembrar a minha vida.

De alguma forma, as memórias me prendem e soltam-se a vagar em meus pensamentos. Apesar das diferenças, tudo e todos têm histórias – boas ou ruins. Percebo histórias em toda a parte: desde a boca banguela da criança até os fios de cabelos brancos do meu avô. A minha história se esconde em um meio sorriso, ou em um arranhão. Memória é sinônimo de saudade, reflexos da nossa existência. Mesmo os que não estão mais aqui deixam história. Suas lembranças, muitas vezes, matam as almas daqueles que ficaram conosco, restando apenas seus corpos aqui.

Entre as frases, metáforas deste texto, aos poucos vou sangrando. As palavras invadem meus olhos, mentes, ouvido e coração. Ao mesmo tempo, está o silêncio que perturba, cala-me. Marcas e cicatrizes criam histórias que permanecem em nós como as pessoas que partem. Continuo a querer estar vivo, mas não sei quando isso acontece. Talvez estejamos vivos apenas quando partimos e já não estamos mais aqui. Vivemos ainda nos detalhes da história de outro alguém ou em algum lugar por aí.

Às vezes, a história é perdida entre poesias, em ideias pela metade, subentendidas. Sua sensibilidade, porém, transmite verdade. Vem da alma. Revela ou ensina, sem a necessidade de palavras ou textos longos. Mas o que aconteceu com Alexandria e o nosso Museu Nacional? A história se perdeu ali, e só agora aprendemos com ela. Nem Einstein poderia prever ou compreender esse fenômeno em 1931. Restaram cinzas de 200 anos daqueles que doaram suas vidas às chamas. Mas acabou sem partir. Num adeus à distância.

Perco-me novamente em devaneios. É como quando não sabemos ao certo se a escrita de Graciliano era amarga ou cheia de amor. Mas, de qualquer forma, deveria ser mais apreciada. Sempre é possível visitar o texto, aprimorando-o. Seja trocando palavras, seja apagando seus trechos. Infelizmente, o mesmo não se pode dizer para as

lembranças. Não importa quantas vezes as retomemos. Continuamos errando para acertar.

Distraio-me observando o bombardeio de informações na internet. Posso ver, ler, escutar e até escrever histórias lá. Mas para todos ou ninguém? Na tentativa de deixá-las reais, muitas vezes, faço uso do irreal. Desconheço rostos ou nomes. Amigos ou conhecidos. Não consigo encontrar a minha história. Eu a procuro em cada andar do elevador ou nas prateleiras do supermercado. A velocidade das coisas me confunde como se estivesse girando em um carrossel ou em uma roda gigante. Sempre à procura de algo que já vi. Tento acompanhar as vitrines do shopping ou o passar dos dias do calendário. Não consigo manter o ritmo. Finjo não me atrasar, mas sempre com bom humor. Escondo-me no meu mundo, mas quero compartilhá-lo a todos, sem esquecer da privacidade. Anseio pelos mesmos feriados, com horário e data marcada. A sessão é sempre das oito às dezoito. A rotina me tranquiliza e o medo de viver me consome.

Robôs com direito à inteligência artificial são programados, reconfigurados, tendo seus eventuais defeitos consertados e, por vezes, são totalmente descartados. Seu principal problema é que ainda sentem dor, são seres humanos.

Muitos não sabem da dor que me assola por anos. E de todo o sofrimento que ela traz. A inércia me atinge, sem resistir à violência. Ao relembrar, apenas dá ânsia de vômito. Desejo de morte que anestesia a dor. Que me abusa, causando o meu estupro. Quantas coisas já sofri, vivi e chorei; pouca coisa ri, cantei e sonhei. Mas é assim que a vida é. É assim que nós somos. Talvez não seja assim que queiramos ser. Nem sempre queremos, mas somos e vice-versa. O que perdemos? Ganhamos inimigos sem nome, monstros dentro de nós mesmos. O olhar deixa inerte. Mudo, doente e inexpressivo. Seria loucura imaginar sentimentos ou ainda falar de amor sem dor, tristeza e rancor. Tão errado quanto expor algo meu sem a minha autoria.

Por isso, confesso que continuo sem projetos e passados felizes, mas me resta ainda ser. Ser o máximo que posso ser. Antes de terminar a minha história ou mesmo incendiá-la por acidente. Quem sabe?

DE NOVO, “SECRETÁRIA, TRAGA UM QUILO DE BOMBONS”

Rosiris Lopes Rodrigues Mendes

UFPA/PROGEP

“**S**ecretária, traga um quilo de bombons” e a garotada vibrava. Estava iniciando o Clube do Guri na TV Marajoara que, se não me falha a memória, era a primeira TV (ou foi a Guajará?? É, os anos já não nos permitem lembrar muita coisa...) a apresentar um programa ao vivo, na cidade de Belém, e parece que estou revendo tudo: O palhaço Alecrim entrava e, junto com ele, o palhaço Nequinho. O Alecrim da beira d’água era o grande apresentador do programa, as brincadeiras corriam soltas e, por mais que não tivessem graça, nos faziam sorrir muito. Neste momento, me reporto a um fato engraçado que participamos, relacionado ao Clube do Guri.

Meu irmão, um pouco mais novo que eu (claro que não somos mais adolescentes, mas um pouco mais sábios que alguns leitores, rrsr), como todos nós, estudava em escola pública. Meus pais sempre foram muito rigorosos com todos os seus 14 filhos, para que não faltássemos as aulas, e sempre procuravam ver nossos cadernos para checar a produção diária de exercícios, dever de casa, etc.

Certa tarde, estávamos sentados em frente à TV, pois ia iniciar o programa do palhaço, chamado Alecrim, o Clube do Guri. Na época, ainda não havia televisão colorida, era só preto e branco, mas eram momentos mágicos que nos permitiam sonhar com o picadeiro de um circo. As atrações que todos os dias assistíamos eram demais. Mas voltemos a falar na tarde em que estávamos acomodados em frente à televisão para assistir o Clube do Guri.

Como sempre, toda vez que se anunciava o Alecrim da beira d’água e o Nequinho, a emoção era demais. Lá pelas tantas do programa, foi feita uma pergunta para os estudantes que tinham ido participar do programa ao vivo. A resposta certa saiu do meio de uma turma de garotos, e os aplausos foram muitos. O Alecrim chamou o garoto para receber um “quilo de bombons” e, para nossa surpresa, aparece no vídeo o nosso irmão, que havia ido pra aula e que, com certeza, tinha gazetado pra ir ao programa Clube do Guri. Em uníssono, nós gritamos: “Mamãe, olha o mano na televisão”. Nossa mãe, furiosa, respondeu: deixa ele chegar em casa. Mas o feito estava feito, e quando o Cirinho chegou em casa, a pergunta inicial da nossa mãe foi a

seguinte: Fostes pra aula? Sim mamãe, respondeu o menino assustado, e ela imediatamente disse: Mostra o caderno (que deveria estar com o exercício e a data do dia...).

Não é preciso dizer que não havia nada daquela data no caderno e o meu irmãozinho recebeu uma daquelas belas surras que, conforme nossa mãe diz: “Triste as pancadas que foram em vão...” (O meu irmão que o diga...). O danadinho foi motivo de muita encarnação por muito tempo, além de suas costas também terem ficado ardidadas por dias, por causa das lambadas de cinturão que, na época, foram as nossas correções e que resistimos sem trauma nenhum.

Recentemente, os Palhaços Trovadores, que fazem parte de um grupo de teatro de nossa cidade, encenaram a peça: “SECRETÁRIA, TRAGA UM QUILO DE BOMBONS” e uma nostalgia imensa nos fez lembrar daqueles momentos. Decidimos levar nossa mãe de 92 anos para rememorar aqueles momentos e o meu irmão, claro, também não poderia faltar. Quando vi seus olhos cheios de lágrimas ao assistir junto conosco aquelas interpretações perfeitas, como o Alecrim da beira d’água que era idêntico ao real, também me emocionei bastante.

As brincadeiras, as molecagens e, principalmente, o quilo de bombons, que nada mais era do que somente três ou quatro bombons dentro de um saquinho, fez com que a diversão corresse solta, com direito, no final do espetáculo, a uma foto com os palhaços e todos os participantes do enredo.

Parecia que o tempo tinha retornado e que, novamente, estávamos em frente à televisão, que ficava imponente sobre o armário da sala e nós, no sofá, assistindo, se divertindo e com uma vontade enorme de ganhar o quilo de bombons que só meu irmão, dentre os 14 filhos, conseguiu, apesar da consequência dolorida. Tivemos muita alegria de sentir novamente a presença do palhaço Alecrim da beira d’água e o Nequinho, e de voltarmos para um passado distante, que nos trouxe um bocado de felicidade, principalmente nos momentos bichudos que estamos enfrentando, em que estamos precisando dar muitas gargalhadas, sorrir mais e de sermos felizes.

DE MONET À PICASSO

Raphael Carmesin Gomes

UFPA/PROEX

Vi recentemente uma notícia que me deixou embasbacado: “mãe corre o risco de perder a guarda de sua filha por arremessar-lhe uma sandália no rosto”. Pense numa notícia representativa da falência de nossas instituições! Um juiz que não compreende a fina arte e o doce engenho dos arremessos de sandália, por parte de nossas mãezinhas, é um inepto para julgar: não deveria ser juiz nem de jogo de botão.

No século passado era selado. Todo dia era dia de travinha. Todo dia era dia de fazer arte. A minha mãe, coitada, cansou de arremessar suas havaianas para o meio da rua, no intento de fazer justiça. Mas nunca fui pego. O sol rutilava na alvura daquela havaiana pequenininha e eu, como um gato, me desvencilhava das “balas”, como em *Matrix*.

Mas a noite vinha e com ela a surra prometida. Encardido mesmo, pé preto de lama, recebia aqueles pescoções merecidos e que agora apanhava de cinto, já que a tinha feito passar vexame em público. Por fim, ela me dizia, com um sorriso entevisto: acho que esse menino vai ser artista, pois só sabe fazer arte...

Certa feita, brincando de guerra, eu fui buscar a pólvora no pó de café. Derrubei tudo em cima de mim. Ali, todo borrvalho e com lágrimas de desespero, percebi que o chão da sala parecia uma pintura abstrata. Nunca soube ver sentido em uma pintura abstrata, mas aquela tinha significados apocalípticos: dor, caos e ranger de dentes.

Quando ela chegava do trabalho assoviando, eu já entendia, porém, achava que só receberia um castigo moleza: limpar algo aqui ou deixar de fazer algo acolá. Então, dizia, me puxando a orelha: onde tu vais parar, meu artista? Eu nem conseguia lhe encarar...

Mas eu cresci e ela encolheu. Ficou enrugadinha, toda doente. Passou a usar óculos e me dizia. “Estás diferente!”, meio impressionada. Então, eu que ia lá, pegava-lhe a lente do óculos e limpava, lustrava e colocava para ver o que ela via: as cores do mundo já misturadas. Como eu me impressionava com o impressionismo dela!

Suas havaianas foram substituídas por pantufas, era mais confortável. Em um andar claudicante, ela arfava de cansaço e suava naqueles vestidos ensolarados, como que costurados na oficina do Van Gogh. Ligava o ventilador, mas não era o suficiente. Sua pele derretia pelos sulcos que surgiram no seu rosto. Em quanto desse cansaço eu tive culpa, meu Deus?

Agora era ela quem deitava no meu colo, e eu acolhia aquele corpo de mãe-filha como em uma *Pietà* às avessas. E, de fato, aquela pele era já uma pele machucada de outras épocas, pergaminho escrito por muitos séculos, já que a gramática materna transcende as eras e revolve as estações. Aquelas veias brilhavam, recortando a geografia que entropiava, “neblina que logo passa”, diria um São Tiago.

A Bíblia amarfanhada de tantas leituras responsivas, tantas rezas respondidas, por lágrimas de uma vida de vigílias – prédicas silenciosas – vertidas pelo encontro com o divino. Que tantas misericórdias e tantas punições, minha Nossa Senhora! Deus não arremessava sandálias, mas disciplinava aos que amavam, como a minha mãe...

Tinha hemorragias intensas e como ela sangrava! Lembro-me de certa feita ter encontrado uma poça de sangue embaixo da cadeira onde ela se embalava. A coitada dormia, e eu via o reflexo daquele rosto compassivo naquele lago coralino. Lembrei-me da figura de Escher – a poça de água –, aquela em que uma linda e luzente copa de árvore era refletida por um chão de lama pegada. Como aquilo que mais nos desespera encerra o que mais nos comove...

Sob os seus espasmos e dores físicas constantes, fui refletindo sobre o cansaço de minha mãe. Ela, algumas vezes, dava a entender que já podia ir, estava satisfeita. Eu não virei artista como ela vaticinara, ao contrário, me inseri em uma profissão qualquer, insípida, sem transcendência, sem metafísica.

Até que ela me deixou assim, burocraticamente, sem poesia, sem arte. Sofreu deveras e se debatia pedindo a paz. Chutou um velho vaso lusitano que comprara ainda quando eu era bebê. Ameaçara-me sempre caso eu ousasse tocar naquele bendito vaso. Pois o vaso se espatifou em pedaços interessantes, sob os gritos de minha mãe, partido em gemidos de morte. A luz que passou dos seus olhos azuis tornou-se em luz artificial, projetada pela lâmpada fluorescente. Era madrugada. Sentei, tomei um trago de algo que não lembro e chamei a ambulância, mesmo sabendo que já era tarde.

Ali, contemplando a minha mãe, percebi que no chão os restos do vaso formavam um quadro cubista que até Picasso admiraria. Mas e daí? Minha mãe se fora.

Logo, logo os peritos iriam analisar o que foi o seu corpo, como em um quadro de Rembrandt, para então poder enterrá-la.

Minha mãe sim que foi artista. Talvez tenha lido aquele filósofo bigodudo, quem sabe, para o qual sem arte a vida seria insuportável. E ali, emoldurada no caixão preto, partiu como em um porta-retratos.

AS TARDES NO 306, EM BELÉM DO PARÁ

Jose Carlos Vanzeler Pompeu

UFPA/Vice-Reitoria

O conhecido ônibus 306, de transporte público municipal, que faz rota da Universidade Federal do Pará até a Pedreira, é muito famoso na cidade de Belém do Pará. Dizem que todos os que o utilizam com frequência já presenciaram, senão um assalto, mas alguma situação estarrecedora, seja dentro dele ou nas ruas por onde passa. Naquela tarde de sexta, na avenida José Bonifácio, próximo ao cemitério Santa Izabel, foi a minha vez.

Eu, da janela do 306, o avistei. Ele vinha descalço, com uma bermuda velha e uma sacola na mão esquerda com o que parecia ser algum tipo de alimento. E a mão direita vinha sobre o ombro esquerdo, estancando o intenso sangramento de um ferimento sofrido. Não se sabe o que provocara a moléstia, mas apesar do corpo ensanguentado, ele parecia calmo, andando pela calçada com sua sacola e pedia ajuda a quem passava. Ele parecia ter aceitado sua condição, mas demonstrava ter esperanças de que alguém notasse a desgraça a qual foi acometido.

Na avenida José Bonifácio passavam pessoas, passavam veículos com pessoas, de todos os tipos: carros de luxo, carros novos, carros seminovos, táxis, motocicletas, bicicletas. Mas ninguém parava. Aquele desgraçado estava longe de qualquer local de atendimento hospitalar e, possivelmente, não tinha um centavo sequer no bolso, mas parecia calmo, envolto no sangue e com sua sacola na mão.

E por falar nos carros que passavam e não paravam para socorrer aquele animal, que calmamente agonizava, é possível pensar que, para eles, mesmo ferido, poderia representar algum tipo de ameaça. Fosse uma ameaça física, ou o mau odor e a sujeira que causaria no banco do passageiro.

Não se sabe ao certo o porquê daquele animal estar ferido, mas certamente muitos carros que passaram, com seres humanos dentro, tinham seus motivos para não parar, talvez fossem motivos menos humanizadores que parar para socorrer um animal ferido como aquele. É possível imaginar, e acredito verdadeiramente, que muitos dos seres humanos que passavam, e não paravam para socorrer aquele animal, sentiam no coração uma certa angústia pelo seu sofrimento, uns devem até ter rezado e pedido a

Deus para que o ajudasse, e outros devem até ter se sentido impotentes por não poder fazer nada.

Mas as pessoas seguiam seus caminhos em seus veículos.

E o animal seguia o dele.

São assim as tardes no 306, em Belém do Pará.

A URBE E SEUS CHEIRINHOS

Norberto da Silva Marques

UFPA/IFCH

Todo mundo sabe que o olfato é um dos sentidos do corpo humano que nos permite perceber o mundo a nossa volta e as situações nas quais nos encontramos. Ele nos revela os mais variados odores, sejam agradáveis ou desagradáveis, dos ambientes, das coisas e das pessoas, e que cada aroma revelado pode ficar impregnado em nossa memória como uma marca definitiva que podemos definir como registros olfativos.

Certamente, há registros que são tomados de igual modo pela coletividade, configurando-se em uma marca, uma característica que se estabelece na relação coisa-odor. Como não lembrar do patchouli que, ao paraense amazônida, constitui significativa fonte de lembrança da querida cidade de Belém, ou mesmo o cheiro da manga que, na época de fruto maduro, se desprende dos altos galhos das mangueiras que formam os corredores verdes das formosas avenidas belenenses. Assim, tantos outros cheiros estão coletivamente registrados na memória de nossa gente.

Mas além dos registros coletivos, há aqueles individuais, particulares, pessoais. Cheiros que trazemos na memória e que instantaneamente instalam sentimentos mesclados, geralmente, de recordação e saudade. Tal é o caso do perfume da pessoa amada, que nos arrebatava o coração, arrancando suspiros, e se fechamos os olhos e inspiramos com intensidade o referido aroma, é como se fôssemos invadidos e dominados pela fugacidade de desejos escondidos. Nos casos em que não temos mais o amado conosco, a lembrança suscitada pode vir acompanhada de uma pontinha de dor e, a depender da intensidade da perda, possivelmente há de nos arrancar uma lágrima. Entretanto, não se trata somente dos amores carnavais, pois a mãe traz na memória o perfume de um filho distante; bem como o cheiro de uma rosa que poderá nos remeter à lembrança de graciosa avozinha.

Todavia, não são apenas odores agradáveis que nos marcam; por vezes, trazemos na memória recordações de ambientes que são associadas a cheiros que nos tocam até de forma repulsiva. Quem nunca torceu o nariz quando evocava a lembrança do “cheirinho de hospital”? Aliás, há quem alegue que determinados desinfetantes carregam esse estigma e, por isso, evitam-lhe a compra. Como esquecer um dos pontos

mais marcantes da cidade de Belém, o Ver-o-Peso, cuja mistura indelével de ervas, frutas, peixe e sujeira nos toca profundamente a alma?

Portanto, de cheiro em cheiro, vamos passeando pelos vagões de nossa mente, abarrotados dos mais ricos registros e experiências, confrontando nossos atos e posturas civilizatórias, pois o grau de pureza, de higiene e, por conseguinte, de agradabilidade do perfume, denotam nossa posição na escala evolutiva... Será?!

Certamente que, se nosso cheiro não nos coloca acima ou abaixo dos irmãos do norte e do sul, denota como nos relacionamos com o meio à nossa volta, pois veremos, teremos, sentiremos espaços e ambientes pelos aspectos mais perceptivos que apresentam, sob larga medida resultante de nossas ações, sejam elas individuais ou coletivas.

Ainda outro dia, para exemplificar o argumento que desenvolvemos até aqui, enquanto esperava o ônibus da tarde que me levaria de volta para casa, após um exaustivo dia de trabalho, pude perceber com repulsiva revolta o forte odor de urina que exalava no local onde me encontrava. Era uma parada de ônibus, situada em uma avenida que eu diria estar a meio caminho entre o centro, com sua burguesia negligente, e a periferia, de gente humilde e desinteressada.

Mas por que aquele mal cheiro me causaria tanta indignação, ao ponto de se tornar tema destas linhas? A resposta, se não é simples, se torna clara por tudo que dissemos anteriormente, pois a atitude de se aliviar pelos postes, muretas e cantinhos abandonados ao descaso ou à escuridão revela que o autor, de tão repugnante ato, pouco se importa com as convenções que estabelecem a boa relação entre os indivíduos de uma coletividade. Além do mais, transforma o ambiente num verdadeiro esgoto a céu aberto, propiciando a proliferação de muitas pragas e, por conseguinte, males.

Vale lembrar que, embora utilizemos o termo autor, não nos referimos a esse ou àquele indivíduo especificamente, pois “tirar a água do joelho” – expressão muito usada no passado – é um hábito nacional (quicá mundial) de quase todos os indivíduos do gênero masculino. Sim, mijar pelos cantos é algo do homem (digo isso sem muito orgulho), pois é inimaginável mulheres baixando as calças, ou levantando as saias, por mais apertadas que estejam, e entregando-se ao prazer de despejar o conteúdo de suas bexigas nos cantinhos escuros de alguma esquina. Certamente, elas, por pudor e dificuldades físico-materiais, não se deixam entregar a essa prática.

Agora, imagine o quadro terrível que encontramos quando os mais levianos, além do dejetivo líquido, tomam a liberdade de deixar material mais sólido. Logo se instala o

caos, pois com o sol belenense do meio-dia, se processa a mistura desses materiais fétidos que podem representar bem mais que o mal-estar pelo desagradável quadro e, certamente, basta que o primeiro se dê a tal desfrute para que outros o sigam.

Mas, apesar de tudo que possa ser dito, esse ato de libertinagem que nos deixa o desagradável odor de nossa mais perceptível falta de educação é muito comum pelas ruas de Belém. Basta um poste ou um cantinho mais isolado para que os marmanjos se aliviem na mais tranquila cara-de-pau, transformando tais lugares em ambientes fedidos, imundos e repugnantes. Então, entre um xixi aqui e outro ali, vamos transformando nossa querida “Cidade das Mangueiras” no pinico geral da galera.

A MENINA QUE FAZIA CHOVER

Benjamim da Costa Araujo

UFPA/PROGEP

Marina era uma dessas crianças que nasceu sob o signo do autismo e até bem pouco tempo não falava uma única palavra, apesar de se comunicar como ninguém. De um silêncio inquietante e encantador, sorria sempre de braços abertos como se tivesse debaixo de uma prazerosa chuva, deixando-se inundar por uma excitante alegria. Estudava numa escolinha municipal aqui perto de casa e todos os dias, durante o caminho, era como se esta chuva também estivesse sempre presente. Íamos caminhando no trajeto para a escola e no seu primeiro contato visual da manhã, com os carros que passavam velozes, ela abria os braços e fervorosamente abanava as mãos, como se regesse uma estranha sinfonia de buzinas, roncões de motores e canos de descargas. Sua expressão de alegria era uma obra de arte que, embora não a entendêssemos, envolvia-nos por uma completa atenção e atitude contagiante.

Ao atravessarmos uma pequena e quase abandonada praça no bairro, e mesmo numa cidade tropical que não conhece o outono, vivenciávamos algumas folhas se deslocando entre as árvores antes de se acumularem no chão. Para Marina, estas folhas mais pareciam raios caindo inesperadamente, dos quais ela desviava os ombros e, com um olhar um tanto apreensivo, gritava para nos alertar do eminente perigo de uma tempestade. Embora estivesse assustada com estes “raios”, ela sempre esboçava, ainda que tímido, um sorriso ao final de cada um destes episódios.

Na escola, Marina era uma entusiasta pelo intervalo do recreio. Ao observar as crianças correndo na área de lazer, aproximava-se calorosamente delas e as abraçava como se ela fosse a própria chuva, encharcando as crianças numa ciranda de alegria e, em seguida, pulava e gritava sem parar, sentindo-se sobre pequenas poças d’água.

Aluna da turma de Educação Infantil II, a aula de hoje era sobre natureza, e a professora, como de costume, nem sempre conseguia a atenção de Marina na sala, pois esta ficava interessada em fazer outras coisas. Quando não estava nas pontas dos pés como uma bailarina, girando em torno de si, estava brincando como se estivesse em um carrossel. Marina tinha um olhar aparentemente distante de todos ali na sala.

Nesta aula, ela se aproximou da janela e ficou um tempo contemplando algo no pátio da escola para, numa atitude repentina, abrir a porta, e sair às pressas pelo longo corredor até chegar no pátio e se aproximar de uma árvore muito frondosa. Com uma expressão de paixão, mas de simultânea docilidade, Marina abraçou-a demoradamente como se fosse alguém familiar. Por suas mãos nutria-se um diálogo silencioso e afetivo.

A professora, que chegou em seguida, encantou-se da cena ao perceber que sua aluna havia compreendido muito bem a importância de se preservar a natureza. Não demorou muito para que toda a sua turma estivesse ali, por sugestão da professora, para repetir o gesto de Marina diante daquela árvore. Quando questionada por sua professora se gostava da árvore, ela abriu um largo sorriso no rosto e, erguendo seus braços, começou a balançá-los, como se fossem os galhos de uma árvore a que o vento soprava, ora como uma leve brisa, ora como um vendaval. Marina procurou imitar até mesmo os sons destes ventos e, mais uma vez, seus gestos, por estímulos da professora, foram contagiando seus colegas de sala, levando o pátio da escola a parecer uma floresta exuberante e alegre, como se saísse de um conto de fadas. De fato, as suas mãos parecem guardadas por uma magia, e tudo que toca logo se enche de uma alegria sem fim, fazendo transbordar um mar de pequenas poças d'água.

Já em casa, e num momento de rara esperança, vejo Marina parada diante de uma paisagem de nada - ou talvez não! Um fim de tarde no quintal de casa e um céu com tons acinzentados e ela, com o dedo indicador, desenha entre as nuvens de um azul marinho, suas figuras prediletas: barcos, baleias, balões... e tudo o que sua imaginação e sonhos permitem... Sim, Marina é feliz com este mundo, o seu mundo!

Ainda que estivesse um pouco distante dela, pude perceber quando Marina pronunciou algo monossilábico e por repetidas vezes, olhando para o céu: "uua, uua, uua...!" E em alguns minutos a sua "uua" se fez "chuva". Era uma satisfação perceber como ela recebia de forma tão calorosa as primeiras e suaves gotículas de chuva em seu rosto. A chuva invadiu noite adentro, e esta noite nos inundou de uma extasiante alegria.

A CULPA FOI DO CAFÉ

Daniela Figueira Alano
UFOPA/Ouvidoria

Mais um dia ele acorda de uma noite mal dormida, com olheiras tão profundas e escuras, que o envelhecem cerca de dez anos. Toma banho rápido, veste uma roupa básica e vai para o seu trabalho na repartição. Ao chegar em sua sala, encontra a nova estagiária que apenas estava em seu segundo dia. A cumprimenta com um bom dia desanimado, caminha até sua mesa, senta em sua cadeira, liga o computador e, como estivesse fingindo uma naturalidade despretensiosa, pergunta:

– Tem café?

A moça, recém-chegada naquele ambiente um tanto desconhecido, responde timidamente com a voz quase inaudível:

– Não.

– Então, por favor, prepare um – disse ele – explicando que o pó de café estava dentro do armário, a cafeteira ficava ao lado do micro-ondas e o açúcar na geladeira, para não atrair formigas. Neste momento, a menina arregalou os olhos, pois nunca em sua vida havia preparado um café, e muito menos sabia como manusear uma cafeteira. Em sua casa nunca tivera uma, e a bebida de todas as manhãs era preparada por sua mãe da forma tradicional, com a água fervendo e o passador de café. E se quebrasse alguma coisa... do jeito que estagiário tem fama de sempre levar a culpa, pensou ela.

Ele imediatamente percebeu a reação da moça e ficou muito preocupado, imaginando que ela devia estar lembrando da lei do estágio, que enfatiza que deve haver compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

Sendo assim, deduziu que a estagiária não deveria fazer coisas que não eram suas atribuições, como fazer café, por exemplo, pois isso poderia ser considerado exploração, e por um instante imaginou que pudesse ser denunciado por tal atitude.

Neste momento, os dois se entreolharam com expressões apavoradas, por diferentes motivos que só cada um sabia. O clima tenso perdurou por longos dois minutos, até que o silêncio foi quebrado pelo telefone que tocou. Nessa hora, como se tivesse um ímpeto de coragem, ela levantou e foi diretamente à cafeteira. Olhou,

examinou o objeto que parecia de outro mundo, até que o chefe percebeu a sua falta de habilidade ao manusear o aparelho e, nesse momento, ela admitiu que não sabia como fazer café, então, pacientemente, a ensinou e percebeu que foi por este motivo que ela havia ficado nervosa. Aproveitou para revelar que também ficou receoso por conta da lei de estágio.

Após alguns minutos, o café ficou pronto. E como uma nuvem de alívio a envolvesse, tranquilamente, disse que conhecia a lei, e que por ela não havia problema algum preparar um cafezinho de vez em quando, pois também amava a bebida.

E dando um gole na xícara de café preparado pela primeira vez, pediu desculpas pelo mal-entendido, e ele, muito compreensivo, respondeu:

–Não precisa se desculpar, porque dessa vez a culpa foi do café.

SESSÃO III

POESIAS

PRIMAVERIS

Glória Maria da Silva Martins

UFPA/PROINTER

Caiam as cercas,
Terra livre,
Arada, a muitas mãos,
Nas sementes que nas asas trazias,
Deitaram certeiras,
Invisíveis,
No colo da terra,
Insensíveis às intempéries,
E a descuidos vários,
Seguem germinando,
Feito música,
O coração dos amantes.

Fez o mundo em tempestade,
Junto com a dor e o desamparo,
A terra mostra-se arrasada,
Entulhos espalham-se,
Os brotos a chuva levou,
Bateu um desespero,
Tudo se fez dor.

No sereno o silêncio se espalhou,
Frio noturno,
Agonia e desamor,
Terra e liberdade,
Agonizam.

Uma nova alvorada,
Primavera claudicante,

Postou-se no horizonte,
Sorriso tímido,
Forte em reinventar-se,
Rígido caminho,
Abriu-se por entre a juquira oportunista,
Dançou-se na capoeira,
Mística de paixão e labor,
Que o crepúsculo celebrou.

Abriram-se os olhos da manhã,
Passos largos,
Correria,
Canções de vida,
Fizeram-se ouvir,
Girassóis impressionistas,
Pululam,
Expectativas,
Fez-se festa,
Donde já nada existia.

Lua, lua prateava,
Alumiando esses campos,
Primaveris,
É quase outubro,
Tempo de revoluções,
De um tempo germinal,
Açoitando possibilidades do porvir,
Do chegar.

Partiu-se em zilhões de cores,
Brilhantes,
Raios impactados pela dourada cabeleira,
Que contemplava,
Botões e pensava, pensava,

Se novos brotos brotarão,
Como já agora,
Teima em florescer,
Nesse drão.

MARIA

Jheime Matos de Sousa

UFRA/PROAES

É Maria, Carolina, Lucileny, Catarina
Marcadas por uma vida que poderia ser a minha
Contada em detalhes com palavras cinzas
So-le-tra-das, temperadas
Com doses de dor e fadiga
Mulheres que clamam por mais Vida

C-A-M-I-N-H-O-S_____

Que ardem em pés sem culpa
De quem já ouviu muitas desculpas
E sempre ensaiou um Adeus!
Mas não deu. Doeu!
Teve medo e ... RE-TRO-CE-DEU
Acreditou em mudanças, olhou para as crianças
E como mártir se ofereceu
E sem ter como evitar, sem forças para lutar... se pôs a olhar a fogueira que
ardia...perdida...perdeu

Quanto de vida de mulheres padecidas se alimenta
o machismo desta sociedade atrevida?

E lá vai a Aparecida, DESCIDA DE SEU TORMENTO

Anda apressada,

quase correndo

com sangue e

suor escorrendo

Saída da caverna com pupilas ardidas

Não quis mais saber de pseudo-despedidas

Liberta, reviveu.

Maria queria e con-SEGUIU
PARIU SUA PRÓPRIA VIDA
Dor dilacerante, choro berrante
Maria intrépida sorriu como o rio de águas cristalinas
Nunca mais aquela vida...

Umás renascidas, outras ceifadas
Transformadas em estatísticas, morte matada
Mulheres negadas, silenciadas...a última lágrima que escorreu

EmPODERem cada mulher, cada menina
Para que nunca mais histórias de sangria vitimem mulheres
Apenas por serem MULHERES
Apenas por serem aquelas a quem nenhum direito foi dado
Mas sempre muito foi cobrado e imputado valentia, tirania
Até quando, Meu Deus?

IMA(R)GEM REVERSA

João Marcelino Pantoja Rodrigues

UFPA/ Campus de Breves

Sou preamar

proa mar

pro amar...

nunca me furto ou me farto

parte de mim parte quando fico

outra parte fica quando parto

sou o agora e o nunca mais

a falta que fica quando tu vais

um refluxo intermitente

sou a saudade morando defronte

a linha incerta do horizonte

o tempo que se atira da ponte

e volta ao cais em forma de gente

sou o rompimento de um pacto

o que se pensou e não foi dito

tronco ambulante boiando intacto

sou o que quero e cogito

sou rio barrento

da água elemento

mamífero mutante

uma lenda em um rito

sou a dialética do gozo e da (m)água

fagulha fugaz que o sopro traga
teu igual, tão diferente!
sou relâmpago na nascente
que dura um instante e se apaga

sou leve e levito
um grito ecoando
entre o mato e o mito

poema não lido
sou riso estendido
do rio ao infinito.

O QUE FALTA É CONSCIÊNCIA

Cliciane Santos Melo Sarrazin

UFPA/ICS

Vivemos reclamando de tudo
Dos altos preços, dos problemas na área da saúde
E de tanta corrupção
Mas o que de fato temos feito para mudar a situação?
Na verdade se fôssemos mais conscientes
Deixaríamos de ser coniventes
E juntos mudaríamos o rumo da nação

Somos coniventes ao subornar o guarda de trânsito
Somos coniventes ao jogar lixo na rua
E dar sempre aquele “jeitinho brasileiro”
Esquecemos que benefícios não devem ser limitados a alguns
Mas tem que abranger o todo, tem que ser inteiro

Perdemos tempo demais criticando, excluindo, estigmatizando
E nem percebemos que dentro de casa estamos ensinando
Àqueles que assumirão as rédeas do futuro
E se não soubermos educar,
Se o nosso bom exemplo não falar
Inevitavelmente teremos um amanhã inseguro

A maioria de nós nada entende de política
Tem pouca leitura e consciência crítica
Fatores que resultam em não saber votar
Nos iludimos facilmente com promessas
Nem percebemos que quem as fez não tem pressa
Pois só deseja o poder alcançar

A quem temos dado tanto poder?
Muitos de nós nem sabe responder
Isso porque não temos noção das nossas próprias ações
Relacionadas à moralidade, respeito, decência
Enquanto pessoas, enquanto cidadãos
Não sabemos a importância de nossa existência
Se chegamos onde chegamos
E nem sabemos para onde estamos indo
É, sobretudo, por falta de consciência.

O CAMPUS DA UFPA

Sandra Maria Barroso de Almeida

UFPA/Reitoria

Ainda sinto meu coração pulsando forte ao adentrar o Campus da UFPA, passado mais de 30 anos.

A Paisagem é indescritível.

Ouvir os cantos dos pássaros, observar as garças saltitando próximo a Biblioteca Central.

E, quando estamos na época do jambeiro, perto do Ginásio, o chão é um tapete vermelho.

E, os ipês, suas flores, trazem seus encantos, que lindos!

Que paisagem esplêndida o Campus nos oferece.

E, as pessoas, andando depressa, correndo, de cabeça baixa, no celular, e, esquecem, de observar as belezas que este lugar nos oferece, para ficarmos bem.

E ainda tenho o privilégio de olhar do terceiro andar do prédio da Reitoria, o rio, com suas águas calmas e agitadas, as árvores que nos oferecem um espetáculo maravilhoso, com suas folhas paradas, outras vezes agitadas, no seu balanço característico.

A Natureza é um encanto e perdemos esses encantos, por não nos oportunizarmos, esses momentos.

Experimente observar a Natureza, dentro do Campus da UFPA, você vai se surpreender com tanta beleza!.

NA BORDA DO ASSOMBRO

Anselmo de Sousa Gomes
UFPA/Campus de Castanhal

Ainda é noite
A luz tarda e falha
Jugular às vésperas do vampiro

A essa hora
Nuvens de aviões cruzam os dedos
Decolam gafanhotos de Amsterdam

A essa hora, ainda,
Todos os amantes se abraçam
Contra a fome dos precipícios
Maremoto de dedos entrelaçados
Arrancando: pele osso promessa

Ainda é sombra
Deus dorme nu sob a abóboda do mistério
E manda seus sonhos como chuva
Como os pecados que não ousa

A esse tempo, a avenida é cheia de contrariedades
Carro contra espasmo
Semáforo versus nada

A esse instante, duvido
Que não haja pelo menos um sangramento nasal
Um pedaço de dor perambulando

Ainda é breu
E os doze trabalhos

Zombam da força de Hércules
Nesse mesmo segundo
Uma névoa opaca
Desperta a última ingenuidade
Desperta
A palavra que a tudo encerrará

MIGALHAS NO TEMPO

Reinaldo José Vidal de Lima
UFPA/Campus de Ananindeua

Sede e lama,
nem pingo d'água.

Sonhos
e lamentos.

Entre gretas
na seca,
o tudo é nada.

Silêncio
ao relento.

No canto,
o ranger
vem de dentro.

Por fora,
cadê o
vento?

Do voo
esquecido,
só
miragens.

Ilusões
vêm da
mente.

O mar
esquecido,
os peixes

que clamam
e o sol
bem mais
quente.

A roda
girante,
migalhas
no tempo.

Quase
sem
gente.

MANUAL DO QUE NÃO FAZER AO SER PROFESSOR

Fabiano Hector Lira Muller
UFOPA/ Campus de Itaituba

Não pense que o aluno é vazio.

Não se ache autossuficiente.

Não imagine que está sempre certo.

Não trabalhe tanto.

Não esqueça...

Família.

Saúde.

Vida.

Não seja por ser.

Não faça perder tempo.

Não perca tempo.

Lembre-se...

O tempo.

.

.

.

O tempo passa.

FILHO DA PÁTRIA DESALMADA

Jair Francisco Souza Magalhães

UFPA/IFCH

Já não faço questão de ser patriota

Pois não sou nenhum idiota

Amar a pátria de barriga vazia

Só pra sustentar a burguesia.

Não fiz questão de jurar a bandeira

Pois sempre achei uma grande besteira

Morrer pela pátria como herói nacional

Tudo isso pra mim pega mal.

Não tive “glória no passado”

Talvez nem “paz no futuro”; tá tudo errado!

Sou vítima do desgoverno e da corrupção

Por isso levo uma vida de cão.

Viver neste país é um desengano

Quero ser guerrilheiro urbano

Pra ganhar o pão de cada dia

Que vive em poder da burguesia.

Saúde, moradia e educação

Não são metas prioritárias desta nação

Eles optaram em corromper

E vivem abusando do poder.

Já estou cansado de promessas não cumpridas

Do descaso e de tantas ilusões vividas
Quero morrer questionando a vida inteira
Enquanto houver resquício da bandalheira.

Não sei o que será de mim e de nós
Quem nos espera é um futuro atroz
Tá na hora de sair às ruas para protestar
E a guerrilha urbana começar.

Diante de tanta hipocrisia
Já não sei o que é democracia
Dizem ser o governo do povo
Mas não vejo nada de novo.

Só sei que sou filho da pátria desalmada
Poucos com muito e muitos sem nada
Depois que me tornei um cidadão esclarecido
Me chamam de subversivo.

E O POETA CHOROU

Rosiris Lopes Rodrigues Mendes

UFPA/PROGEP

O Poeta chorou,
mas eu não vi suas lágrimas caírem,
só percebi seu olhar perdido no vazio.
Mas as lágrimas, estas não se derramaram,
Quando deveriam ser bastante
e derramadas a esmo, sem controle.
O poeta chorou, um choro sem lágrimas, um choro de saudade,
talvez um choro surdo para não influenciar sua amada,
amada que nem o abraço necessário eu percebi.
Um abraço que os casais não conseguem mais se dar,
nem o abraço no momento do adeus ao seu grande amor,
o filho amado estava partindo...
E o poeta chorou,
um choro que nunca se ouviu e que nunca se escutou,
um choro doído, dentro do coração,
onde as cabeças baixam e seus rostos traduzem suas tremendas dores.
E o Poeta chorou,
um choro sem pranto,
um choro sem ruído,
um choro dolorido,
um choro de saudade,
mas eu sabia que aquele coração gritava
quando o corpo do filho amado baixou a sepultura
e um adeus, um adeus sem cordel, sem lápis, sem papel
um adeus mudo fez o universo se iluminar,
como grandes estrelas de origami
coladas em minha parede.
Chegou a hora da partida
e nada ninguém podia fazer,
só perceber que o poeta chorou...**Pititinha**

DISFARCE DE TEMPO

Raphael Carmesin Gomes

UFPA/PROEX

Hoje, meu cachorro morto
Foi enterrado feito um disfarce
No quintal de uma nova casa
Sobre o pé daquele mamoeiro
Onde Urinava e Uivava...

Seu testamento?
Uma bermuda rasgada;
Um chinelo roto;
Unhas roídas;
Asas quebradas;
E a desesperança.

Dizia-se meu amigo...

Eu não quero nada disso cachorro besta...
Devolve o meu disfarce de criança!

DESCANSO

Líliam Cristina Barros Cohen
UFPA/ICA

Às vezes eu permito que as águas quentes do chuveiro caiam nos meus ombros.

Um de cada vez,
Calmamente.

Não me demoro muito,
Água é bem precioso,
Digo isso porque tenho água;
E quente.

De onde acho que posso me demorar?
Há quem não possua água,
Quanto mais quente.

Cai água,
Demoradamente,
Um ombro de cada vez.

Ouçó o eco do meu choro lá fora;
Ao som da água nos meus ombros
fico surda.

De onde acho que posso ficar surda às vezes?
Há quem não possua chuveiro,
O eco de seu choro é rastro de sangue.

Estenderia tapete de flores para todas nós.
De longe, desfaço-me de minha surdez,
do juízo de minha alma,
E Junto meu choro a esses choros de sangue.

DE REPENTE PROFESSOR

Ronne Clayton de Castro Gonçalves

UFOPA/Campus Itaituba

A docência hoje vivida,
Talvez não fosse vivida.
Caminhos para alcançá-la,
a priori de mim se afastou.
A experiência...
A vivência...
Me fez entrar por esta porta!
Que porta?
Da possibilidade de ensinar.
Ouvir o outro.
Trocar discursos.
Expor ideias.
Repensar o previamente pensado.
Envolver...
O professor precisa disso para ser.
A contribuição do docente.
No presente o aluno sente.
No futuro, do discente será cobrado.
Então, certamente lembrará do professor.
Que muito se importou a todo instante.
Para que todos tivessem um futuro brilhante.

DA IMPERMANÊNCIA DO CAOS PERMANENTE

Daniela Figueira Alano

UFOPA/Ouvidoria

Não corres menina
Não feches a casa
Não vês que a chuva é fraca!
Nuvem carregada possui a efemeridade de uma flor
Não vês que ela já passou?
Chuva fraca é como o orvalho
que refresca e renova
as manhãs perfeitas da vida
Por isso, menina, abra a janela
Deixe o encanto entrar
E vá aquietar

CIDADÃO ALIENADO

Kátia Tavares Campos

UFPA/IFCH

Você aí parado
Cidadão abestalhado
O teu comodismo não te deixa ir à luta
Por isso vives explorado.

A fome bate a tua porta
Pra ti nada disso importa
Reclama da situação econômica
E na crise não suporta.

É melhor reivindicar os teus direitos
Que ficar à mercê dos eleitos
Que nada fazem pra mudar
Só querem teu voto no dia do pleito.

Nada mais tens a perder
Não tenhas medo de morrer
A revolução da plebe é necessária
Pra tudo renascer.

BEM-VINDOS AO SÉCULO XXI

Gilson Pedroso dos Santos

UFOPA/IBEF

Então, finalmente, chegamos ao Século XXI.

Bem-vindos, meus caros!

Mas tenham cuidado!

Tudo é caos, tudo é caro.

O mundo está imundo

E o Brasil também.

O povo sofrendo,

O mal vencendo o bem.

E Jesus por onde andas e quando vens?

Precisamos de mais amor,

Precisamos de tolerância e direitos,

Precisamos de teto, comida e respeito.

Senhor, senhor, quando voltas?

Antes esperávamos a virada do milênio,

Hoje não esperamos mais nada.

Senhor, senhor, quando voltas?

Salve essa gente que não mais vive,

Que apenas sobrevive.

Os refugiados quem salvará?

As crianças sem os pais,

Na Europa, na América,

Na Ásia, na África...

Quem será capaz de acolher, de proteger

Os mais pobres, os mais frágeis?

O pão de cada dia
Cada vez mais caro.
Falta a vergonha na cara,
Falta a gasolina pro carro.
Política suspeita,
Queda da presidente eleita.
Congresso em fogo,
Políticos feitos loucos
Fazem pouco do povo.

É anunciado aos quatro cantos
A desordem e retrocesso.
A proteína não é confiável
E nesse país quem é?
Os anos que outrora eram dourados
Hoje são desbotados.
Políticos debochados
Querem o fim dos teus direitos,
Querem que tu decomponhas na fábrica,
Trabalhando até o fim.

Nas ruas você não pode andar,
Ou fede ou te roubam.
Os anos outrora dourados,
Hoje são desbotados.
Bandidos tresloucados
Pintam e bordam,
Tudo em nome do progresso.
Progresso pra quem, Senhor Congresso?
Senhor, senhor, quando voltas?
Por onde andas e quando vens?
Queremos saúde, emprego, amor,
Queremos oportunidades, paz e bem.

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Djane de Sousa Barros
UFOPA/Campus Itaituba

Somos seres humanos,
E a todo momento,
Buscamos entre os mandamentos,
Um bom direcionamento.

Pois em nossa sociedade,
Há muita desigualdade,
Principalmente, como se rege a humanidade.

No serviço público,
O atendimento é tudo,
Pois não se deve omitir,
Coisas que são um absurdo.

Horas de espera em filas,
Atendimentos prioritários,
Sentimentos de vidas,
Indo parar em contos do vigário.

Mas há de se confundir,
Toda essa relação,
Pois todos nós somos atendentes,
Dentre as correntes dessa grande nação.

E ao chegar em uma repartição,
o primeiro aviso que gera confusão,
é que o sistema está fora de atuação.

Com isso surgem ideias,

Como agir nessa plateia?
Em que um momento sou cliente,
E em outro sou atendente.

Logo começo a pensar
E fico realmente a imaginar,
Que o serviço público que há,
Tem que se superar.

E nós precisamos ver,
E entender que é preciso aprender,
Pois para atender é necessário ser.

Primeiro, ser cidadão,
Por outro, cumprir a missão.
Logo após superar a ação.

Por fim, executar a tarefa,
Com compromisso e ética,
E tudo conforme a Constituição,
Que na verdade são os mandamentos da sociedade que nos resta.

ALARDEANDO O AMOR

Eulália Soares Vieira
UFPA/ Escola de Aplicação

Dizem-me que não devo propagandear o meu amor
Pois a inveja e a concorrência podem atrapalhá-lo
Digo que o amor pode e deve ser propalado, anunciado, espalhado aos quatro ventos
Basta de ódio, de desamor solto, sem controle e sem freios.
Amoamoamoamoo
Deixem-me dizê-lo, imploro!
Meu amor não é brincadeira
Amadureceu, não é passageiro,
Por que condená-lo ao anonimato?
Meu amor foi provado, merece crédito
Os tempos são de laços efêmeros e descartáveis
Deixem-me espalhar que amar não é sofrer
Amar é viver, sem amor se morre..
Amovivovivoamooo
Meu amor tem nome, é notório
Mas deixem-me explicar que começou frágil, ciumento, inseguro, explosivo,
Teve vírgulas, silêncios, chatices e esperas.
Teve medo, limites e solidão.
Experimentado no fogo, fortalecido nos desafios.
Chegou ao que hoje é...
Um amor imenso, titânico, descomunal.
Que só faz bem e não quer o mal
Deixem-me alardear esse amor imperecível e eterno
Basta de sofrimento e dor nesse mundo pós-moderno!!

PRÊMIO SINDTIFES DE LITERATURA



46 CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS
SOBRE O COTIDIANO E OUTROS QUE
NEM IMAGINÁVAMOS EXISTIR